



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Varlei da Silva

Testemunho de massacre na elaboração da obra
***Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha**

Campinas

2017

Varlei da Silva

**TESTEMUNHO DE MASSACRE NA ELABORAÇÃO DA
OBRA OS SERTÕES (1902) DE EUCLIDES DA CUNHA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em História, na área História Cultural.

Supervisor/Orientador: Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO VARLEI DA SILVA E ORIENTADA PELO PROF. DR. JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO.



CAMPINAS

2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CNPq
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0158-6504>

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Si38t Silva, Varlei da, 1982-
Testemunho de massacre na elaboração da obra Os Sertões (1902) de Euclides da Cunha / Varlei da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: José Alves de Freitas Neto.
Coorientador: Edgar Salvadori De Decca.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Cunha, Euclides da, 1866-1909 - Os sertões. 2. Testemunhos (Cristianismo). 3. Massacres. 4. Direitos humanos. 5. Brasil - História - Guerra de Canudos, 1896-1897. I. Freitas Neto, José Alves de, 1971-. II. De Decca, Edgar Salvadori, 1946-. III. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Witness to massacre in the elaboration of the work Os Sertões (1902) by Euclides da Cunha

Palavras-chave em inglês:
Witness bearing (Christianity)
Massacres

Human rights
Brazil - History - Canudos Campaign, 1896-1897

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora:

José Alves de Freitas Neto [Orientador]

Christina da Silva Roquette Lopreato

Josianne Francia Cesaroli

Iara Lis Franco Schiavinatto

Janice Theodoro da Silva

Data de defesa: 13-09-2017

Programa de Pós-Graduação: História



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 13/09/2017, considerou o candidato Varlei da Silva aprovado.

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

Profa. Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato

Profa. Dra. Josianne Francia Cesaroli

A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

Campinas

2017

Dedico esta dissertação aos meus grandes e estimados inspiradores nesta jornada: ao meu Amigo Prof. Me. César Augusto da Silva Foga, ao meu Amigo Acadêmico Prof. Dr. Celso Lafer, ao saudoso Prof. Dr. Edgar Salvadori de Decca, e, ao Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus Amigos Profa. Dtrnda. **Júlia Rany**, Profa. **Patrícia Mello**, Prof. **Murilo Favaretto** com quem pude contar com generosas informações acerca dos espaços físicos e prazos com documentações para UNICAMP durante o ano de 2014. Assim senti-me acolhido e localizado.

Agradeço aos meus estimados Amigos: Escritora **Maria Adelaide Amaral**, Escritor **Walcir Rodrigues Carrasco**, Acadêmico **Dr. Alberto Venancio Filho**, Profa. **Clélia Maria de Moraes**, Atriz **Gabriela Duarte Franco Goldfuss**, Escritora **Carolina Pasquali**, Ator **Lima Duarte**, Atriz **Fernanda Montenegro** os quais me deram muita força para que eu pudesse seguir avante.

Agradeço aos meus estimados Amigos: Profa. **Fernanda Ellen de Oliveira Nunes**, Profa. Me. **Juliana Bardella** (minha grande incentivadora), Profa. **Maria Lúcia Nastulevitie Alevato**, Profa. **Ângela Almeida**, Prof. **Lucas Mateus Stringueti**, Prof. Me. **Fábio Fiore de Aguiar**, Prof. **Bruno Dias**, Prof. **André Banhos**, Prof. **Cristiano de Angelis Stolf**, Prof. Me. **César Augusto da Silva Foga**, Profa. **Telma Maria Silva** (os três últimos reitero agradecimento por terem me incentivado a vir prestar o Mestrado em História na UNICAMP no final de 2013) com os quais mesmo estando longe pude conversar me distrair e espairecer durante período de bastante estudo e solidão. Agradeço ao meu Amigo Prof. **Konrad Ludwig** pela consideração e apoio para que eu continue os estudos. Agradeço à minha Amiga Profa. **Solange Ferrari** pela atenção e disponibilidade de sempre. Agradeço ao ator **Lázaro Ramos** pela amizade.

Agradeço de coração ao Prof. **Dr. José Alves de Freitas Neto** pela belíssima ação humanitária ao se encarregar da finalização do meu mestrado. Agradeço-o em pé pelo gesto inspirador, e, carregarei esta ação eternamente em minha memória. Reportarei-me ao público a que vier dirigir a palavra que o mundo precisa ainda mais de pessoas como ele. O meu muitíssimo obrigado.

Agradeço de coração e razão ao meu estimado Amigo Acadêmico **Dr. Celso Lafer** que pôde me acompanhar no curso de Mestrado, e, devido ao apoio incondicional para

comigo para que eu pudesse seguir com os estudos, ainda mais na fase final do Mestrado. Grande Ser Humano que obtive o privilégio de conhecer. Um ser humano que carregarei eternamente em minha memória. O meu muitíssimo obrigado.

Agradeço à Profa. **Dra. Christina Lopreato** pela leitura atenciosa, detalhista e experiente do meu trabalho e pelas indicações durante o Exame de Qualificação. Agradeço pela gentileza nas palavras, o tratamento e a consideração pelo meu trabalho. O meu muito obrigado.

Agradeço à Profa. Dra. **Denise Scandarolli** pela paciência e dedicação ao ler meu texto final e apontar sugestões valiosas. Além disso, sou muito grato pela amizade e por tê-la conhecido durante o período de cumprimento das disciplinas do curso de teoria nos anos de 2014 e 2015, em que, acompanhou-nos junto ao nosso mentor intelectual, o Prof. Dr. **Edgar de Decca**.

Agradeço imensamente ao meu Amigo e saudoso orientador Prof. **Dr. Edgar Salvadori de Decca** pela grande experiência, inspiração, inteligência, humildade e respeito à minha pessoa durante o processo do mestrado. Do ponto de vista humano senti-me visível devido à atenção, orientação e confiança na minha capacidade, justamente a um ser humano que veio do trabalho da roça e conseguiu chegar à UNICAMP. Obrigado pelas dicas, pistas, caminhos apontados. O meu muitíssimo obrigado.

Agradeço à Profa. **Dra. Eliane Moura Silva** pela qual guardo grande estima. Aproveito para agradecê-la quanto à leitura atenta, experiente e quanto às indicações valiosas durante a Banca de Qualificação. O meu muito obrigado.

Agradeço a inspiração de todos os **Professores de História do Departamento de História da UNICAMP** que, cada um à sua maneira me tornou mais ainda apaixonado por História. Agradeço à Profa. Dra. **Margareth Rago** deste Departamento com a qual pude estudar bastante durante o cumprimento das disciplinas obrigatórias. O meu muito obrigado pela grande inspiração, visibilidade e respeito à minha pessoa.

Agradeço ao meu Amigo Prof. Me. **César Augusto da Silva Foga** que pôde me acompanhar durante o curso, pelo apoio e humanitarismo incondicional, justamente, em

momentos em que mais precisei. Sem perguntas sempre me estendeu a mão. O meu muitíssimo obrigado.

Agradeço à minha estimada Amiga Profa. Me. **Rafaela Defendi**, grande ser humano que obtive o privilégio de conhecê-la na UNICAMP. Permanecerá eternamente em minha memória devido a grande generosidade e atenção para comigo.

Agradeço à minha estimada Amiga Profa. **Ludmila Veloso** que muito me ajudou e me apoiou em momentos difíceis vivenciados em Campinas-SP. O meu muito obrigado.

Agradeço ao Secretário do curso de Mestrado em História da UNICAMP, **Leandro Maciel Ferreira**, pela atenção, respeito e cuidado no atendimento ao público. Sempre fui muito bem atendido e ajudado quando mais precisei da secretaria da pós-graduação. O meu muito obrigado.

Agradeço ao apoio do **CNPq** porque sem este auxílio seria impossível continuar com os estudos e a pesquisa que há anos objetivei desenvolver. O meu muito obrigado.

Agradeço à minha irmã **Sônia Maria da Silva** pela força, inspiração e humildade de sempre; à minha mãe **Carmen Benedito da Silva**; ao meu irmão **Vanderlei da Silva**; ao meu irmão **Valcir da Silva**; ao meu irmão **Luís Carlos da Silva**; ao meu irmão **Ademir Aparecido da Silva**; ao meu irmão **Paulo Sérgio da Silva**, todos, em suas peculiaridades têm a sua relevância nesta minha trajetória, justamente, àqueles que puderam me acudir em momentos em que mais precisei. Agradeço ao meu pai **Durival da Silva** pela oportunidade de vir ao mundo.

Agradeço aos meus estimados Amigos que muito me ajudaram para que eu pudesse permanecer na cidade de Campinas-SP durante os últimos meses do ano de 2016 são eles: Profa. **Suzana Galhardi** e Sr. **João Jorge Gomes**; Sr. **Luiz Henrique Ayusso** e Sra. **Ângela Saranza Ayusso**; Profa. **Maria Silvia Luppino Manzoni** e Dr. **José Ralphe Manzoni**; Sr. **Sérgio Araújo** e Sra. **Shirley Araújo**; **Victor Laurenti**; Sr. **Adilson Gimenez**; Sr. **Luis Rossi**; Sr. **José Henrique Riva**; o popularmente **Tuquinha**.

Agradeço a Sra. **Amélia Oya** e ao **Sr. Pedro Oya**, os quais puderam contribuir com o mínimo de silêncio e tranquilidade para que eu pudesse estudar e redigir minha dissertação.

Agradeço ao **Benedito Romano (O Benê)** e o Sr. **Luís** do xerox do IFCH. Agradeço ao funcionário da Biblioteca Octávio Ianni conhecido pelo nome **Santo**, pela cordialidade e humanismo, diariamente. Agradeço aos funcionários que carregam o nosso lixo, limpam o nosso chão e todos àqueles que em suas funções nos auxiliam para que possamos desenvolver nossos trabalhos.

Agradeço a **Ogum, Oxum** e a **Deus**.

Dentro do Cocorobó
Ouviu-se um grito
Por almas inundadas
Raquel chorou
Do horror da terra quente,
se escuta
Gritos de dor
Das batalhas e massacres
Milhões de mortos
Da espora da opressão
A triste sorte
Geme o povo dos sertões
Solta gritos
Gritos de dor
Salve, Salve, Canudos
Roga a Deus oh! Maria
Benze o povo e eleva
Cristo é o seu guia
Do navio e da aldeia
Nos misturamos
Índios, negros e roceiros
A marca herdamos
Do deserto de três raças
Deus chama
*A promessa / **Refrão***
De beatos e missões
A fé colhemos
Da escola da enxada
Partilhamos
Do conselho dos profetas,
ouvimos
*Libertação / **Refrão***

Música da trilha sonora do documentário Paixão e Guerra no Sertão de Canudos –
Composição: Fábio Paes / Pe. Enoque.

Resumo

Euclides da Cunha (1866-1909), autor de **Os Sertões** (1902), além de jornalista, é apreendido em nossas investigações como testemunha ocular do Massacre em Canudos, ocorrido no ano de 1897 no sertão baiano brasileiro. O escritor, por meio de produções como a poesia **Página Vazia** (1897), possibilitou a nós, historiadores do início do século XXI, o estudo de sua obra maior, **Os Sertões**. Isso foi possível por meio de novos questionamentos que situamos no âmbito das problemáticas da historiografia, dentre elas, a importância do testemunho e da testemunha ocular no encaixe das representações históricas do nosso passado. Dessa forma, vale salientar que procuramos voltar nossa atenção à escrita do autor circunscrita à terceira parte da obra, **A Luta**, em que Euclides relata com riqueza de detalhes o massacre dos homens anônimos de Canudos. Por outro lado, o estudo de **Os Sertões** conduziu-nos a várias problematizações acerca da história e da memória que nos levam a reconhecer, na sociedade brasileira, o Massacre em Canudos como traumático, devido à atrocidade a que foram submetidos cerca de 25 mil habitantes do Arraial de Canudos. Dessa forma, cabe nos perguntarmos no âmbito desta dissertação: qual relação pode-se estabelecer entre os testemunhos históricos deixados por Euclides da Cunha em **Página Vazia** (1897) e em **Os Sertões** (1902) com os testemunhos históricos do químico Primo Levi (1919-1987), em obras como **É isto um homem?** (1958) e **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades** (1986), para as nossas investigações acerca de Passados Traumáticos? Além disso, qual a importância, em termos de História e Memória, de voltarmos nossa atenção para os estudos sobre Canudos por meio dos vestígios deixados por Euclides da Cunha em suas obras? Ademais, ao investigarmos **Os Sertões** (1902) na relação com os Direitos Humanos, procuramos responder a seguinte questão: em que medida Euclides da Cunha, na ânsia de denunciar o crime que foi o Massacre em Canudos, conseguiu deixar evidenciada em sua obra maior denúncia de crime cometido às vítimas daquele evento limite?

Palavras-Chave: Testemunha Ocular; Os Sertões; Massacre; Direitos Humanos

ABSTRACT

Euclides da Cunha (1866-1909), author of *Os Sertões* (1902), as well as a journalist, is apprehended in our investigations as an eyewitness to the Massacre in Canudos, which occurred in the year 1897 in the wilderness of Brazilian Bahia. The writer, through productions such as the poem **Página Vazia** (1897), enabled us, historians of the early 21st century, to study his greatest work, **Os Sertões**. This was possible through new questions which we placed within the scope of the problems of historiography, among them, the importance of witness and the eyewitness in the search for historical representations of our past. Therefore, it is important to emphasize that we turned our attention to the author's writing circumscribed to the third part of the work, **A Luta**, in which Euclides reports in rich detail the massacre of anonymous men from Canudos. On the other hand, the study of **Os Sertões** led to several problematizations regarding history and memory that make us recognize, in the Brazilian society, the Massacre in Canudos as traumatic due to the atrocity to which about 25 thousand inhabitants from Arraial de Canudos were subjected. Thus, it is possible to ask in the scope of this dissertation: what relation can be established between the historical witnesses left by Euclides da Cunha in **Página Vazia** (1897) and **Os Sertões** (1902) with the historical witnesses of the chemist Primo Levi (1919-1987), in works such as **É isto um homem?** (1958) and **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades** (1986), for our investigations of the traumatic past? Moreover, what is the importance, in terms of History and Memory, of turning our attention to studies on Canudos through the vestiges left by Euclides da Cunha in his works? In addition, in investigating *Os Sertões* (1902) in connection with human rights, we try to answer the following question: to what extent was Euclides da Cunha, in the eagerness to denounce the Massacre in Canudos, able to show in his major work denunciation of the crime committed against the victims to that limit event?

Keywords: Eyewitness; *Os Sertões*; Massacre; Human rights.

Sumário

Introdução.....	14
Capítulo 1. Euclides da Cunha: testemunha ocular do Massacre em Canudos	29
1.1. A função da testemunha ocular Euclides da Cunha para a História.....	50
1.2. A função da testemunha ocular Euclides da Cunha para a Memória	67
Capítulo 2. Canudos: apreensão da narrativa de massacre à revelia do discurso dos vencedores	81
2.1. O silêncio das vítimas de Belo Monte nas vozes que atormentaram o escritor Euclides da Cunha (1866-1909)	92
2.2. A Memória das vítimas submetidas ao massacre no evento limite e passado traumático de Canudos	103
Capítulo 3: A obra literária Os Sertões (1902) diante das perspectivas dos Direitos Humanos.....	117
3.1. Euclides da Cunha, Os Sertões (1902) e o Massacre em Canudos.....	130
3.2. Leitura de Os Sertões (1902) como denúncia de um crime contra seres humanos.....	141
Considerações Finais	155
Fontes	158
Bibliografia.....	159
Anexos.....	172

Introdução

O intelectual Euclides da Cunha (1866-1909) recebeu durante a primeira metade do ano de 1897 o convite do empresário Júlio de Mesquita, proprietário do jornal **O Estado de S. Paulo**, para ir até Canudos junto à quarta expedição militar comandada pelo marechal Carlos Machado de Bittencourt. Saíram de navio no dia 03 de agosto de 1897 da cidade do Rio de Janeiro em direção à Bahia, ou seja, direto ao *front* de batalha. Os militares seguiam a mando do governo federal, o qual objetivava acabar definitivamente com o arraial do líder Antônio Conselheiro. A incumbência dada a Euclides era a de que, na função de jornalista e correspondente do jornal acima citado, cobrisse os últimos acontecimentos daquela guerra que se arrastava desde novembro de 1896. Na volta, outra tarefa foi lhe dada: a de escrever um livro que retratasse os últimos acontecimentos da guerra em Canudos¹. Mal sabia Euclides que, um século e 20 anos após ter testemunhado os últimos acontecimentos no sertão baiano, os documentos, a poesia **Página Vazia (1897)** e sua obra literária maior - **Os Sertões (1902)** - estariam sendo utilizados por nós como fontes historiográficas principais em nossa narrativa. Dessa maneira, é por meio dessas fontes e do estudo de outros documentos escritos por Euclides, durante a sua trajetória de 1897 a 1902 que, optamos por nos debruçar ao estudo da obra **Os Sertões**, a qual reúne passagens dos documentos **Caderneta de Campo (1897)**, **Canudos (Diário de uma expedição) (1897)**, os quais foram escritos pelo autor durante sua viagem à Bahia, e, conseqüentemente a Canudos. Vale assinalarmos ainda que em nossa pesquisa procuramos nos valer do conceito de “Regime de Historicidade”² destacando ênfase às questões historiográficas colocadas

¹ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, pp. 148-150.

² Nota-se que quanto ao conceito de “Regime de Historicidade” François Hartog retrata-o como construído pelo historiador, ou seja, um instrumento heurístico utilizado pelo historiador “para refletir sobre outras experiências do tempo”. Além disso, no que se refere às metodologias históricas e às regras do ofício do historiador, François Hartog assinala que ao pensarmos em regime de historicidade devemos entendê-lo conforme a ênfase que dedicamos ao passado, ao futuro, ou, ao presente, além disso, devemos considerar a relação estabelecida entre essas três categorias. Ademais, Segundo Hartog, a Filosofia, a Literatura, a Sociologia ou mesmo outros intelectuais representantes das ciências humanas e sociais, quando buscam retratar e representar o passado trabalham como se numa solicitação perpétua à História. Ou seja, essas disciplinas devem obedecer a um certo número de regras que são as regras do ofício do historiador e, portanto, devem apresentar provas daquilo que sustentam. Ainda argumenta ele, “Creio que se pode, a partir destes domínios, compreender melhor quais podem ser, em um dado momento, as apostas, não apenas da história, mas também do momento”. Conferir: HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Trad. de Andréa Souza de Menezes. Belo Horizonte/MG: Editora Autêntica, 2013. p. 359- 65.

nesta órbita por meio da inspiração da concepção de presentismo proposta por Hartog, em relação ao passado. Além disso, procuramos investigar como Euclides procurou recuperar do silêncio da história as vítimas anônimas do passado traumático³ ocorrido no nordeste do sertão baiano que, suscitou comoção nacional e crise política no país.

A representação de Euclides do Massacre em Canudos por meio da obra **Os Sertões** nos leva a reconhecer que este evento não deixa de ser situado como um dos acontecimentos mais violentos contra a condição humana ocorrido no final de 1897. Segundo Ventura, a guerra que durou por quase um ano, “terminou com a perda de 5 mil soldados e o massacre de uma cidade, cuja população foi estimada entre 10 mil e 25 mil habitantes. Prisioneiros foram degolados e seus cadáveres empilhados e queimados. Mulheres e crianças foram estupradas e traficadas”⁴. Nesse sentido devemos enfatizar que o estudo da obra **Os Sertões (1902)**, enquanto objeto de estudo, possibilita-nos apreender, por meio de métodos investigativos, parte bastante significativa da trajetória de vida do intelectual Euclides da Cunha. Ou seja, o período entre 1897 e 1902 se configurou, num primeiro momento, crucial em nossa pesquisa. Na investigação da obra **Os Sertões** e de outros testemunhos de Euclides que ajudaram a compor sua obra maior nota-se que tanto o autor quanto a obra *Os Sertões* continuam passíveis de maior aprofundamento investigativo. Por outro lado, a narrativa elaborada por Euclides em sua obra maior muito nos chamou atenção para que pudéssemos investigá-la partindo do terceiro capítulo, “A Luta”. É nesta parte mais narrativa do livro onde o autor narra com uma infinidade de detalhes os horrores que foi aquela quarta e última expedição enviada a Canudos em que ele assistiu na função de testemunha ocular⁵ os horrores da guerra.

³ Vale destacar que, segundo Mudrovcic, o conceito “passados traumáticos” refere-se a um desdobramento do conceito de “passados recentes”. Logo, “passados recentes”, para a autora, referem-se a conceitos como “passados traumáticos”, “passados extremos”, “passados que não passam”. Assim, estes conceitos vêm sendo usados por vários intelectuais na atualidade que retratam sobre fenômenos como massacres de seres humanos, terrorismos, genocídios dentre outros. Conferir: MUDROVCIC, María Inés (editora). **Pasados en conflicto: Representación, mito y memoria**. Bueno Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 14.

⁴ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 175.

⁵ Cabe explicarmos que por meio das concepções teóricas de María Inés Mudrovcic foi possível utilizarmos do conceito de testemunha ocular. Para a autora, testemunha ocular é toda pessoa que assiste acontecimentos que ocorrem à sua frente. Neste aspecto, o sentido de testemunha ocular refere-se, precisamente, aos indivíduos que testemunharam acontecimentos limites (como catástrofes, genocídios, massacres de seres humanos). Dessa maneira, a narrativa elaborada por estes indivíduos são considerados como testemunhos históricos, os quais passam a ser problematizados no âmbito dos debates referentes aos

Euclides, em sua narrativa de Os Sertões “responsabilizou a Igreja, os governos federal e o estadual baiano e sobretudo o Exército pelo massacre dos habitantes de Canudos”⁶. Portanto, é na obra Os Sertões que Euclides deixou registrado: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo”⁷. Dessa forma, por meio dos princípios concernentes aos Direitos Humanos, os quais foram conquistados paulatinamente ao longo do tempo pudemos voltar-mo-nos à apreensão dos eventos traumáticos do nosso passado recente e problematizar o diálogo que podemos estabelecer hoje, com os Artigos 3º e 5º presentes na **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)**⁸, os quais, referendam-se à manutenção e preservação da vida. Nesse aspecto foi possível nos abirmos à reflexão da concepção do Massacre em Canudos concebendo-o através da nossa temática como passado traumático ocorrido no início da República no Brasil⁹.

Para Marco Antônio Villa “Os Sertões acabou por se transformar em uma das mais importantes fontes históricas sobre a guerra de Canudos, não só pela documentação reunida pelo autor mas principalmente pela sua presença no cenário do

limites da representação histórica destes mesmos eventos por parte dos historiadores. Conferir: MUDROVIC, María Inés. El debate em torno a la representación de acontecimientos límites del pasado reciente: alcances del testimonio como fuente. **Diánoia**. Vol. LII, n° 59 México Nov. 2007. p. 128.

⁶ VENTURA, Roberto (1957-2002). – op.cit., p. 198.

⁷ Consultar Nota Preliminar que consta da página XII desta edição: CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968.

⁸ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, de 10 dez 1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2015. É preciso assinalar que o intelectual Celso Lafer ao analisar o avanço das conquistas ao longo do tempo dos Direitos Humanos, os quais se desdobraram nas legitimações de Constituições e Declarações concernentes aos direitos da pessoa humana, Lafer não perde de vista a configuração em 1948 da **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Porque ele leva em consideração que essa declaração foi uma conquista que não deixou de ser motivada pelas conquistas dos Direitos Humanos de primeira e segunda geração. Segundo ele “cabe finalmente apontar, no processo de asserção histórica dos direitos humanos, aqueles que, na linguagem da ONU, têm sido contemporaneamente denominados direitos de terceira e até mesmo de quarta geração e que, como os das gerações anteriores, têm servido como ponto de apoio para as reivindicações jurídicas dos desprivilegiados. Estes direitos têm como titular não o indivíduo na sua singularidade, mas sim grupos humanos como a família, o povo, a nação, coletividades regionais ou étnicas e a própria humanidade”. Conferir em: LAFER, Celso. **A reconstrução dos Direitos Humanos: Um diálogo com os pensamentos de Hannah Arendt**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 131.

⁹ Devemos deixar claro que, quanto à abordagem acerca de outros massacres ocorridos no início, e, durante o período republicano brasileiro, esta, foi retratada no texto do historiador Edgar de Decca, no qual, ele problematiza a ocorrência de outros massacres no Brasil como, o “Eldorado dos Carajás, Carandiru, Candelária, Contestado”. Conferir em: DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 8, dezembro de 1997. p. 45.

conflito”¹⁰. Nesse aspecto, vale ainda deixar claro conforme Venancio Filho que, Euclides da Cunha além de jornalista foi “ex-oficial do exército” e “testemunha ocular¹¹” do Massacre em Canudos.

Do ponto de vista teórico é preciso salientar que o diálogo da História com a Memória e dessas com a Literatura se fez bastante pertinente em nossas abordagens. Porque no encaixe das problemáticas da literatura foi possível analisarmos um dos aportes teóricos acerca do teor testemunhal tal qual nos sugere Seligmann-Silva para se estudar sobre os limites e possibilidades acerca das representações de eventos limites, por parte da testemunha ocular. E que, estas representações vem a calhar como suposta denúncia de crime contra seres humanos. Dessa forma, conseguimos retratar e trazer para o âmbito da nossa pesquisa, problemáticas, inerentes, portanto, às representações históricas de eventos limites¹². Ademais, foi preciso aprofundamento nos estudos referente à linguagem, na qual referimo-nos às reflexões e noções básicas acerca da voz média. Quanto a esse conceito, por meio do livro **The Rustle of Language (1989)** do autor Rolando Barthes, aproximamos dos estudos desse autor sobre voz média e foi possível notabilizar que seus estudos dialogam com a nossa temática justamente ao analisarmos a linguagem escrita nos testemunhos históricos de Euclides da Cunha. Nesse sentido, a narrativa de **Os Sertões (1902)** é passível de investigação que nos leva ao personagem Euclides da Cunha analisando a sua escrita na poesia **Página Vazia (1897)** como indícios de um trauma individual após ter presenciado evento estupefante, o Massacre em Canudos. Isso é possível ao analisarmos os primeiros e os últimos versos da poesia que retratam, no primeiro verso: “Quem volta da região assustadora / De onde eu venho, revendo, inda na mente, Muitas cenas do drama comovente / Da guerra despiedada e aterradora”, e, no último verso, “De quem mais tarde esta folha lesse / Perguntaria: Que autor é esse / De uns versos tão mal feitos e tristes?”¹³. Por outro lado,

¹⁰ VILLA, Marco Antonio. **Canudos: o povo da terra**. São Paulo. Editora Ática: 1995. p. 246.

¹¹ VENANCIO FILHO, Alberto. **A Glória de Euclides da Cunha**. Vol. 193. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940. p. 4.

¹² Tomamos o entendimento de eventos limites por meio das discussões teóricas do literato Marcio Seligmann Silva. Segundo ele, evento limite se volta às catástrofes humanas em que o espectador não consegue entender o que está ocorrendo no exato momento em que ele assiste a um genocídio, mortes de pessoas em massa. Portanto são eventos que a mente humana não consegue entender de fato o tamanho das atrocidades, ou seja, um acontecimento que ultrapassa a capacidade humana de compreensão daquele evento devido ao grau de violência e atrocidade às vítimas.

¹³ INSTITUTO MOREIRA SALLES (Brasil). Euclides da Cunha. **Cadernos de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro, n. 13 e 14, 2002. p. 160-161.

o papel da Memória se tornou importante para que pudéssemos pensar esta obra literária como monumento histórico que não deixa cair no esquecimento o importante retrato das vítimas.

Dessa maneira, foi importante seguirmos com a investigação conferida à obra *Os Sertões*, e, a Euclides da Cunha o qual testemunhou os episódios finais do Massacre em Canudos. Nesse sentido, por meio de questões historiográficas do presente, e, no conjunto com debates da literatura e filosofia pudemos conceber Canudos como um acontecimento traumático do nosso passado. Ainda vale atentarmos ao que Edgar de Decca nos assegura ao analisar a produção escrita de que Euclides se utiliza para se configurar a especificidade do sertão:

Percorrendo a obra de Euclides, percebemos a criação do sertão como território da palavra, sujeito às mais diferentes elaborações literárias. No caso da obra de Euclides, a poderosa mobilização do estilo de sua escrita permite que o autor supere os esquematismos e os determinismos das teorias científicas, por ele utilizado para produzir a representação sociológica do sertão. Com isto a obra adquire uma imensa dimensão utópica ao projetar luz sobre o destino das populações que vivem à margem da história. **Deslocando os conceitos científicos de seu arcabouço determinista e mecânico, o autor nos apresenta uma sociedade estruturada por forças telúricas, muito próximas às forças do sobrenatural que movimentam os personagens da tragédia grega, que se condensam e se projetam na memória coletiva. Neste sentido, podemos considerar Euclides da Cunha, um halbwachiano avant-la-lettre**¹⁴.

Diante da expressão acima cabe ainda salientar que por meio dos nossos estudos foi possível averiguar que, Euclides da Cunha procurara por meio da terceira parte de *Os Sertões*, “A Luta”, recuperar a visibilidade dos massacrados de Canudos. Dessa maneira isso nos ajudou a interpretar os testemunhos históricos de Euclides em sua obra literária maior como pistas daquilo que supostamente perturbara sua mente devido à experiência adquirida durante aquele drama comovente, em que, ele foi testemunha ocular da carnificina ocorrida no Arraial de Canudos durante os últimos dias em que Euclides permanecera no Estado da Bahia, e, conforme pudemos analisar na escrita do autor em **Página Vazia**.

Disponível em: <http://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_-_euclides_da_cunha> . Acesso em: 04 agos. 2015.

¹⁴ DECCA, Edgar Salvadori de. La société rustre: espace littéraire et modèle sociologique (A sociedade rústica como modelo sociológico e território literário). In: DÉLOYE, Yves; HAROCHE, Claudine (orgs). Maurice Halbwachs. **Espaces, mémoires, psychologie collective: la permanence d’interrogations cruciales**. Publication de la Sorbonne, 2003. p. 178.

É importante ressaltar ainda que nosso trabalho com os testemunhos de Euclides da Cunha, ou ainda, as fontes documentais, vai na direção do que Decca propõe: “É a exigência documental que funda o acontecimento e não o contrário, isto é, a sua narrativa”¹⁵. Portanto, o trabalho com o *corpus* documental que vieram a ajudar Euclides na escrita de Os Sertões exigiu da nossa parte leitura atenta dos “rastros”, “vestígios”, “sinais”¹⁶ - conceitos caros ao historiador Carlo Ginzburg, deixados-nos pelo intelectual Euclides da Cunha. Do ponto de vista da teoria histórica vale assinalar que, nesse sentido é interessante notar o que propõe o italiano Giovanni Morelli, conhecido pelo pseudônimo Ivan Lermolieff (1816-1891), em seu “método morelliano”, que a partir de 1874 influenciou muitos artigos a respeito das pinturas italianas expostas em museus da Europa. Segundo Ginzburg, Morelli dizia: “é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia”¹⁷. Esse método ressignificado como “paradigma indiciário” foi alimentado por escritores como Arthur Conan Doyle que, na literatura inglesa, criou o personagem Sherlock Holmes, conhecido por resolver mistérios utilizando métodos dedutivos e científicos. Muitos historiadores se basearam nesse paradigma indiciário como método de investigação. Entre esses historiadores, Carlo Ginzburg é um caso exemplar e se trata de um dos autores primordiais em nossa pesquisa, principalmente no trabalho metodológico e no trato com as fontes e os documentos.

Dessa maneira foi por meio da leitura que fizemos dos documentos escritos pela testemunha ocular Euclides da Cunha que pudemos avaliar a condição humana em que vivia os sertanejos de Canudos, e, à condição degradante a que foram submetidos durante o período de 1896 a 1897 em Canudos. Assim, analisamos que a construção memorialística das vítimas de Canudos foi garantido seja por meio das obras desse intelectual que, ao atuar como jornalista no período de 1897-1902, denunciou o evento como um crime; seja por nós historiadores no papel de mediadores entre as fontes e a nossa escrita a partir da qual procuramos por meio da “operação historiográfica”¹⁸

¹⁵ DECCA, Edgar Salvadori de. Os intelectuais e a memória do Holocausto. In: LOPES, Marco Antonio (org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 72.

¹⁶ GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. Trad. de Frederico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1989. pp. 143-179.

¹⁷ GINZBURG, Carlo. - op. cit., p. 144.

¹⁸ No Capítulo II que consta da segunda parte do seu livro, o historiador francês Michel de Certeau (1925-1986) retrata uma questão muito importante que nos leva a refletir sobre o conceito de operação

rememorar visibilidade histórica daqueles que tiveram suas vozes silenciadas pela força e brutalidade dos vencedores.

Ao partirmos do ponto de vista historiográfico, buscamos nos abrir às reflexões e aos debates trazidos pela Literatura, Filosofia, e por pesquisadores e áreas afins que, ao comungarem conosco a recusa a ações autoritárias na esfera pública, têm buscado por meio de uma Memória histórica fazer emergir a memória dos que foram silenciados em oposição à constituição de uma memória imposta pelos vencedores. É preciso ressaltar que estes, ao utilizarem do poder político, instituíram silenciamentos em defesa de seus interesses, ou seja, em benefício de uma única e exclusiva pequena minoria de privilegiados. Isso ocorreu em vários eventos e um dos mais notáveis foi o Holocausto. Assim, antes de elencarmos alguns questionamentos caros ao nosso trabalho, é preciso atentar na expressão Memória histórica que é entendida por Maurice Halbwachs (1877-1945) como

(...) a sequência dos acontecimentos dos quais a história nacional conserva a lembrança, não é ela, não são seus os quadros que representam o essencial daquilo que chamamos memória coletiva. Mas, entre o indivíduo e a nação, há muitos outros grupos, mais restritos do que esse que, também eles têm sua memória, e cujas transformações atuam muito mais diretamente sobre a vida e o pensamento de seus membros¹⁹.

Dessa forma cabe nos perguntarmos no âmbito desta dissertação: Qual relação pode-se estabelecer de testemunhos históricos como os deixados por Euclides da Cunha **Página Vazia (1897)** e **Os Sertões (1902)** com os testemunhos históricos do químico Primo Levi como **É isto um homem? (1947)** e **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades (1986)** para as nossas investigações acerca de Passados Traumáticos? Qual a importância, em termos de História e Memória, de voltarmos nossa atenção para os estudos sobre Canudos via os vestígios deixados por Euclides da Cunha em suas obras? Ademais, ao investigarmos **Os Sertões (1902)** na relação com os Direitos Humanos, procuramos responder a seguinte questão: em que medida Euclides da Cunha, na ânsia de denunciar o crime que foi o Massacre em

historiográfica. O autor problematiza: “O que fabrica o historiador quando “faz história”? Para quem trabalha? / O que é esta profissão?” (p. 65). Conferir o desdobramento dessa problemática em: CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1982. pp. 65 - 109.

¹⁹ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990. p. 79.

Canudos, conseguiu deixar evidenciada em sua obra maior denúncia de crime cometido às vítimas daquele evento limite?

Como primeira resposta às perguntas apresentadas acima, trazemos ainda uma citação de Andreas Huyssen, que defende o “uso do passado em suas interligações e em seus conflitos transnacionais e transculturais e não apenas em seu espaço nacional e, portanto, territorialmente limitado”²⁰. O autor ainda argumenta que:

(...) o Holocausto foi uma das bases históricas da convenção de Genebra sobre o genocídio, em 1948, que forneceu a estrutura jurídica dos futuros genocídios e violações maciças dos direitos humanos. **Assim, é plausível avaliar os genocídios atuais e passados em relação ao Holocausto. (...) o extenso trabalho acadêmico sobre o Holocausto, a mais investigada das catástrofes humanas, nos oferece modelos capazes de instrumentar as pesquisas sobre outros traumas históricos. (...) as estratégias e práticas narrativas da literatura ficcional e documental sobre o Holocausto influenciaram as representações de outros traumas históricos**²¹.

Assim, o texto de Portelli, que trata sobre o massacre de 115 civis da cidade de Civitella Val di Chiana (pequena cidade próxima a Arezzo na Toscana), de mais de 58 pessoas incluindo mulheres e crianças do povoado vizinho de La Cornia e de 39 do vilarejo de San Pancrazio, faz todo sentido se visto à luz do que Huyssen nos apresenta sobre passados traumáticos. Segundo Portelli, “tudo indica que esses atos foram uma retaliação pelo assassinato de três soldados alemães por membros da Resistência, em Civitella, em 18 de junho”²² do mesmo ano. Dessa maneira, o que queremos chamar atenção é que esse evento dialoga com as problemáticas ressaltadas por Huyssen referentes a outros traumas históricos do nosso passado, muitos dos quais foram representados por testemunhas oculares por meio de suas obras como forma de denúncia do que assistiram e sofreram na própria pele. Ademais, devemos destacar que, em ambos os casos, devemos conceber tanto a testemunha ocular como o sobrevivente como vítimas.

Ademais, talvez fosse interessante começarmos analisando o conjunto de perguntas apresentadas a partir das reflexões de Decca que, ao se referir ao Holocausto,

²⁰ HUYSSSEN, Andreas. Usos tradicionais do discurso sobre o Holocausto e o colonialismo. In: HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2014. p. 178.

²¹ HUYSSSEN, Andreas. - op. cit., p. 184.

²² PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 103.

conferiu a esse evento a denominação de fato histórico singular ou, nas palavras do autor, “um acontecimento documental e monumental”²³, conceito que já foi citado acima quando trouxemos a citação desse mesmo historiador sobre a questão da exigência documental que esse tipo de evento faz quando se trata de narrativa histórica. Além disso, Decca traz no bojo de suas argumentações, primeiramente e o que muito nos interessa, o significado do termo Holocausto. No dicionário de Língua Portuguesa, esse termo revela ser uma palavra de origem grega que significa “sacrifício no qual as vítimas eram queimadas por inteiro e com a acepção atual de execução, em massa, de judeus perseguidos pelo regime nazista”²⁴. Nesse sentido, são bastante pertinentes os apelos por parte dos sobreviventes e testemunhas oculares quanto às formas de reparação aos delitos cometidos pelos algozes, que levaram milhões de indivíduos aos campos de concentração nazistas e que mataram milhões de pessoas a mando de Adolf Hitler (1889-1945). Esses crimes se relacionam, a nosso ver, à humilhação e à condição humana a que foram condenadas as vítimas de Canudos. Euclides da Cunha assistiu ao massacre do arraial de Antônio Conselheiro que se deu por uma força política que só se preocupou com a detenção do poder e a sua expansão. Neste aspecto, vale lembrar que, no campo da historiografia, para além da análise quanto a importância da testemunha ocular na qual situamos Euclides, longe de uma análise atenta em relação ao fio condutor do nosso trabalho muitos historiadores poderiam nos perguntar: não seria anacrônica a relação de Canudos com o Holocausto?

Para Jacques Le Goff (1924-2014),

(...) esta dependência da história do passado em relação ao presente deve levar o historiador a tomar certas precauções. Ela é inevitável e legítima, na medida em que o passado não deixa de viver e de se tornar presente. Esta longa duração do passado não deve, no entanto, impedir o historiador de se distanciar do passado, uma distância reverente, necessária para o respeitar e evitar o anacronismo²⁵.

Penso que a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objecto da história, por uma reconstrução incessantemente reposta em causa – não podemos falar das cruzadas como o teríamos feito antes do colonialismo do século XIX, mas devemos interrogar-nos sobre se, e em que perspectivas, o

²³ DECCA, Edgar de. Os intelectuais e a memória do Holocausto. In: LOPES, Marco Antonio (org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 71.

²⁴ DECCA, Edgar Salvadori de. - op. cit., pp. 71 e 72.

²⁵ LE GOFF, Jacques. História. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão *et al.* 2ª ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 1992. p. 26.

termo ‘colonialismo’ pode ser aplicado à instalação dos cruzados da Idade Média. (*apud* PRAWER, J. **Histoire du Royaume latin de Jérusalem**. Paris: CNRS, 1969-1970, 2 vols)²⁶.

Neste aspecto, é importante observar ainda que os trabalhos historiográficos têm carregado ao longo do tempo a semântica da História e da Memória em suas várias instâncias e em seus vários momentos específicos, guardando, portanto, sua singularidade. Porém, isso não quer dizer que as fronteiras nacionais e temporais sejam barreiras para analisarmos os testemunhos históricos de pessoas como Cunha e Levi, os quais, por meio de suas narrativas, procuraram denunciar crime ocorrido contra seres humanos indefesos em Canudos, e, guardando suas especificidades históricas, no Holocausto. Ademais, o que ainda podemos observar é que estes devem ser tomados como acontecimentos históricos traumáticos.

As investigações que envolvem a testemunha ocular Euclides da Cunha trouxeram-nos a oportunidade de estudarmos temáticas como “Passados Traumáticos”. Dessa maneira isso possibilitou-nos estabelecer vínculo de nossa narrativa com os trabalhos do literato Márcio Seligmann-Silva²⁷, já que esse autor buscou traçar um perfil específico ao contemplar a Literatura como um dos vetores no trato e desdobramento sobre violência, eventos limites, testemunho, representação histórica e memória, embasamentos teóricos esses que foram fundamentais em nossa pesquisa. O autor, ao retratar os estudos referentes à Catástrofe e Representação²⁸ e ao se reportar ao conceito na literatura de teor testemunhal relacionado aos eventos limites²⁹, oferece-nos a oportunidade de diálogo com os estudos da filósofa e historiadora Maria Inés Mudrovcic³⁰, que também contribuiu com problemáticas, questionamentos e abordagens

²⁶ LE GOFF, Jacques. - op. cit., p. 26.

²⁷ Referimo-nos aqui aos dois volumes da Coletânea **Escritas da Violência** (vol. 1 - **O testemunho (2012)** e vol. 2 - **Representações da violência na história e na cultura contemporânea da América Latina (2012)**), organizada por Márcio Seligmann-Silva da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Jaime Ginzburg da Universidade de São Paulo (USP) e Francisco Foot Hardman da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

²⁸ NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

²⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 8.

³⁰ Referimo-nos aqui a duas coletâneas: **Pasados en conflicto: Representación, mito y memoria** (MUDROVCIC, 2009) e **En busca del pasado perdido: temporalidad, historia y memoria** (MUDROVCIC & RABOTNIKOF, 2013).

inovadoras no retrato sobre “Passados Traumáticos” e “Passados em Conflito”, nos quais podemos situar a trajetória de Euclides da Cunha de 1897 a 1902.

Do ponto de vista das problemáticas referentes a testemunhos históricos as obras **É isto um homem?** (LEVI, 1947) e **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades** (LEVI, 1986), do químico italiano Primo Levi (1919-1987), forneceram-nos condições para pensarmos as feridas causadas na memória de pessoas que presenciaram os horrores de eventos limites. Em sua coletânea **Catástrofe e Representação: ensaios** (2000), Seligmann, que abre o diálogo de forma bastante plausível entre História, Filosofia, Literatura, Memória chama-nos a atenção para as dificuldades que as testemunhas oculares sentem-se ao terem de ocultar informações e, ao mesmo tempo, sentirem vontade em expor e fazer do outro coparticipante da experiência traumática que elas vivenciaram em eventos limites. A dificuldade em relatar aquilo a que assistiram em decorrência dos acontecimentos vividos ultrapassarem a capacidade de entender o que estava acontecendo gera, posteriormente, depoimentos carregados de fragmentos e um tipo de narrativa que foge à linearidade. É preciso levar isso em consideração quando analisamos o nosso objeto de pesquisa, a obra *Os Sertões* e nos abrimos aos questionamentos que envolve a trajetória de Euclides da Cunha do período de 1897 a 1902.

Nesse sentido, vale observar que Dominick LaCapra, em seu livro **Writing History, Writing Trauma** (2001), ao ressaltar que as testemunhas, quando retornam de eventos traumáticos, carregam consigo dificuldades psicológicas e na linguagem em relatar o que viram, oferece-nos contribuição no que se refere à interpretação que buscamos fazer de Euclides quando este retornou do Massacre em Canudos um outro homem, sensibilizado, portanto, diante à condição humana a que os indefesos de Canudos foram sujeitados. É possível notar ainda que LaCapra, que tem como um de seus objetivos a investigação da possível representação histórica por parte dos sobreviventes e testemunhas portadoras de trauma, baseia-se nos estudos de Cathy Caruth e em indagações colocadas por essa autora sobre estudos do Holocausto. Além disso, LaCapra nos apresenta o conceito de voz média que se define como a voz do sobrevivente o qual não deixa de ser testemunha ocular e que carrega experiência traumática após testemunhar algum evento e cuja mente não consegue entender o nível de atrocidade daquilo ao qual assistiu, ou seja, um evento limite. Nesse sentido, a linguagem é o ponto central nessa discussão porque, segundo LaCapra, o indivíduo que procura expor ao outro a realidade à qual assistiu produz um testemunho, expõe, coloca

para fora uma narrativa, uma literatura carregada de fragmentos, a qual não segue uma linearidade. Porque quanto a essa normativa pudemos analisar os indícios na escrita da poesia **Página Vazia**, e, de certa maneira na escrita de **Os Sertões (1902)**. Porém, para esse historiador, nem por isso essa narrativa deixa de ser uma representação do acontecimento. Sobre essa questão da representação dos acontecimentos, Portelli, no que se refere ao massacre em Civitella, afirma que “os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem”³¹. Ou seja, a linguagem quando materializada tende a tornar-se testemunho histórico e assim se evidencia a importância da linguagem enquanto representação.

Ainda em relação a Euclides da Cunha, cabe ressaltar nesta introdução que, em março de 1897, quando Euclides ficou sabendo da derrota da terceira expedição enviada a Canudos, comandada pelo coronel Moreira César, morto no *front* de batalha em 03 de março de 1897, o jornalista, empolgado com a notícia, escreveu seu primeiro artigo sobre Canudos para o jornal **O Estado de S. Paulo**. Nesse texto, havia dados a respeito do clima, da geografia, dos aspectos étnicos e culturais do sertão da Bahia e da região de Canudos, em específico. Além disso, o jornalista incorporou nesse artigo seu estudo geológico que publicara em 1884 na Revista de Engenharia. É importante observar que nesse artigo, intitulado “A Nossa Vendéia” e publicado em 14 de março de 1897, Cunha se posiciona a favor da república no Brasil na medida em que ele

(...) comparava o conflito à rebelião camponesa, monarquista e católica da região da Vendéia, ocorrida, de 1793 a 1795, como reação à derrubada do Antigo Regime na França. Assim como a Revolução Francesa havia sido ameaçada pelos camponeses da Vendéia, a recém-proclamada República brasileira estaria em perigo pela atuação dos seguidores de Antônio Conselheiro³².

Segundo Villa, seguindo a carreira de jornalista, “Em 17 de julho, Euclides voltou ao mesmo tema. Escreveu “A Nossa Vendéia”, justificando que tinha utilizado

³¹ PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 111.

³² VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 152.

esse título em artigo anterior”³³. Com essa nova publicação, o dono do jornal **O Estado de S. Paulo**, Júlio de Mesquita, sentiu-se ainda mais entusiasmado com os artigos e enviou um telegrama ao presidente Prudente de Moraes em 29 de julho de 1897, pedindo autorização para que Euclides da Cunha pudesse seguir a Canudos na condição de adido do Estado-Maior junto ao ministro da Guerra, o marechal Carlos Bittencourt. O pedido, enviado por telegrama, foi recebido e aceito pelo presidente no mesmo dia³⁴.

Os artigos, os telegramas, as reportagens e as cartas, presentes no **Canudos (Diário de uma expedição) (1897)**³⁵, configuraram-se como um primeiro contato que Euclides da Cunha obteve diretamente com a Guerra de Canudos e que, depois, viriam a se constituir como elemento fundamental na elaboração de sua obra maior **Os Sertões (1902)**³⁶. Também é importante ressaltar que procuramos conferir um olhar atento a outro documento vinculado à trajetória do escritor: a **Caderneta de Campo (1897)**³⁷. Isso foi feito pois, no decorrer da nossa pesquisa, conforme nossas investigações foi possível averiguar que esta Caderneta esteve com o intelectual desde quando ele saiu do Rio de Janeiro a bordo do navio com a 4ª expedição militar rumo a Canudos. Assim, é de extrema importância analisar, assim como o fizemos, outros documentos que estejam vinculados a Euclides da Cunha e tratá-los na relação com o Massacre de Canudos, já que esses outros documentos culminaram na escrita da poesia **Página Vazia (1897)** e da obra **Os Sertões (1902)**, fontes documentais importantes circunscritas no desdobramento temático que procuramos apreender e problematizar nesta pesquisa.

Cabe ainda ressaltar que as reflexões de Halbwachs se colocam de forma bastante propícia no âmbito das nossas discussões porque, ao mesmo tempo em que o

³³ VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de Os Sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002. 15.

³⁴ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 155.

³⁵ CUNHA, Euclides da. **Canudos (Diário de uma expedição)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. 186p. (**Coleção Documentos Brasileiros, 16**).

³⁶ VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de Os Sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002. 11.

³⁷ CUNHA, Euclides. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional).

autor argumenta sobre a importância da Memória na nossa sociedade, também problematiza o perfil memorialístico como parte integrante da História. Segundo ele,

(...) a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservam lembrança. **Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem**³⁸.

Essa preocupação em produzir narrativas escritas também se apresenta para Pierre Nora, que parte das reflexões sobre Memória Coletiva de Halbwachs e desenvolve uma análise ainda mais instigadora na medida em que problematiza que houve com a chegada da modernidade uma aceleração da História³⁹. Esta aceleração foi provocada pelos avanços do homem moderno, e que isso fez com que a Memória ficasse relegada ao esquecimento, e, neste processo emergiu a importância conferida aos lugares de memória.

Por outro lado, as concepções da filósofa Hannah Arendt (1906-1975), referentes à condição humana, ajudaram-nos a refletirmos acerca dos testemunhos históricos de Euclides, e, assim, estes ajudaram-nos a compreender o Massacre de Canudos como um evento traumático do nosso passado. E, justamente, por Euclides deixar evidenciado em sua obra maior o cerceamento à liberdade coletiva dos sertanejos por parte do governo federal. Além de lhes negarem o direito de se constituírem no âmbito da dignidade humana onde pudessem buscar pela diversidade e formas de sobrevivência. Dessa forma cabe perguntarmo-nos como o Massacre em Canudos está sendo lembrado e pensado por órgãos que debatem assuntos acerca das diretrizes dos Direitos Humanos? Como a sociedade tem tratado desse tema no âmbito público? Quem são os detentores dessa Memória? Quais as problematizações que visam a acordos e

³⁸ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990. p. 80.

³⁹ NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 10, p. 7-28, dezembro de 1993. p. 7.

reparações às vítimas desses eventos que macularam a identidade nacional de um país? Acreditamos que essas questões vão ao encontro da defesa da Associação **Liberdade para a História** na França, liderada por Pierre Nora, a qual tem lutado pelo direito dos historiadores em representar eventos históricos traumáticos durante os quais ocorreram crimes cometidos contra seres humanos. Esse tipo de ação se desenvolve à revelia da vontade e dos interesses de políticos e organizações que travam o processo de desenvolvimento de nossas pesquisas por meio de leis que proíbem investigações específicas. Assim, por exemplo, há documentos que são “guardados” a cargo de organizações que usam do poder de determinadas leis para inibir a abertura de arquivos. Dessa forma, fica assegurado aos interesses políticos que certos temas continuarão silenciados de forma a não colocarem em perigo ou em desvantagem seus privilégios.

Portanto, é contra o esquecimento, seja por parte da esfera pública ou por parte da academia, que por meio do estudo à obra *Os Sertões* escrita pela testemunha ocular Euclides da Cunha trabalhamos com a temática Massacre de Canudos, buscando por meio da Memória e da História investigar o silêncio perpetrado nas vítimas como forma de silenciamento por parte dos que detinham o poder. À revelia do discurso dos vencedores, procuramos problematizar o processo de luto ainda persistente em relação às vítimas de massacre nesse evento. É importante ressaltar que as vítimas foram violentadas, humilhadas, massacradas e hoje se encontram embaixo do rio Cocorobó em Canudos. Desse modo, é necessário lembrarmos delas para que isso não se repita em âmbito nacional e, ao mesmo tempo, identificá-las como seres humanos em nosso processo histórico. Euclides da Cunha, mesmo no final do século XIX, pôde contribuir com o avanço dos Direitos Humanos e com os argumentos e as leis que hoje regem a **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)** em consonância com o **Programa Nacional de Direitos Humanos no Brasil (1996)**, justamente por ter categorizado como crime contra seres humanos⁴⁰, em sua obra **Os Sertões (1902)**, a Guerra de Canudos, ressignificada por nós como Massacre de Canudos (1896-1897). O que podemos ainda notar ao final de sua obra é que o escritor se refere novamente à guerra como um crime⁴¹, tendo sido permitida e incentivada pelos políticos que representavam a nação naquele exato momento.

⁴⁰ Conferir ao final da Nota Preliminar da obra CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968.

⁴¹ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968. p. 459.

Capítulo 1. Euclides da Cunha: testemunha ocular do Massacre em Canudos

...Foi o que sucedeu ao ser conquistado um casebre, depois de tenazmente defendido. Os soldados invadiram-no atumultuadamente. E depararam um monte de cadáveres; seis ou oito, caídos uns sôbre outros, abarrecendo a entrada. Não se impressionaram com o quadro. Enveredaram pelos cômodos escuros. Mas receberam em cheio, pelas costas, partindo daquela pilha de trapos sanguinolentos, um tiro. Voltando-se, pasmos, detonou-lhes outro, à queima-roupa, de frente. Sopitando o espanto, comprimidos na saleta estreita, viram então saltar e fugir o lutador fantástico, que adotara o estratagemas profanador, batendo-se por trás de uma trincheira de mortos... (Euclides da Cunha, 1902. p.433, 27ª edição)

Adiante atordoava-os assonância indescritível de gritos, lamentos, choros e imprecações, refletindo do mesmo passo o espanto, a dor, o exaspero e a cólera da multidão torturada que rugia e chorava. Via-se indistinto entre lumaréus um convulsivo pervagar de sombras: mulheres fugindo dos habitáculos em fogo, carregando ou arrastando crianças e entranhando-se, às carreiras, no mais fundo do casario; vultos desorientados, fugindo ao acaso para toda a banda; vultos escabujando por terra, vestes presas das chamas, ardendo; corpos esturrados, estorcidos, sob tições fumarentos... E, dominantes, sobre este cenário estupendo, esparsos, sem cuidarem de ocultar-se, saltando sobre os braseiros e aprumando-se sôbre os colmos ainda erguidos, os últimos defensores do arraial. Ouviam-se as suas apóstrofes rudes; distinguam-se vagamente os seus perfis revoloteando por dentro da fumarada; e por toda a parte, salteadamente, a dois passos das linhas de fogo, aparecendo improvisas fisionomias sinistras, laivadas de mascarras, bustos desnudos chamuscados, escoriados, embatendo-as, em assaltos temerários e doudos... (Euclides da Cunha, 1902. p. 448 e 449, 27ª edição)

As investigações quanto ao intelectual Euclides da Cunha justamente no que se refere à sua trajetória durante o ano de 1897 até 1902 demanda tempo e paciência para que possamos diante de significativa produção acadêmica suprimir importantes lacunas e silêncios que ainda cerceam sua vida e obra maior, **Os Sertões (1902)**. Utilizando-nos também das preocupações historiográficas referentes ao texto “**Unus Testis – O extermínio dos judeus e o princípio de realidade**”⁴² de Carlo Ginzburg o qual foi escrito a Primo Levi e que trata acerca da importância do testemunho foi possível entendermos por meio das concepções do autor a diferença entre testemunho jurídico e testemunho histórico. Portanto, é na leitura dos indícios, dos rastros, das evidências disponíveis, tal como postula Ginzburg, que constituímos uma suposta realidade do

⁴² GINZBURG, Carlo. Unus testis – O extermínio dos judeus e o princípio de realidade – para Primo Levi. In: GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. De Rosa Freire d’ Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 210-230.

passado em uma narrativa, mesmo que, na concepção de testemunho histórico, ela se reduza a uma única testemunha⁴³. Seguindo esta reflexão, segundo Decca, “o enredo é construído por pistas negligenciáveis”, a capacidade indiciária se configura em encontrar os elos de como um sistema de conhecimento se instala para o bem ou para o mal⁴⁴.

Nesse sentido, cabe salientarmos que é importante assegurar que a concepção de Massacre em Canudos vem desde historiadores como Silvio Rabelo que nos relata que Euclides estando em Salvador assistira os recém-chegados da guerra. Era uma realidade assustadora, os sobreviventes e testemunhas daquele massacre traziam consigo a consequência da miséria, sede, fome que assolava a região próxima a Canudos. Segundo Rabelo, os moradores fugiam para lugares onde os tormentos da guerra não os atormentassem. “E para cúmulo da desgraça, a varíola ajudava o trabalho de devastação que as tropas, há longos meses, vinham fazendo. Alguns estudantes de medicina que tinham ido a Monte-Santo auxiliar o serviço de saúde, de lá voltavam à pressa acoçados pela peste que assolava já numa extensão considerável”⁴⁵. O agravamento da fome não impediu que muitos dos soldados murmurassem em fugir, “senão esperar o massacre inevitável”⁴⁶. A chegada de Euclides no front de batalha após ter testemunhado diversas cenas de horror na trajetória de Salvador até Canudos revela a experiência única do autor. Segundo Galvão “foi uma coisa que mudou a vida dele, nunca mais foi a mesma pessoa”⁴⁷. Para Pontes “a sorte dos sertanejos domina-lhe todos

⁴³ GINZBURG, Carlo. Unus testis – O extermínio dos judeus e o princípio de realidade – para Primo Levi. In: GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. De Rosa Freire d’ Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 210-217.

⁴⁴ Esses argumentos foram utilizados pelo Prof. Dr. Edgar Salvadori de Decca durante o Curso da Pós Graduação da UNICAMP HH172A – Tópicos em Teoria da História, intitulado, “LIBERDADE PARA A HISTÓRIA”, no dia 02/04/2014 durante seminário em que o texto do historiador Carlo Ginzburg: “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário” que consta do livro GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Trad. de Frederico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, foi usado pelos alunos como norteador para debates e discussões emergentes.

⁴⁵ RABELO, Silvio. Euclides da Cunha. Série A. **Coleção Estudos Brasileiros da ECB**: Rio de Janeiro, 1948. p. 135.

⁴⁶ RABELO, Silvio. op. cit., p. 154

⁴⁷ GALVÃO, Walnice Nogueira. **Walnice Nogueira Galvão**. Depoimento [set. 2003]. Disponível em: http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=euclidesdacunha&inford=149&sid=70. Depoimento concedido à Academia Brasileira de Letras do Rio de Janeiro.

os sentidos. Volta quase jagunço também. Identificára-se com os fanáticos, compreendendo os sacrifícios a que estavam expostos”⁴⁸.

Interessante observar que a recém República Brasileira nascia e se constituía por meio de um acontecimento que de fato perturbou a mente de Euclides, uma vez que, o autor seguira até a Bahia convicto de que a República sairia vitoriosa frente àqueles seguidores fanáticos de Antônio Conselheiro⁴⁹. Na função de jornalista cobriria os últimos momentos daquela guerra que “em momento dado foi comoção nacional”⁵⁰ e que intensificava os temores dos governos federal e estadual. Neste aspecto, vale recuperarmos, o intelectual comparou o acontecimento de Canudos ao da Vendéia, movimento de insurreição monárquica ocorrido na França⁵¹, porém, após sua experiência no front de batalha declinara dessa ideia comparativa⁵². Além disso, segundo Abreu, Euclides seguira para Canudos motivado em encontrar naquela região o novo homem brasileiro que o ajudasse na configuração da identidade nacional. Ou seja, o intelectual encontrara “no sertanejo o cerne da nacionalidade”⁵³.

Referente à condição humana dos sertanejos a violência brutal a que as vítimas foram submetidas durante aquela guerra chocara profundamente a mente e os princípios humanos de Euclides. Por quê? Porque como pudemos perceber diante tudo o que Euclides observou estando na Bahia, e, a partir do encontro que Euclides obteve com o menino Agostinho em Salvador - em que, o menino de 14 anos relatara acerca do perfil social e humano do Antônio Conselheiro - Euclides notara que a vida dos sertanejos há muito tempo se configurava difícil⁵⁴. Ao conjugarmos os documentos que Euclides colheira nos arquivos públicos e jornais da cidade, os quais relatavam os acontecimentos da guerra⁵⁵, além dos diálogos travados com pessoas da região, com os sobreviventes e

⁴⁸ PONTES, Eloy. A vida dramática de Euclides da Cunha. **Coleção Documentos Brasileiros. Dirigida por Gilberto Freyre – 13**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938. p. 154.

⁴⁹ O Estado de S. Paulo, 17 jul. 1897, p. 1.

⁵⁰ VENANCIO FILHO, Alberto. **A Glória de Euclides da Cunha**. Vol. 193. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940. p. 22.

⁵¹ ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998. p. 107.

⁵² ABREU, Regina. – op. cit., p. 126.

⁵³ ABREU, Regina. – op. cit., pp. 141 e 142.

⁵⁴ Conferir anexo nas páginas 172, 173 e 174 dessa dissertação.

⁵⁵ RABELO, Silvio. - op. cit., p. 121.

testemunhas indiretas daquela carnificina tudo ficou claro a Euclides que aquela realidade diferia das suas convicções.

É possível notarmos, portanto, que *Os Sertões* se constitui como obra literária monumental devido ao retrato de um dos maiores crimes cometidos contra um grupo de seres humanos no início da República no Brasil, o Massacre dos sertanejos de Canudos. Porque, quanto a estes, permaneciam à mercê dos centros de decisões políticas da sociedade brasileira⁵⁶. Nesse aspecto, a resistência dos conselheiristas contra as tropas militares se configurou muito significativa a Euclides porque segundo Rabelo, antes de Euclides seguir para Canudos visitou vários hospitais como o de Santa Isabel onde viu uma realidade assustadora de homens que rugiam de dor por todos os lados⁵⁷. Uma das curiosidades de Euclides durante uma destas visitas é que, os soldados vítimas dos últimos acontecimentos ao receberem a visita de seus comandantes e autoridades não receberam o mínimo de compaixão por parte dos seus superiores, mesmo que a estes era direcionados cumprimentos de respeito e alta estima junto ao dever com a República. A percepção e indignação do intelectual se intensificara a ponto de Rabelo lembrar ao leitor que Euclides declinara da idéia de uma República que se colocava em oposição à monarquia como na Vendéia francesa. Assim, “dias depois, acabaria por tomar para consigo mesmo o compromisso de defender os vencidos, vingando uma desgraça, cujos responsáveis eram os vencedores”⁵⁸.

Dessa maneira uma das perguntas centrais que nos incomodou em nossa pesquisa foi: por que a obra *Os Sertões*, cuja atenção se volta aos vencidos da história, continua sendo lida e relida no Brasil através de pesquisas acadêmicas e por significativa parcela da esfera pública? Nota-se que *Os Sertões* foi traduzido para vários países como Argentina; Buenos Aires uma das versões em espanhol de *Os Sertões* em 1941; Pequim em 1959; Amsterdam em 1954; Chicago em 1945; França em 1947⁵⁹; Dinamarca em 1948, Portugal em 1983; China em 1959; Suécia em 1945; Rússia em 1959 em formato de livreto; Argentina a primeira versão em 1938; Alemanha em 1994;

⁵⁶ PONTES, Eloy. A vida dramática de Euclides da Cunha. **Coleção Documentos Brasileiros. Dirigida por Gilberto Freyre – 13**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938. p. 172.

⁵⁷ RABELO, Silvio. – op. cit., pp. 126 e 127.

⁵⁸ RABELO, Silvio. – op. cit., p. 130.

⁵⁹ Estas informações constam das páginas 923 à 926 do livro: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões (campanha de Canudos); edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial / Imprensa Oficial do estado / Arquivo do Estado, 2001.

Itália em 1953⁶⁰. Além dessa observação cabe ainda perguntar: afinal, qual a relevância dessa obra para dentro das fronteiras nacionais do Brasil, e, para o exterior? Segundo Bernucci,

todos nós que lemos e relemos as instigantes e magistrais páginas de *Os Sertões* saímos sempre de nossa leitura com um sentimento de assombro ou de perplexidade. Alguns dos seus leitores a detestam, outros sentem por ele verdadeira adoração. E ainda há um terceiro grupo, o daqueles que reagem de modo ambivalente diante desse texto multifacetado. Porque é bem verdade que, na construção dessa obra, as camadas justapostas da linguagem, os diferentes níveis de significado, o enorme sentido dado à tragédia de Canudos e as teorias científicas e sociológicas ali discutidas revelam um quadro de acertos e deslizes, mas que nunca nos deixa impassíveis diante da matéria apresentada⁶¹.

O que ainda chama atenção de Bernucci é que após completar um século do seu primeiro lançamento a obra *Os Sertões* continua sendo lida por um grupo cada vez maior dentro e fora do país. Internacionalmente ela foi traduzida para mais de 10 línguas e que muitas das vezes ganhara duas a três versões⁶².

Por outro lado, é preciso atentarmos à abordagem de Mudrovcic que, em um de seus artigos sobre testemunhas oculares⁶³ auxilia-nos nas problematizações acerca dos métodos historiográficos e as condições históricas que se desdobram a partir do conceito de teor testemunhal na Literatura⁶⁴, tal qual sugere Seligmann-Silva. Levando em consideração essa assertiva, podemos apreender os episódios que antecederam o desfecho final do massacre em Canudos à luz de problemáticas atuais inseridas nos debates acerca da importância para a história e a memória referente à testemunha ocular, Euclides da Cunha.

Dessa forma, a apreensão acerca do Massacre em Canudos por meio do estudo referente ao nosso objeto de pesquisa, a obra **Os Sertões (1902)** não deixa de nos

⁶⁰ Estas informações foram colhidas na Casa de Cultura Euclides da Cunha, a qual se localiza, em São José do Rio Pardo-SP.

⁶¹ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões (campanha de Canudos); edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial / Imprensa Oficial do estado / Arquivo do Estado, 2001. p. 13.

⁶² CUNHA, Euclides da. – op. cit., p. 15.

⁶³ MUDROVCIC, María Inés. El debate en torno a la representación de acontecimientos límites del pasado reciente: alcances del testimonio como fuente. **Diánoia**. México, v. 52, n 59, pp. 127-150, 2007.

⁶⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 12.

reportar à investigação atenta do escritor que a escreveu, Euclides da Cunha. Isso tem nos ajudado a aprofundar nossas investigações em busca de vestígios que preencham as lacunas quanto à posição política e social do escritor Euclides diante da sua experiência de testemunha ocular naquele acontecimento catastrófico. A leitura das fontes ajudou-nos a entender a dimensão humana e ética do testemunho de Cunha após sua experiência traumática no *front* de batalha. Como pudemos constatar, os aspectos humanos incentivados pelo escritor se voltam para a defesa da vida, seja na escrita da poesia **Página Vazia (1897)** ou da obra **Os Sertões (1902)**. Diante dessa assertiva, é importante considerar o primeiro artigo escrito pelo autor para o jornal **O Estado de S. Paulo** datado de 14 de março de 1897 no qual ele nos revela que estava convencido de que o avanço das tropas militares a Canudos traria vitórias à nação. Podemos observar, desse modo, que Euclides da Cunha, antes da sua viagem à Bahia, posicionava-se contra a monarquia e defendia a República como uma das saídas para os problemas políticos e econômicos do país na medida em que esse regime atenderia às mudanças inspiradas pelo processo modernista europeu, o qual incluía os homens e as mulheres que estavam à margem das mudanças que tornariam a humanidade civilizada. Porém, no decorrer da nossa narrativa o leitor pôde perceber que Cunha retornou do *front* de batalha em Canudos frustrado e traumatizado com o que testemunhara.

Dentre os seis artigos escritos ao jornal **O Estado de S. Paulo** no período de março a julho de 1897, é no artigo **A Nossa Vendéia** escrito em 14 de março do mesmo ano que Cunha assinalou:

O homem e o solo justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na verdade o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitada pelos propagandistas do império⁶⁵.

Além de observarmos que Cunha se posicionava inicialmente contra a monarquia, é interessante entendermos que, ao se referir à “**A Nossa Vendéia**”, ele fazia alusão a episódios da Revolução Francesa. Essa alusão é feita na medida em que, na construção de seus argumentos, ele se pautou na abordagem da obra **Quatrevingt-treize (Noventa e três) (HUGO, 1874)** do escritor francês Victor Hugo (1802-1885)⁶⁶,

⁶⁵ O Estado de S. Paulo, 14 mar. 1897, p. 1.

⁶⁶ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In. FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 450.

a qual retrata a guerra dos camponeses católicos da região da Vendéia na qual os monarquistas eram contrários à República que se instaurara na França desde 1792. No âmbito desta dissertação é importante frisar, por ora, que os revoltosos da região da Vendéia foram massacrados pelas tropas republicanas da França no ano de 1793⁶⁷. Apesar disso, Euclides antes de chegar a Canudos defendia a República a ponto de deixar reforçada ao final do artigo de 13 de março supracitado a seguinte crença:

A justeza do paralelo estende-se aos próprios revezes sofridos. A Revolução Francesa que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da Vendéia – heróis intangíveis que se escoando céleres através das charnecas prendiam as forças republicanas em inextricável rede de ciladas... Entre nós o terreno, como vimos, sob um outro aspecto embora, presta-se aos mesmos fins. Este paralelo será, porém, levado às últimas conseqüências. **A República sairá triunfante desta última prova.**⁶⁸

Após 11 dias da publicação desse artigo, houve a queda da terceira expedição enviada a Canudos sob ordenação do Coronel Moreira César⁶⁹, que faleceu no combate no dia 03 de março de 1897, causando inquietações políticas em São Paulo e Rio de Janeiro⁷⁰. Os jornais do Rio de Janeiro trouxeram informações sobre o ocorrido, uma vez que a cidade era a capital do país e já tinha enviado jornalistas para a área de confronto, como o jornalista Manuel Benício⁷¹. Dessa forma, a essa altura do episódio de Canudos, já na terceira expedição, o agravante da guerra deixava os brasileiros extasiados diante das notícias que chegavam ao Rio de Janeiro e se difundiam para o resto do país.

⁶⁷ DECCA, Edgar Salvadori de. Euclides e Os Sertões entre a Literatura e a História. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 161.

⁶⁸ EUCLIDES DA CUNHA. Os artigos publicados no O Estado de S. Paulo, A Nossa Vendéia (1) (Publicado em 14 de março de 1897). Disponível em: <http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=euclidesdacunha&infoid=129&sid=53>. Acesso em: 17 mar. 2016. Vale lembrar que esta passagem vem com correção de gramática feita pela própria Academia Brasileira de Letras (ABL). Assim, ela se diferencia da parte original do mesmo artigo **A Nossa Vendéia**, que foi apresentada na citação anterior desta dissertação.

⁶⁹ VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de Os Sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002. p. 12.

⁷⁰ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 147.

⁷¹ VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de Os Sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002. p. 16.

O momento provocava forte comoção nacional justamente em virtude do que acontecia tão gravemente em Canudos a ponto de as tropas governamentais usarem de todas as forças para acabar com o arraial comandado por um homem chamado Antônio Conselheiro. Ou seja, era como se em uma posição aérea distante do Brasil posicionássemos uma câmera com a resolução em foco voltada aos acontecimentos de Canudos para que, então, fosse possível entender o que de fato ocorria naquele espaço desconhecido pela maioria dos habitantes do litoral cujo o centro era o Rio de Janeiro.

Segundo Walnice Nogueira Galvão, pelo menos quatro dos principais jornais do Brasil enviaram jornalistas para cobrir a Guerra de Canudos na Bahia. Três desses jornais eram do Rio de Janeiro, quais sejam: **Gazeta de Notícias**, **A Notícia** e o **Jornal do Comércio**, que enviaram, respectivamente, os jornalistas Fávila Nunes, Alferes Cisneiros Cavalcanti e Manuel Benício⁷². Já o jornal **O Estado de S. Paulo** com sede em São Paulo enviou o escritor Euclides da Cunha, como já dissemos anteriormente.

Em 17 de julho de 1897, em seu último artigo intitulado também **A Nossa Vendéia**, que foi enviado ao jornal **O Estado de S. Paulo** antes de sua viagem a Canudos, Euclides da Cunha fez considerações, do ponto de vista geológico e geográfico, quanto ao ambiente hostil que os militares tinham de enfrentar para atingir o arraial liderado por Antônio Conselheiro. Mesmo que o jornalista nunca tivesse estado em Canudos para escrever o artigo citado, ele se baseou nos dados concedidos por seu amigo Teodoro Fernandes Sampaio (1855-1937), o qual nos anos de 1879 a 1880 havia andado pelo interior da Bahia “na expedição organizada pelo engenheiro norte-americano Milnor Roberts de exploração do rio São Francisco”⁷³. Com base nisso, Cunha escreveu:

Ora, quem observa, esclarecido embora por escassas informações, a disposição topographica desse trecho dos sertões da Bahia, para o qual se dirige agóra toda a attenção do nosso paiz, reconhece de prompto, que elle se presta de modo notável á guerra de recursos com todo o seu cortejo de revezes. Sem um systema orographico definido, na significação rigorosa do termo, a região caracteriza-se, de um modo geral, pela feição cahotica e accidentada que lhe imprimio o tumulto das aguns nas épocas remotas em que a acção violenta destas, arrastando as camadas de grez que a revestiam, desnudou-a em muitos

⁷² GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora: a Guerra de Canudos nos Jornais - 4ª Expedição**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1994. p. 109.

⁷³ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 148.

pontos, aprofundando-se em outros segundo a resistencia variável das rochas até aos terrenos mais antigos⁷⁴.

Podemos notar que os argumentos de Cunha são contundentes em reafirmar que as forças militares da República, além de hostilizadas pelos fanáticos do Conselheiro, também se configuravam como vítimas dos problemas geográficos da região, que podem ser entendidos como o clima seco, a vegetação de caatinga e o solo árido, além das dificuldades topográficas. Segundo Cunha, “compreende-se as dificuldades da lucta nesse solo impratical quase”⁷⁵. Por outro lado, queremos chamar atenção para a crença de Euclides da Cunha em relação aos avanços que a República traria ao Brasil, o que fica claro desde o título dos dois artigos publicados no jornal **O Estado de S. Paulo**. Intitulados “**A Nossa Vendéia**”, eles deixam claro, como salienta Ventura, que: “Assim como a Revolução Francesa havia sido ameaçada pelos camponeses da Vendéia, a recém-proclamada República brasileira estaria em perigo pela atuação dos seguidores de Antônio Conselheiro”⁷⁶.

Quanto ao excerto que acabamos de mencionar é igualmente importante atentarmos ao que Euclides da Cunha descreve ao final do segundo artigo, também intitulado **A Nossa Vendéia**:

As forças auxiliares que partem hoje do Rio de Janeiro irão, certo, iniciar estas medidas urgentes, corrigindo uma situação anormalíssima. Não basta garantir Monte-Santo – é indispensavel ligal-o o mais estreitamente possível ao exercito, cujo eixo de operações alevanta-se neste momento, em frente de Canudos. Tomadas estas providencias, a campanha que pode terminar amanha repentinamente por um golpe também prolongar-se ainda, será inevitavelmente coroada de successo. A morosidade das operações é inevitável, pelos motivos rapidamente expostos. As tropas da Republica seguem lentamente, mas com segurança, para a victoria. Fôra um absurdo exigir-lhes mais presteza.

Mas, amanha, quando forem desbaratadas as hostes fanaticas do Conselheiro e descer a primitiva quietude sobre os sertões bahianos, ninguem conseguirá perceber, talvez, atravez das mattas impenetraveis, colleando pelo fundo dos valles, derivando pelas escarpas ingremes das serras, os trilhos, as veredas estreitas por onde

⁷⁴ O Estado de S. Paulo, 17 jul. 1897, p. 1.

⁷⁵ Idem, p. 1.

⁷⁶ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 152.

passam, nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação os soldados da Republica. Euclides da Cunha⁷⁷

É necessário assinalarmos ainda que Euclides da Cunha após quatro dias de viagem que lhe pareciam intermináveis dado o seu mal-estar físico, chegou à cidade de Salvador no dia 7 de agosto⁷⁸, quando deu início à sua tarefa de jornalista e pesquisador naquele estado. Quanto a essa tarefa, mais à frente teremos oportunidade de observar que, com a experiência obtida em Canudos, Cunha mudaria os rumos futuros de sua vida de jornalista. Segundo Ventura, Euclides da Cunha, no convés do navio já em 03/08/1897, escrevia em uma “caderneta de couro marrom, com folhas brancas quadriculadas, que levou consigo para a viagem”⁷⁹, fazia rascunhos referentes aos seus artigos escritos para o jornal **O Estado de S. Paulo**, dentre eles **A Nossa Vendéia**, que seria o título que daria ao seu livro sobre a Guerra de Canudos. Além disso, fez traços e desenhos geográficos das montanhas e paisagens de Canudos⁸⁰.

Vale destacar também que por meio do estudo da poesia **Página Vazia (1897)** foi possível conferirmos que Euclides da Cunha ao retornar de Canudos apresentava sintomas de trauma. Ele escreveu esta poesia na cidade de Salvador no diário íntimo da médica e feminista baiana Francisca Prager Fróes (1872-1931), em 14 de outubro de 1897. Posteriormente, quando Cunha estava na cidade de São José do Rio Pardo-SP, na função de engenheiro de obras públicas pelo estado de São Paulo, durante os anos de 1898 a 1901, além de acompanhar a reconstrução de uma ponte na cidade, pôde redigir grande parte de sua obra literária maior, **Os Sertões (1902)**⁸¹, a qual recebeu o título do livro que deveria ser **A Nossa Vendéia**. Nesse sentido, cabe analisarmos que os indícios de trauma que encontramos na poesia, supostamente, devem ter influenciado Euclides na elaboração de sua obra maior, **Os Sertões**.

⁷⁷ O Estado de S. Paulo, 17 jul. 1897, p. 1.

⁷⁸ VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de Os Sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002. p. 18.

⁷⁹ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 157.

⁸⁰ VENTURA, Roberto (1957-2002). – op. cit., p. 157.

⁸¹ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 451.

Ao que se refere ao testemunho, os autores Arthur Nastrovski e Márcio Seligmann-Silva, na apresentação da obra **Catástrofe e Representação (2000)** e no subtítulo “O sublime como categoria do ilimitado”, apresentam uma definição de testemunho bastante pertinente aos interesses de nossa pesquisa:

O testemunho é, via de regra, fruto de uma contemplação: a testemunha é sempre testemunha ocular. Testemunha-se sempre um evento. A palavra alemã para evento é justamente Ereignis (que vem de ir-ougen, sendo que ouga quer dizer olho) que, etimologicamente, significa “pôr diante dos olhos, mostrar”. O testemunho de um agora conecta-se, para Lyotard, ao registro do sublime porque gera um prazer eminentemente negativo: como vimos, o sublime produz uma suspensão, um desativamento da consciência⁸².

Nota-se que esses referenciais teóricos sobre testemunho têm possibilitado a leitura investigativa dos historiadores quanto às vítimas que sofreram com efeitos nocivos à memória causados pela participação direta ou indireta dos chamados eventos limites⁸³. Portanto, é por meio das possibilidades deixadas por testemunhas oculares que vasculhamos a História através de fontes e indícios, as chamadas pegadas⁸⁴, tal como sugere Carlo Ginzburg, historiador que tratou dos estudos sobre testemunho e os produziu quando investigou o único judeu sobrevivente que perdeu toda sua comunidade⁸⁵. Portanto, são estudos como o de Ginzburg que também nos ajuda quanto às investigações acerca de narrativa testemunhal.

Vale lembrar, portanto, que o conceito de testemunho obteve um impulso maior a partir das investigações sobre os testemunhos dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas como Auschwitz, por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Anos mais tarde, Primo Levi vai nos retratar que o massacre nazista “será lembrado como o fato central, como a mancha do século XX”⁸⁶, porque “jamais tantas vidas humanas foram eliminadas num tempo tão breve, e com uma tão

⁸² SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.). **Catástrofes e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 82.

⁸³ SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003.

⁸⁴ GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. Trad. de Frederico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1989. p. 145.

⁸⁵ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. de Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 13.

⁸⁶ LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. p. 16.

lúcida combinação de engenho tecnológico, de fanatismo e de crueldade”⁸⁷. Dessa maneira, podemos perceber o quanto Primo Levi na função de testemunha ocular que também ocupou em Auschwitz nos é importante por contribuir para que não caiam em esquecimento as atrocidades ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), período em que muitas vidas humanas foram massacradas. Nesse aspecto, podemos vislumbrar a importância de Euclides da Cunha que, de forma semelhante a Primo Levi na escrita, contribuiu através de seus testemunhos para que não nos esqueçamos dos horrores provocados por outro massacre histórico: o de Canudos.

É importante ressaltar que acontecimentos dessa natureza deixaram marcas irreversíveis na memória individual dos sobreviventes e testemunhas oculares além de, em muitos casos, marcas visíveis no corpo dessas vítimas. Mas é na ferida identitária do indivíduo que encontramos o efeito mais expansivo do trauma. Essa ferida se verifica quando a vítima tenta exteriorizar o que viu e vivenciou para o âmbito coletivo, seja por meio de depoimento oral ou escrito, seja por meio de expressão de desabafo. Assim, é importante retomarmos o debate temático sobre massacres à luz das problemáticas que regem a escrita dos historiadores como intervenção no tempo presente para que narrativas desse porte não se percam no silêncio da denúncia e na ausência da Memória viva.

LaCapra nos revela, a partir de seus questionamentos, a importância em investigar testemunhas pós-traumáticas porque elas têm muito a contribuir com os desdobramentos de pesquisas de cunho historiográfico. O testemunho daquilo que sofreu afeta o mundo interior e a própria ação do sobrevivente, fazendo com que ela procure se libertar, por meio dessa narrativa, da carga emocional, vinculada à representação histórica que a atormenta⁸⁸. Assim, é preciso enfatizar que as mortes coletivas ocorridas durante o Massacre em Canudos vieram a público de forma mais contundente por meio do trabalho literário da testemunha ocular Euclides da Cunha, perpetuando-se, portanto, na Memória coletiva nacional por meio de **Os Sertões (1902)**.

Em suas diversas formas de narrativa e em sua obra literária maior, as quais acabamos de mencionar, Cunha procurou agir, como interventor no espaço público daquela época e que esta intervenção ainda nos estimula a reler e considerar sua obra

⁸⁷ LEVI, Primo. – op.cit., p. 17.

⁸⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). A história como trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). **Catástrofe e Representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 85.

diante das problemáticas do presente referentes ao direito à vida humana. Para endossarmos este debate teórico procuramos nos valer das abordagens de Hannah Arendt (1906-1975) que, ao tratar da primeira catalogação do termo “público”, segundo a filósofa, público denota “dois fenômenos intimamente correlacionados”⁸⁹. O que nos interessa aqui é a primeira catalogação proposta pela autora porque nela o “público” se manifesta na efetiva ligação com o próprio indivíduo, em particular – definição esta que podemos vincular ao testemunho de Euclides da Cunha; enquanto o segundo, partindo do âmbito individual, estaria correlacionado à coletividade. Cabe considerarmos ainda que a autora revela que público “significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele”⁹⁰, ou seja, a explicativa se volta às questões e aos desdobramentos referentes à conexão do indivíduo com o mundo externo a ele.

Além disso, Hannah Arendt explica que o termo público, antes de qualquer definição, é tudo aquilo que vem a público e que pode “ser visto e ouvido por todos”⁹¹, ou seja, é aquilo que se volta à ampla divulgação. Os pensamentos, as paixões, os sentimentos individuais também são acoplados nessa definição. Segundo Arendt,

Em comparação com a realidade que decorre do fato de que algo é visto e escutado, até mesmo as maiores forças da vida íntima - as paixões do coração os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos – vivem uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequadas à aparição pública⁹².

Diante dessa assertiva, podemos ver que a abordagem da autora é bastante pertinente para pensarmos o testemunho do intelectual Euclides da Cunha na medida em que podemos visualizar nele o que Arendt retrata no excerto acima sobre a publicização daquilo que está inscrito no interior do indivíduo, ou seja, daquilo que está em sua mente, e, é do âmbito individual. Entendemos ainda que o processo de desindividualização do autor junto ao espaço público o torna figura muito útil às transformações sociais às quais estamos submetidos e a partir das quais buscamos as

⁸⁹ ARENDT, Hannah. A Esfera Pública: o comum. In: ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. de Roberto Raposo/Introdução de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. p. 62.

⁹⁰ ARENDT, Hannah. – op. cit., p. 62.

⁹¹ ARENDT, Hannah. – op. cit., p. 59.

⁹² ARENDT, Hannah. – op. cit., p. 60.

liberdades coletivas. A intervenção de Euclides da Cunha na esfera pública com a intenção de denunciar, naquela época, o crime contra seres humanos em que se configurou o Massacre em Canudos está, de certa forma, em consonância com a **Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789)**, com a qual podemos correlacionar a **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)** e, mais atualmente, a **Associação Liberdade para a História (2005)**, na França. Ou seja, conquistas históricas ao longo do tempo, as quais visam aos direitos à liberdade, justiça, direito a se ter direito.

Os problemas de ordem comunicativa encontrados em pessoas que retornam dos embates em áreas de guerra e dos campos de concentração nazistas após a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, são importantes neste contexto. Arendt chama a atenção para as experiências pessoais de dor física causadas às vítimas e testemunhas oculares dos horrores de eventos limites. Notamos, por meio dos indícios, que Euclides da Cunha enfrentou essa realidade na esfera pública, prova disso são os indícios de trauma encontrados nas fontes históricas que selecionamos para investigar.

Foi com a escrita da poesia **Página Vazia (1897)**, logo após o retorno de Euclides da Cunha da Guerra de Massacre em Canudos e, posteriormente, com a publicação da obra **Os Sertões (1902)** que a defesa incondicional à vida se apontou no horizonte do intelectual, justamente ao tomar a Guerra de Canudos, em diversas passagens da terceira parte de sua obra maior, como crime contra os sertanejos de Canudos. Conforme De Decca,

Euclides, de volta dos campos de luta, recolhe-se no interior de São Paulo e irá fazer da escrita a sua travessia pelo sertão da literatura nacional. Nesta escritura, em sua travessia para o mundo da literatura, ele irá escrever sua grande obra sobre um dos maiores crimes cometidos em nome da nacionalidade, a guerra de Canudos⁹³.

De forma semelhante, os acontecimentos testemunhados pelo químico italiano Primo Levi, dentre eles os massacres ou extermínios ocorridos nos campos de concentração nazistas, foram narrados em suas produções intelectuais, como bem ressalta ele, de modo a nos tornar coparticipantes da sua narrativa de dor psicológica e angústia. Portanto, Primo Levi não morreu em aspecto de Memória, continua vivo na vida daqueles que procuram ler suas obras e refletir sobre elas. Isso se faz importante

⁹³ DECCA, Edgar Salvadori de. Literatura em ruínas ou as ruínas na literatura? In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001. p. 168.

justamente pela resistência mostrada por ele em relação às experiências extremamente nocivas como as vistas, ouvidas e vivenciadas em Auschwitz.

Quanto às narrativas de Euclides foi possível reconhecer, nas principais fontes históricas que compõem esta pesquisa, sinais, rastros e indícios nos quais se esconde a representação histórica de crime contra seres humanos que foi Canudos. Notamos que essa representação emergiu, primeiramente, como solavancos diante do que Euclides testemunhou nos acontecimentos de massacre em Canudos. Podemos notar isso nos primeiros versos da poesia **Página Vazia (1897)**:

Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente
Muitas cenas do drama comovente
Da Guerra despiada e aterradora,⁹⁴

Para o professor alemão Berthold Zilly, que traduziu a obra **Os Sertões (1902)** para a língua alemã, “de certa forma, o autor de *Os Sertões* foi uma das últimas testemunhas oculares que escreveram sobre o que presenciaram”⁹⁵ durante a Guerra de Canudos, mesmo tendo permanecido no arraial de Canudos menos de três semanas, ressalta Zilly. Na volta do *front* de batalha, um dia após sua chegada a Salvador, encontrou a médica e feminista Francisca Fróes e escreveu para esta a poesia *Página Vazia*. Após 5 anos, em 1902, Euclides da Cunha estava com a obra *Os Sertões* pronta a ser publicada. Neste aspecto cabe retratarmos que estas duas narrativas estão intimamente ligadas e que nos reportou as investigações acerca de Euclides levando em consideração sua função de testemunha ocular em que contribuiu com a História e a Memória do Massacre em Canudos.

Para Márcio Seligmann-Silva, do ponto de vista do historiador, os documentos tomados como testemunho histórico servem como fontes para que possamos utilizá-las com rigor procurando corrigir suas lacunas. Esse processo é inquestionável em se tratando de investigações das vítimas de campos de concentração e se abre aos questionamentos que circundam Euclides da Cunha após sua experiência como

⁹⁴ Primeira estrofe da Poesia *Página Vazia* (1897) que, reiteramos, foi escrita pelo escritor Euclides da Cunha (1866-1909) e entregue à Francisca Prager Fróes em Salvador na Bahia. BERNUCCI, Leopoldo M. e HARDMAN, Francisco Foot (orgs.). **Euclides da Cunha: poesia reunida**. São Paulo: Editora Reunida, 2009. p. 276.

⁹⁵ ZILLY, Berthold. A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em *Os Sertões*. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. 5 (suplemento), 13-37, Rio de Janeiro, 1998.

testemunha ocular do Massacre em Canudos. Ademais, quanto ao papel da História e da Memória nesta abordagem, segundo Seligmann-Silva, “para a historiografia vale o partícipio “passado”; para a Memória, o “passado” é ativo e justamente “não passa”⁹⁶.

Assim, é indubitável que dentre outras produções relevantes do intelectual Euclides da Cunha, a escrita da poesia **Página Vazia (1897)** no final do século XIX e da obra **Os Sertões (1902)** no início do século XX tem nos chamado muito a atenção porque o que se mantém como pano de fundo em seus testemunhos em relação às vítimas de Canudos é a violência sem limites contra aqueles sertanejos. Nesse sentido, as reflexões de Arendt referente à condição humana se faz bastante pertinente ao que Euclides testemunhara. Porque, segundo Lafer, Hannah Arendt na função de apátrida⁹⁷ durante o período nazista na Alemanha sofreu perseguições políticas por parte do regime nazista implantado no país, o qual coibiu as liberdades individuais e coletivas, sujeitando as pessoas ao líder do regime Adolf Hitler (1889-1945). O conceito de condição humana se amplia às experiências de outras pessoas durante e após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), seja por meio dos testemunhos de sobreviventes, seja por meio do acompanhamento de regimes autoritários e ditatoriais que se alastraram pela América Latina, onde a sobrevivência humana esteve submetida aos interesses de militares cujo poder se desdobrou em várias instâncias da esfera pública, o que lhes permitiu proibir as liberdades coletivas.

Após esse expositivo, é preciso deixar claro que os trabalhos de Dominick LaCapra se configura como grande contribuição para as discussões sobre o trabalho do historiador que se vincula aos estudos acerca da ficção, pois é nesse espaço que a Literatura marca presença por meio das figuras de linguagens. Para LaCapra, as notas de rodapé em um trabalho histórico colocam o escritor perante os limites da História e o início da ficção. Segundo o autor,

Still, the limit of history and the beginning of fiction is probably reached in the self-referential note (or entry) that goes beyond intertextual indications, related to the research findings or conclusions of other historians, and blocks reference by taking one back into the

⁹⁶ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 16.

⁹⁷ LAFER, Celso. **A reconstrução dos Direitos Humanos: Um diálogo com os pensamentos de Hannah Arendt**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 148.

text with loopleftike or labyrinthine effects, as one has, for example, in Nabokov's *Pale Fire*⁹⁸.

A partir dessa questão, conseguimos dialogar com o que sugere Seligmann-Silva: “na literatura de testemunho não se trata mais de imitação da realidade, mas sim de uma espécie de manifestação do real”⁹⁹. Desse modo, esse autor colabora com as definições que têm ressaltado a diferenciação entre ficção e “real”¹⁰⁰, vinculada ao estudo de testemunho. Assim, o conceito de trauma e seus desdobramentos via as reflexões de Seligmann-Silva se fazem presentes para explicar a modalidade desse real que seguimos trabalhando nesta pesquisa. Por isso, podemos observar que o sentido das palavras e conotações presentes na literatura é marcado “pelo real que resiste à simbolização”¹⁰¹.

Nesse sentido, o fio condutor que percorre as problemáticas desenvolvidas nesta pesquisa, referentes ao testemunho, converge para outra questão que vem despertando interesse nos historiadores contemporâneos, qual seja: as possibilidades da representação histórica por meio de testemunhos históricos. Mudrovcic, ao dar enfoque às discussões de historiadores e outros intelectuais sobre “Pasados em conflito”, acaba por nos oferecer uma reflexão acerca do ofício do historiador no que se refere ao conceito de representação vinculado ao “real”:

Me refiero a cómo es entendido el término representación en el ámbito de una historia cultural o como cuando se intenta hacer la historia de

⁹⁸ LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 7. (Todavia, o limite da história e o início da ficção é alcançado provavelmente nas próprias notas de rodapé (ou verbetes) que vão além de indicações intertextuais, relacionadas com os resultados da pesquisa ou conclusões de outros historiadores, e com blocos referenciais que se voltam ao texto com circulações ou efeitos de labirintos, como ocorre, por exemplo, em *Fogo Pálido* de Nabokov.)

⁹⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 386.

¹⁰⁰ Vale lembrar que Márcio Seligmann-Silva procura diferenciar através de dois pontos centrais a literatura do real. Acharmos importante apresentar, ainda que brevemente, esses dois pontos para deixar claro como há o diálogo dessa discussão sobre ficção com aquela feita por Dominick LaCapra. Segundo Seligmann-Silva, os dois pontos centrais são: “(a) A literatura de testemunho é mais do que um gênero: é uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e faz com que toda a história da literatura – após 200 anos de autorreferência – seja revista a partir do questionamento da sua relação e do seu compromisso com o “real”. (b) Em segundo lugar, esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que nos interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do trauma, de um evento que justamente resiste à representação”. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 377.

¹⁰¹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. O Testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 387.

las representaciones que determinados grupos poseen del mundo. En este sentido y, al decir de Chartier, las representaciones son las “diferentes formas a través de las cuales las comunidades (...) perciben y comprenden su sociedad y su propia historia”¹⁰² o, como lo expresa Vezzetti, “son imágenes, ideas y discursos, que son la materia viva de la memoria y la experiencia sociales”¹⁰³. El historiador o estudioso de las representaciones sociales en este sentido, suspende la relación que las mimas pudiesen tener con lo “real”. Las representaciones son formas en que los individuos o grupos se piensan y creen acerca del mundo, aún cuando estas creencias pudiesen estar erróneas¹⁰⁴.

Ademais, por que trazer a este enredo preocupações referentes a “passados em conflito”? Porque esse estudo contribui com o desenvolvimento da problemática teórica acerca dos testemunhos históricos. Certamente o que nos interessa como ponto central é, por meio da investigação historiográfica dedicada à obra *Os Sertões* podermos analisar o possível resgate, por parte de Euclides da Cunha, da Memória das vítimas do massacre em Canudos. E, assim, por meio da nossa narrativa poder garantir a elas o seu lugar de visibilidade em nosso processo histórico, pois isso propiciará a esses indivíduos o direito de Memória de modo a se poder refutar o silêncio da História no tempo presente. Além disso, interessa-nos reconhecer como documentos testemunhais os testemunhos de teor literário, como é o caso da poesia **Página Vazia (1897)** e da obra **Os Sertões (1902)**, que representam historicamente o que Euclides da Cunha testemunhou em Canudos.

Para a literata Sandra Guardini Vasconcelos, Euclides da Cunha soube transformar a experiência traumática da Guerra de Canudos em formato literário, que é a obra **Os Sertões (1902)**. Com isso, o intelectual contribuiu “como um marco no

¹⁰² Esta passagem, segundo a autora, se encontra no livro “Roger Chartier, **El mundo como representación. Historia cultural entre práctica y representación**, Barcelona, Gedisa, 1996, Prólogo a La edición española, I.”

¹⁰³ Esta passagem, segundo a autora, se encontra no livro “VEZZETTI, Hugo. **Pasado y Presente. Guerra dictadura y sociedad en La Argentina**, Buenos Aires, Siglo XXI editores, 2002, p. 14”.

¹⁰⁴ MUDROVCIC, María Inés (editora). Representar pasados en conflicto. In: MUDROVCIC, María Inés (editora). **Pasados en conflicto: Representación, mito y memoria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 18 e 19. (Refiro-me-a como é entendido o termo representação no âmbito da história cultural, ou, como, quando se objetiva fazer a história das representações que determinados grupos têm do mundo. Nesse sentido, e, nas palavras de Chartier, as representações são as “diferentes formas através das quais as comunidades (...) percebem e compreendem sua sociedade e sua própria história” ou, como expressa Vezzetti, “são imagens, ideias e discursos que são a matéria viva da memória e das experiências sociais”. O historiador ou estudioso das representações sociais, nesse sentido, suspende a relação que elas podem ter com o “real”. As representações são formas como os indivíduos ou grupos pensam o mundo e creem nele, mesmo quando essas crenças possam estar erradas).

processo de formação de nossa consciência cultural”¹⁰⁵. Segundo Vasconcelos, Cunha, escandalizado com a situação, procurou entender e explicar o que testemunhara: a violência e o extermínio promovidos pelo exército brasileiro durante a guerra¹⁰⁶.

Podemos dizer que o trabalho com a Literatura na representação do Massacre em Canudos, do qual surgiu como resultado testemunhal a poesia **Página Vazia**, em 1897, e, em 1902, a obra **Os Sertões**, possibilita-nos, como chama a atenção, não obstante, Dominick LaCapra, estabelecer o diálogo com as preocupações expressas por Hayden White:

The comparison of historiography and fiction may be taken in a different direction than that prominent in White. One might argue that narratives in fiction may also involve truth claims on a structural or general level by providing insight into phenomena such as slavery or the Holocaust, by offering a reading of a process or period, or by giving at least a plausible “feel” for experience and emotion which may be difficult to arrive at through restricted documentary methods. One might, for example, make such a case for Toni Morrison’s *Beloved* with respect to the aftermath of slavery and the role of transgenerational, phantom-like forces that haunt later generations, or for Albert Camus’s *The Fall* with respect to the reception of the Holocaust. (Indeed, the more pertinent contrast between historiography and fiction might be on the level of events, where historians, as distinguished from writers of fiction, may not imbricate or treat in the same way actual events and ones they invent)¹⁰⁷.

Por outro lado, White nos chama atenção para o fato de que a construção de uma determinada configuração histórica depende da sutileza do historiador em alterar seu ponto de vista e adequá-lo às percepções diante da herança cultural que carregamos, em particular a literária. Dessa forma, a ideia de enredo se apresenta como ferramenta

¹⁰⁵ VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. A guerra sem fim (Notas sobre O Sertão Prometido: O Massacre de Canudos, de Robert Levine). In: DECCA DE, Edgar Salvadori e LEMAIRE, Ria. **Pelas Margens: Outros caminhos da História e da Literatura**. Campinas-Porto Alegre: Ed. da UNICAMP-Ed. da UFRGS, 2000. p. 95 e 97.

¹⁰⁶ VASCONCELOS, Sandra. – op. cit., p. 95 e 97.

¹⁰⁷ LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 13. (A comparação entre historiografia e ficção pode ser feita em uma direção diferente daquela presente em White. Pode-se argumentar que narrativas de ficção podem também envolver afirmações de verdade em um nível estrutural ou geral por providenciar percepções sobre fenômenos tais como a escravidão ou o Holocausto, oferecendo uma leitura do processo ou período, ou propiciando, no mínimo, um sentido plausível para a experiência e a emoção à qual pode ser difícil chegar através de métodos documentais restritos. Pode-se, por exemplo, fazer como a novela “*Beloved*” (“Amada”) de Toni Morrison que apresenta as consequências da escravidão e o papel das forças entre as gerações, forças que são como fantasmas que assombram as gerações posteriores, ou como “*The Fall*” (“A queda”) de Albert Camus que trata da recepção ao Holocausto. (Realmente, o mais pertinente contraste entre a historiografia e a ficção pode estar no nível dos eventos: historiadores, distinguindo-se de escritores de ficção, podem não combinarem-se ou tratar do mesmo modo eventos reais e aqueles que são inventados).

justamente ao sentido particular que queremos dar ao que está sendo narrado. Portanto, trata-se de “uma operação literária e criadora de ficção”¹⁰⁸.

A partir dessa assertiva, gostaríamos de não perder de vista e enfatizar a importância do papel desempenhado pelas testemunhas oculares como Euclides da Cunha, o qual, na função de jornalista e testemunha ocular assistira ao massacre cruel dos conselheiristas em Canudos, e, Primo Levi, na função de sobrevivente e testemunha ocular assistira aos horrores contra os seres humanos no campo de concentração em Auschwitz. Dessa maneira, vale assinalar que, além desses, outros sobreviventes de eventos limites ao tentarem expressar o que assistiram elaboraram testemunhos históricos que não deixam de ser lidos como uma produção marcada pela objetividade e subjetividade do narrador. Neste aspecto, pode-se notar que tanto Euclides na poesia **Página Vazia (1897)** quanto Levi em **É isto um homem? (LEVI, 1947)** não conseguiram expor os fatos de forma coerente e direta como realmente aconteceram. Ou seja, eles trouxeram a público um testemunho carregado de indignação e como forma de superar o trauma daquilo que testemunharam, por conta disso, um discurso fragmentado. Primo Levi deixa bem claro essa questão ao dizer já no prefácio do seu livro **É Isto um Homem? (LEVI, 1947)** que sua obra apresenta um caráter fragmentário porque foi escrita para satisfazer a necessidade interior de tornar público o que ele testemunhou no campo de concentração nazista em Auschwitz¹⁰⁹.

Por meio dessa análise vale atentarmos, conforme nos relata Paul Ricoeur (1913-2005), apesar de o testemunho inaugurar um processo epistemológico que parte da Memória declarada passando pelos arquivos e por outros documentos que se encontram externos aos centros de documentações no que converge na prova documental, vemos que o testemunho ressurgue no nível da representação do passado, pois ele aparece, na realidade, através de narrativas que apresentam imagens e artifícios retóricos¹¹⁰.

Ainda referente ao testemunho Ricoeur nos alerta para o fato de que, mesmo havendo outras múltiplas utilidades, existem duas utilidades do termo “testemunho” que se revelam importantes para o historiador: a primeira é que ele é “selado por seu

¹⁰⁸ WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 104.

¹⁰⁹ LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. de Luigi Del Re. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 8.

¹¹⁰ RICOEUR, Paul. III. O testemunho. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007. p. 170.

arquivamento” e a segunda é o fato de ele ser “sancionado pela prova documental”¹¹¹. Para nós é significativo trabalharmos esse conceito na esfera que mais nos interessa: o testemunho sancionado como prova documental. Porém, não ficaremos restritos a apenas essa utilidade porque o estudo desse tema nos possibilita estar abertos a um espaço profícuo que envolve questionamentos voltados aos limites da representação e que superam, portanto, as categorias do arquivamento.

Como trabalhamos com os testemunhos históricos de Euclides da Cunha, cabe-nos ainda, quanto a essa questão considerar: “até que ponto o testemunho é confiável?”¹¹² Na concepção de Ricoeur é preciso, antes de tudo, diferenciarmos o uso jurídico do uso histórico referente ao conceito de testemunho. Devemos deixar claro, então, que estamos no campo da História e que, portanto, o arquivamento do testemunho do lado histórico como prova documental se diferencia do seu uso jurídico como depoimento perante um tribunal com o objetivo de poder emitir uma sentença¹¹³.

Dessa maneira, a provocativa teórica apontada por Ricoeur se abre à comparação do historiador com o juiz que, além de nos interessar neste enredo, também é um ponto em que Hannah Arendt se apoia para refletir acerca da ação do homem no espaço público, a qual passa pelo crivo do juiz e do historiador que avaliam através de seus métodos a autenticidade de um testemunho caso venha a ser requerido em um acontecimento cotidiano. Segundo Ricoeur, é preciso visualizar entre o historiador e o juiz uma terceira posição em relação aos lugares ocupados na esfera pública¹¹⁴. Assim, compreendemos que a representação historiográfica partindo da análise do testemunho em sua singularidade histórica deva ser expandida como resistência por meio da Memória para que acontecimentos dessa natureza, de massacre ou eventos limites, não voltem a se repetir.

Vale atentarmos ainda, conforme ressalta Ricoeur:

O juiz deve julgar – é sua função. Ele deve concluir. Ele deve decidir. Ele deve reinstaurar uma justa distância entre o culpado e a vítima, segundo uma topologia imperiosamente binária. Tudo isso, o historiador não faz, não pode, não quer fazer; se tenta, com o risco de

¹¹¹ RICOEUR, Paul. – op. cit., p. 170.

¹¹² RICOEUR, Paul. III. O testemunho. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007. p. 171.

¹¹³ RICOEUR, Paul. – op.cit., p. 172.

¹¹⁴ RICOEUR, Paul. III. O historiador e o juiz. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007. p. 330.

erigir-se sozinho em tribunal da história, é ao preço da confissão da precariedade de um julgamento cuja parcialidade e até mesmo a militância ele reconhece. Mas então, seu julgamento audacioso é submetido à crítica da corporação historiadora e à do público esclarecido, sua obra oferecida a um processo ilimitado de revisões que faz da escrita da história uma perpétua reescrita. Essa abertura para a reescrita marca a diferença entre um julgamento histórico provisório e um julgamento judicial definitivo¹¹⁵.

Norteados por essa via explicativa é preciso dizer sobretudo que nos inclinamos à explicação de Marc Bloch de que a função do historiador é investigar e não julgar. Dessa maneira vemos que Ginzburg, ao retratar que “o direito e a historiografia têm, então, ao quanto parece, regras e fundamentos epistemológicos que nem sempre coincidem” e que “os princípios jurídicos não podem ser transferidos em peso para a pesquisa histórica”¹¹⁶, acaba por contribuir com as preocupações que regem nossa pesquisa, a qual procura apreender o escritor Euclides da Cunha como testemunha ocular do Massacre em Canudos.

1.1. A função da testemunha ocular Euclides da Cunha para a História

Euclides, desde o período em que deixara o Exército e os estudos militares em 1896 começara então a se distanciar da corporação, e, futuramente, dos ideais republicanos do país. Assim, anos mais tarde “denunciou as tropas republicanas pelo massacre dos habitantes de Canudos, seguidores do beato Antônio Conselheiro”¹¹⁷. Os horrores assistidos pelo intelectual nos últimos dias em Canudos possivelmente ficaram em sua mente. Conforme o 1º de outubro de 1897: “Num instante, eram devorados pela fuzilaria dos jagunços, no auge da sua agressividade. Decidiram, então, os chefes acabar naquele mesmo dia com o massacre das suas brigadas, à beira de um fosso defendido

¹¹⁵ RICOEUR, Paul. – op.cit., p. 335.

¹¹⁶ GINZBURG, Carlo. Testis unus, testis nullus - O extermínio dos judeus e o princípio da realidade. In: MALERBA, Jurandir (org.). A história escrita: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006. p. 215.

¹¹⁷ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 214.

por demônios”¹¹⁸. Por mais de dez horas aquele embate avançara destruindo tudo, “caixas de dinamite foram transportadas para o campo de batalha. O último instante de Canudos tinha soado. Uma a uma, jogadas de cima para baixo, as bombas explodiam, fazendo voar pedras e traves para todos os lados”¹¹⁹. Rabelo relata ainda que além de Euclides ter percorrido pelo arraial em que encontrara cadáveres expostos e em todas as posições, neste embate do primeiro de outubro testemunhou “vultos de mulheres carregando crianças nos braços, aos gritos, nos estertores daquela hora sinistra. Divisou corpos, caindo por entre o monturo, estrebuchando em agonia”¹²⁰.

Ao voltarmos à problemática que envolve o nosso passado traumático onde se situa o Massacre em Canudos revelado em *Os Sertões* nota-se que podemos considerar a relação entre as narrativas de Euclides da Cunha e a de Primo Levi como testemunhos históricos que evocam e denunciam crimes cometidos contra a vida humana. Nesse aspecto nota-se que essa assertiva nos reporta à reflexão acerca das problematizações quanto à representação historiográfica desses eventos limites. Por outro lado, observa-se ainda que o estudo do Massacre em Canudos para o qual trazemos as problemáticas dos testemunhos de sobreviventes do Holocausto tem nos norteado ao aprofundamento desta temática via os estudos com a literatura de cujo aporte se dá por meio da literatura de testemunho. Nesse sentido o papel da linguagem principalmente no que se refere à voz média se configurou fundamental para investigarmos testemunhos históricos. Segundo Decca, Euclides ao retornar de Canudos revelou-se “incapaz de narrar e representar aquilo que tinha vivido. Encenação traumática de uma experiência vivida e que já teria se repetido outras vezes na história brasileira”¹²¹. Dessa forma os testemunhos históricos marcados de problemas na linguagem e que são traduzidos para a escrita dessas vítimas ao longo da sua vida se constituíram muito importantes no processo da nossa pesquisa¹²².

¹¹⁸ RABELO, Silvio. Euclides da Cunha. Série A. **Coleção Estudos Brasileiros da ECB**: Rio de Janeiro, 1948. p. 172.

¹¹⁹ RABELO, Silvio. – op. cit., p. 172.

¹²⁰ RABELO, Silvio. – op. cit., p. 172.

¹²¹ DECCA, Edgar Salvadori de. Trauma e história na composição de *Os Sertões*. In: NASCIMENTO, José Leonardo do. *Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogo*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 44.

¹²² Vale considerarmos aqui a expressão de Primo Levi no prefácio da obra **É isto um homem? (1947)** quando ele nos chama atenção ao dizer que aquele livro é marcado por fragmentos devido à necessidade de “liberação interior” em que os capítulos segundo ele foram escritos sem sucessão lógica, portanto “seu

Outro ponto importante que também gostaríamos de ressaltar é a questão da representatividade coletiva do sertão baiano por meio da figura do Antônio Conselheiro. Por um lado vale lembrar que Euclides sentiu-se atraído pela trajetória de vida desta personagem¹²³. Por outro lado esta questão da representatividade encontrada no líder dos canudenses nos leva a refletir acerca da resistência dos conselheiristas frente às tropas militares. Segundo Rabelo, Euclides soubera que naquela região,

a influência do Conselheiro era maior do que supunha. Meses antes tinham vindo de Mundo-Novo, de Entre-Rios, de Inhambuque, de Tucano e do Cumbe famílias inteiras, em romaria a Canudos. Algumas dessas vilas quase ficaram despovoadas. Os peregrinos eram gente de toda a espécie: homens, mulheres e crianças; pobres e ricos; velhos que mal andavam arrimados a um cacete; doentes que não tinham perdido a fé em sua cura. Todos vinham, carregando andores, imagens de santos e grandes cruzeiros. Chegavam cantando as suas rezas; paravam em Queimadas para um breve repouso; em seguida, continuavam a marcha, reiniciando o cântico triste das ladainhas. Estava, assim, explicado por que Canudos cresceu de modo assombroso: doze casas eram construídas diariamente no arraial. E por que a sua resistência aumentava sempre¹²⁴.

Constatamos, portanto que, a questão religiosa também se faz bastante pertinente neste contexto em que Euclides enxerga no Conselheiro a figura emblemática que através da religião angariou seguidores. Cabe assim atentarmos às problematizações de Eliane Moura referente aos estudos voltados ao surgimento de fenômenos religiosos. Ou seja, é importante observar como e por que surgem crenças “em determinados momentos que determina representação, conceitos e práticas”¹²⁵. E, o messianismo em Canudos, detectado por Euclides, não foge à regra. Assim, nota-se que essas preocupações no campo das religiões não deixam de estar vinculadas com as questões culturais no âmbito da historiografia.

Nesse sentido, ao trazermos para nossa pesquisa elementos constitutivos como a Religião e a Cultura referentes à linha de pesquisa “Historiografia, Religião e Cultura”

caráter fragmentário”. Consultar: LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. De Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 8.

¹²³ Conferir na passagem de Os Sertões: Antônio Conselheiro, documento vivo de atavismo. CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968. pp. 113-118.

¹²⁴ RABELO, Silvío. Euclides da Cunha. Série A. **Coleção Estudos Brasileiros da ECB**: Rio de Janeiro, 1948. p. 141.

¹²⁵ SILVA, Eliane Moura da. O fanatismo religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas. In: SILVA, Eliane Moura da; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). **O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2014. p. 21.

da qual estamos vinculados no Programa de Pós Graduação em História da UNICAMP vale destacarmos que as preocupações que surgiram no campo historiográfico a partir de 1970¹²⁶ e que, de certa forma, convocaram todos os historiadores a repensar seu ofício em relação ao historicismo do século XIX continuam a nos desafiar no início do século XXI. É a partir da terceira geração dos Annales e das reflexões propostas por Jacques Le Goff (1924-2014) e Pierre Nora referente ao campo cultural que trazemos conceitos desse período para dialogar com a nossa temática que se volta ao estudo da obra *Os Sertões* a qual envolve a função ocupada pelo escritor Euclides da Cunha de testemunha ocular diante o que ele testemunhou no Massacre em Canudos. Certamente que, investigar a obra **Os Sertões (1902)** à luz das questões historiográficas surgidas a partir das três últimas décadas do século XX, na Europa, ajuda-nos a estudar os silêncios e os vencidos da História no processo de produção representativo utilizado por Euclides da Cunha, e, nas instâncias polêmicas em que se voltam à apropriação do passado por parte de nós historiadores.

Ademais, vale observar que podemos observar a ampliação da História Cultural a partir do “Maio de 1968” cujo epicentro foi a França, visto que esse acontecimento veio ao encontro das mudanças no âmbito historiográfico que passaram a se intensificar na década de 70 do século XX. Portanto, a partir de 1980 a fusão desses acontecimentos se firmou em um conjunto de abordagens e propostas em que “a História, a Antropologia e a Crítica Literária, cujos eixos irradiadores mais significativos se localizaram também na França, na Inglaterra, na Itália, nos Estados Unidos e na Alemanha”¹²⁷ possibilitaram a abertura aos intelectuais para um trabalho mais dinâmico em que as classes populares passaram a estar sob as lentes das pesquisas históricas. Segundo Diogo da Silva Roiz, o historiador Peter Burke, ao ser perguntado sobre o que seria História Cultural, respondeu que ela foi redescoberta nos anos de 1970 e que a partir de então vem desfrutando de uma renovação, sobretudo na academia¹²⁸.

O campo historiográfico é caracterizado por muitas teorias, mas o que também nos interessa no âmbito desta pesquisa se volta às problemáticas históricas em relação à

¹²⁶ LE GOFF, Jacques. Memória. Trad. de Bernardo Leitão e Irene Ferreira. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão *et al.* 2ª ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 1992. p. 129-130.

¹²⁷ ROIZ, Diogo da Silva. A história da História Cultural, segundo Peter Burke. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n 15, p. 235-239, jul.-dez. 2007.

¹²⁸ Idem.

representação e apropriação do passado por parte dos historiadores atuais em oposição aos políticos e outros agentes dos vários setores sociais que objetivam deter esse direito. Dessa forma nosso objetivo se configura em investigar a obra monumental *Os Sertões* e voltar-mo-nos à apreensão da trajetória de Euclides da Cunha de 1897 a 1902 observando, portanto, além desse limite, a importância dos estudos acerca da função da testemunha ocular para a História e para a Memória. Nota-se importante ainda pesquisar a trajetória desta testemunha e o contexto no qual ela esteve vinculada, além disso, lançar mão dos momentos em que esta testemunhou episódios estarrecedores, e depois, problematizar a denúncia por parte dessas mesmas testemunhas históricas quanto aos crimes cometidos contra seres humanos. Por outro lado, a prática dos historiadores enquanto mediadores cujas funções se iniciam na leitura e análise das fontes históricas e vão até a própria escrita da História tem despertado nossa atenção para alguns apontamentos quanto aos limites e às possibilidades de representar, como sugere Mudrovcic, no aspecto mais teórico, por meio do conceito de “Passados Traumáticos”.

Dessa maneira, vale atentarmos, apesar desses avanços, a questão da apropriação do passado continua sendo motivo de preocupação entre historiadores contemporâneos, a nosso ver, por dois motivos. O primeiro se refere à questão, defendida por Pierre Nora na **Associação Liberdade para a História**, de que a História precisa estar liberta das amarras de leis que objetivam coibi-la de representar “passados recentes” ou “passados em conflito”, conforme sugere María Inês Mudrovcic. Assim, é importante notar no prefácio do livro **Liberté pour l’histoire (NORA & CHANDERNAGOR, 2008)** o que Nora nos assegura:

L’association – Liberté pour l’histoire – est née, en 2005, sous la présidence de René Rémond, d’un appel signé par un millier d’historiens. Émus par des interventions politiques de plus en plus fréquentes dans l’appréciation des événements du passé par des procédures judiciaires touchant des historiens et des penseurs, ils entendaient rappeler que l’histoire n’était ni une religion ni une morale; qu’elle ne devait pas être l’esclave de l’actualité ni s’écrire sous la dictée de la mémoire; que la politique de l’État n’était pas la politique de l’histoire.

- Liberté pour l’histoire – s’est donc donné pour mission de faire reconnaître la dimension scientifique de la recherche et de l’enseignement historiques et de défendre la liberté d’expression des historiens contre les interventions politiques et les pressions idéologiques de toute nature et de toute origine.

Cette Mission, et la mobilisation des historiens qui la porte, ont pris une dimension internationale en avril 2007 avec Le projet d’adoption d’une décision-cadre européenne qui, au nom d’une lutte légitime contre le racisme et l’antisémitisme, punit dans tous les États membres de l’Union – l’apologie publique, la négation ou

la banalisations grossière – des crimes de génocide, crimes contre l’humanité et crimes de guerre.

Les deux textes ici réunis, l’un de Pierre Nora, président de – Liberté pour l’histoire –, l’autre de Françoise Chandernagor, vice-présidente, cherchent à mettre en lumière la logique implicite de ces – lois mémorielles – et les conséquences intellectuelles, morales et juridiques qu’elles impliquent.

Le lecteur peut en savoir davantage en se reportant au site Internet de l’association, à l’adresse suivante: www.lph-asso.fr¹²⁹

Segundo o professor Edgar Salvadori de Decca na ementa do curso intitulado “Liberdade para a História”, ministrado no Programa de Pós Graduação em História da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) em 2014,

(...) a história se tornou nos últimos tempos um campo de disputa com relação aos eventos traumáticos do passado, o passado se transformou num terreno de discórdia entre a história, a memória, os legisladores e a opinião pública. Nesse sentido, a história que sempre se definiu na busca pelos traços do passado tende a se definir como uma prática cultural que avalia de que modo o passado se projeta no presente e atua em nossas vidas¹³⁰.

Dessa maneira, essa posição nos leva a refletir sobre o próprio espaço do historiador, o discurso histórico relacionado ao lugar do historiador e às suas práticas ao se pensar a esfera em que se constitui o discurso histórico. Podemos perceber, então, que o discurso jurídico e político tem interpelado, em várias instâncias, o discurso da História e, por isso, são necessárias posições que nos garantam liberdade no ofício historiográfico.

¹²⁹ NORA, Pierre e CHANDERNAGOR, Françoise. **Liberté pour l’histoire**. Paris/França: CNRS Éditions, 2008. pp. 7-8. (Tradução nossa: A Associação “Liberdade para a História” nasceu em 2005, sob a presidência de René Rémond, num apelo assinado por milhares de historiadores. Movidos por intervenções políticas cada vez mais frequentes na avaliação de eventos do passado e processos judiciais envolvendo historiadores e pensadores, eles procuraram lembrar que a história não se configura como uma religião ou uma moral; ela não deve ser escrava do dinheiro ou ser escrita sob ditado da memória, e que a política de Estado não deve passar à condição de política da história. **“Liberdade para a História” tem, portanto, a missão de fazer reconhecer a dimensão científica da pesquisa e da educação histórica e de defender uma liberdade de expressão de historiadores contra os interventores políticos e as pressões ideológicas de qualquer tipo e qualquer origem. Essa missão, e a mobilização dos historiadores à qual me refiro, tem tomado uma dimensão internacional desde abril de 2007 com o projeto de adoção de uma decisão no quadro europeu, em nome de uma luta legítima contra o racismo e o antissemitismo, de punir todos os Estados Membros da União Europeia – desculpas públicas, negação ou banalização grosseira – por crimes de genocídio, crimes contra a humanidade e crimes de guerra.** Ambos os textos aqui reunidos, um de Pierre Nora, presidente da “Liberdade para a história”, o outro de Françoise Chandernagor, vice-presidente, procuram destacar a lógica implícita dessas leis memoriais e as consequências intelectuais, morais e jurídicas que elas implicam. Os leitores poderão saber mais conferindo o site da associação no seguinte endereço: www.lph-asso.fr / Pierre Nora e Françoise Chandernagor).

¹³⁰ Curso HH 172-A – Tópicos em Teoria da História, ministrado pelo Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca, que o intitulou “Liberdade para a História” para nortear os debates; os seminários; as leituras e as análises que surgiram no decorrer dos encontros.

O segundo motivo de preocupação ocorre por conta do fato de que os historiadores têm defrontado, constantemente, suas produções historiográficas com outras abordagens e com outros objetivos de natureza perpendicular, no espaço público, justamente no que se refere à apropriação do passado, a qual se tornou conflituosa nos últimos anos porque outros setores interpelam, por meio de formas como proselitismo, a constituir um discurso “historiográfico” a maneira deles. Segundo Mudrovcic, a maioria dos debates no âmbito das humanidades, nos últimos anos, tem girado em torno dos limites da representação histórica de acontecimentos extremos do passado recente¹³¹, ou seja, essa assertiva não deixa de atrair outros intelectuais para além da área da historiografia com o propósito de representação do passado por meio de testemunhos históricos.

Após o apanhado teórico explicitado acima que nos ajuda a situar nossa pesquisa, e, apontar elementos e conceitos historiográficos que vem dialogar com nosso estudo cabe seguirmos analisando que, quanto aos testemunhos de Euclides, podemos constatar que nos forneceram representação dos horrores do Massacre em Canudos. Para o jornalista e estudioso da obra maior de Euclides da Cunha, Olímpio de Souza Andrade (1914-1980), a **Caderneta de Campo (1897)** é “a fonte primeira de Os Sertões”¹³². Além disso, Andrade nos alerta que o jornalista preencheu três cadernetas iguais a esta. Uma delas continha observações pessoais do autor; a outra, anotações literárias, informações sobre regiões do Brasil, recortes de publicações internacionais e mapas do Acre e de outros lugares; e a terceira revelava informações do sertão da Bahia e outros assuntos referentes à Revolta da Esquadra de 1893¹³³. É importante salientarmos ainda que a **Caderneta de Campo (1897)**, utilizada em nossas investigações e disponibilizada on-line pela Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, encontra-se dividida em três partes: Introdução, Caderneta de Campo (Texto e croquis) e, por fim, Comentários de Olímpio de Souza Andrade. Na terceira parte, esse estudioso retrata:

¹³¹ MUDROVCIC, María Inés. El debate en torno a la representación de acontecimientos límites del pasado reciente: alcances del testimonio como fuente. **Diánoia**. México, v. 52, n 59, pp. 127-150, 2007. p. 136.

¹³² ANDRADE, Olímpio de Souza. Introdução: Um caderno de bolso de Euclides em Canudos – Nascidouro de Os sertões. In: CUNHA, Euclides. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional). p. 32.

¹³³ ANDRADE, Olímpio de Souza. – op. cit., p. 39.

Seguem-se nesta parte umas tantas observações sem as quais seria extremamente dificultada, quase sem sentido, a leitura das anotações de Euclides. A inexistência desse trabalho, exigente de tempo, paciência e pesquisa, paralelo ao texto desconexo do escritor, deixaria muito a desejar, sendo esse muito quase tudo para a exata compreensão das garatujas e da aparente desordem do autor de *Os Sertões*¹³⁴.

Apesar de Cunha ter permanecido pouco mais de três semanas em Salvador antes de seguir ao arraial dos conselheiristas, esse tempo foi suficiente para que ele presenciasse as primeiras vítimas vindas da Guerra em Canudos. Segundo Villa, ali ele escreveu o primeiro artigo dos dez artigos que redigiria estando em Salvador e que enviaria ao jornal **O Estado de S. Paulo**¹³⁵. Assim, o jornalista já começou a analisar, durante sua estadia em Salvador, a brutalidade dos combates que estavam ocorrendo em Canudos. Segundo Cunha, em rascunho para telegrama expedido da Bahia em de 10 de agosto¹³⁶ de 1897:

Deve estar chegando a Canudos primeira turma estudantes medicina que partiram Monte Santo dia 6. Ministro autorizou chefe serviço sanitário fazer aquisição material necessário enfermarias feridos que chegam, atingindo já número de quinhentos. Visita general Savaget aos oficiais doentes comoventíssima. Quase todos pertencem à heróica coluna por ele comandada. Percorrendo as enfermarias, animando, conversando bravos companheiros próprios moribundos esforçavam-se levantar uma viva entusiasta! Projeta-se criação novas enfermarias. Têm sido praticadas com sucesso várias operações. Estado moral feridos elevado – felizes todos pelo sacrifício em prol da República. A cidade até então quase indiferente à luta reanima-se ardentemente à entrada dos heróis feridos¹³⁷.

¹³⁴ ANDRADE, Olímpio de Souza. Comentários – Olímpio de Souza Andrade. In: CUNHA, Euclides. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional). p. 308.

¹³⁵ VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de *Os Sertões*. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002. p. 18.

¹³⁶ ANDRADE, Olímpio de Souza. Comentários – Olímpio de Souza Andrade. In: CUNHA, Euclides. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional). pp. 310 e 311.

¹³⁷ CUNHA, Euclides. Caderneta de Campo (Texto e croquis). In: CUNHA, Euclides. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional). pp. 74 e 75.

Cabe ressaltar que, para Walnice Nogueira Galvão, a chegada da primeira turma de estudantes de medicina a Canudos consta no telegrama do dia 12 de agosto de 1897¹³⁸ e não do dia 10 de agosto, como está escrito na **Caderneta de Campo (1897)**.

Segundo Ventura, Cunha deixou Salvador em 30 de agosto e seguiu para Monte Santo, onde chegou no dia 7 de setembro. Cunha permaneceu ali até o dia 13 de setembro e, após receber autorização do ministro da guerra, seguiu até o arraial maldito¹³⁹, como denominado por ele. É digno de nota observar que o jornalista começou a se sentir ainda mais frustrado perante a realidade a que assistiu em Monte Santo, apesar de este ser considerado, segundo Ventura, um dos ambientes mais belos do país. As mulheres feias e maltrapilhas, a seca e a má infraestrutura como esgotos a céu aberto, por exemplo, convenciam-no de que naquele espaço geográfico em que reinava tanta miséria era difícil a sobrevivência humana¹⁴⁰.

Para a antropóloga Regina Abreu, Euclides a partir de 31 de agosto, dia em que partiu de Salvador rumo a Canudos, passou a anotar e observar criteriosamente tudo o que via pelo caminho. Assim, “as anotações sucediam-se, desordenadas, procurando registrar os aspectos da região nos mais diversos planos: botânica, geologia, geografia, sociologia, aspectos locais da língua portuguesa, detalhes arquitetônicos, costumes”¹⁴¹. Antes da chegada a Monte Santo¹⁴², o jornalista tomara nota e observara a realidade cruel a que estava submetida aquela gente. Isso foi possível pois, como relembra-nos Abreu em suas pesquisas, os mesmos trens que enviavam soldados de Queimadas para o *front* de batalha em Canudos vinham de lá lotados de feridos, causando espanto aos sertanejos da região¹⁴³.

¹³⁸ GALVÃO, Walnice Nogueira (org). **Euclides da Cunha: Diário de uma Expedição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. pp. 228 e 229.

¹³⁹ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 163.

¹⁴⁰ VENTURA, Roberto (1957-2002). – op. cit., p. 166.

¹⁴¹ ABREU, Regina. **O Enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998. p. 135.

¹⁴² Vale destacar que Euclides da Cunha (1866-1909), a partir do momento em que partiu de Salvador em 31 de agosto de 1897, passou pelas cidades da Bahia como Alagoinhas; Queimadas (permanecendo ali de 1 de setembro a 4 de setembro); Tanquinho (chegando ali em 4 de setembro e partindo no mesmo dia); Quirinquinquá (chegando ali em 5 de setembro); Monte Santo (chegando ali em 7 de setembro de 1897). Conferir essas informações no livro ABREU, Regina. **O Enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998 nas páginas 135 à 141 sob o título “A Caminho dos Sertões” e nas páginas 152 à 156 sob o título “Prosseguindo viagem até Canudos”.

¹⁴³ ABREU, Regina. **O Enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998. p. 136.

Um dos pontos-chave das anotações na Caderneta de Campo de Euclides da Cunha se encontra no escrito intitulado por ele “O Homem”. É importante destacar que nessa anotação do autor ele chama atenção para as características do ambiente e do Homem sertanejo, habitante heroico daquele local¹⁴⁴. Além disso, o que mais nos desperta curiosidade é quando ele faz referência ao “predomínio dos mais fortes”, à “resistência à dor”, à “coragem pessoal” para retratar os sertanejos. Essas constatações são muito importantes à nossa pesquisa porque nos leva aos questionamentos e problemáticas que norteiam nossos estudos e que se volta ao retrato das vítimas. Portanto, nesse aspecto, nosso enfoque se valida por meio das investigações quanto ao nosso objeto de estudo. Assim procuramos contemplar a importância convergente à condição humana dos sertanejos. Ademais, retornando ao escrito de Euclides da Cunha, destacamos o trecho a seguir:

O Homem: Sumário – Vida animal exuberante prejudicando as funções intelectuais e morais – Exageros da vida material – A capacidade étnica da raça corrigirá as influências termométricas? – A alimentação – Influência de um solo árido – Vida nômade – Frugalidade explicada pela altura térmica – Imprevidência pela vida. Eterno conflito entre os elementos da vida individual e a existência coletiva – Sociedade inconsistente – Predomínio das paixões pessoais – Regime pastoril nômade. Aspecto atraente das chapadas – Incentivo à vida aventureira – O deserto áspero e impenetrável isolador étnico. Insulamento no deserto determinando a conservação de velhos costumes e erros. Imunidade para as febres palustres – A superstição – Regressão para o tipo indígena pela não infusão de elementos estranhos. Predomínio dos mais fortes. A cor. Aspecto. Caracteres físicos. Infantilidade. Imaginação viva – Reflexão estreita. Memória feliz! Imprevidência. Resistência à dor. O medo. Terror religioso. A moralidade. A alimentação. A habitação. Exemplos de delicadeza moral. Espírito vingativo. O roubo. As vaquejadas. Vocabulário. As santas missões. A coragem pessoal¹⁴⁵.

Nos comentários do euclidianista Olímpio de Souza Andrade, essa anotação de Euclides da Cunha nos traz indícios de que “estamos, sem dúvida, diante de primitivo roteiro para estudo mais longo, que, afinal, viria a ser Os Sertões”¹⁴⁶. Ainda segundo

¹⁴⁴ Realidade que pode ser confirmado nas fotos de Flávio Barros que se encontra em anexos nessa dissertação.

¹⁴⁵ CUNHA, Euclides. Caderneta de Campo (Texto e croquis). In: CUNHA, Euclides. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional). pp. 81 e 82.

¹⁴⁶ ANDRADE, Olímpio de Souza. Comentários – Olímpio de Souza Andrade. In: CUNHA, Euclides. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional). p. 313.

Andrade, os títulos das passagens “Reflexão estreita”, “Memória Feliz!”, “Imprevidência”, “A moralidade” e “A coragem pessoal”¹⁴⁷ foram expressões contempladas pelo autor na obra **Os Sertões (1902)**.

Diante as dificuldades enfrentadas pelos sertanejos como a miséria, seca, fome, as quais foram testemunhadas por Euclides, e, enfatizadas em seus escritos, podemos observar que, o Massacre em Canudos testemunhado pelo escritor, supostamente, gerara indignação e uma sensação de não saber o que se sucedia a cada dia naquele *front* de batalha. Assim, pode-se analisar que, os estudos de Dominick LaCapra sobre a escrita do trauma vinculada à escrita da História e as suas problemáticas no que envolve significativo estudo acerca das vítimas que retornam, na condição de sobreviventes, de eventos traumáticos nos auxilia na leitura que fazemos do intelectual Euclides da Cunha. Cabe salientar, como já fizemos anteriormente, que a linguagem dessas vítimas vem afetada por terem testemunhado injustiças cometidas contra pessoas indefesas, as quais foram vítimas de horrores como massacres, genocídios e extermínios de pessoas em massa.

Os crimes cometidos contra grupos humanos são acontecimentos que têm chocado os telespectadores num mundo distante e, mais ainda, os participantes do evento, causando trauma e intensificando uma ferida identitária individual que, com o tempo, passa a ser comungada no âmbito coletivo justamente porque as testemunhas oculares sentiram a necessidade de por meio da escrita superar o trauma individual. Segundo LaCapra:

Una forma de ver las narrativas experimentales es explorando las relaciones intrincadas entre el repetir (“acting out”) o la repetición compulsiva de eventos traumáticos y sus restos emocionalmente cargados, e intentar elaborarlos (“working through”) para lograr alternativas menos restrictivas que provean aperturas posibles a futuros más deseables (En verdad, el auge reciente en los estudios del trauma es notable, y está comenzando a tener su impacto en la historiografía, incluyendo formas de resistencia)¹⁴⁸.

¹⁴⁷ ANDRADE, Olímpio de Souza. – op. cit., p. 313.

¹⁴⁸ LACAPRA, Dominick. Resistiendo al Apocalipsis y repensando a la historia. In: MUDROVIC, María Inés. **Pasados en conflicto: Representación, mito y memoria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 48-49. (Uma forma de ver as narrativas de testemunho é explorando as relações intrincadas entre o repetir (“expor para fora”) e a repetição compulsiva de eventos traumáticos e de seus resíduos emocionalmente carregados para tentar elaborá-los (“trabalhando através”) a fim de conseguir alternativas menos restritivas que forneçam aberturas possíveis a futuros mais desejáveis (na verdade, o recente auge dos estudos do trauma é notável, e está começando a obter seu impacto na historiografia, incluindo formas de resistência)).

Podemos notar ainda que as inquietações que atingem LaCapra não estão apenas restritas ao âmbito teórico referente à relação entre História e Literatura, pois, conforme pudemos observar, a Psicanálise também é um dos instrumentos que junto da História mantém suas formas de ler, interpretar e diagnosticar os indícios negligenciáveis para o senso comum. Dessa forma, ela dialoga com outras áreas das humanidades na procura da apreensão do comportamento humano e de sua trajetória no tempo. Além disso, LaCapra em seus estudos procura fazer referência a White, o qual tem defendido que a narrativa está mais próxima da ficção. A abordagem de White ajuda-nos a repensar ainda as formas de representação do passado como “narrativas modernistas”, a partir das quais a historiografia tende a superar o realismo do século XIX¹⁴⁹.

Diante deste explicativo e no embalo da nossa narrativa, é preciso ainda apresentar o conceito de trauma no âmbito da literatura em que contemplamos o teor testemunhal em narrativas de testemunho. Os críticos literários Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva, ao tratarem do assunto catástrofe, chamam nossa atenção para o fato de que catástrofe é um evento que provoca trauma, além de ser uma palavra grega que significa ferimento. Dessa maneira, segundo esses autores, “Trauma deriva de uma raiz indo-europeia com dois sentidos: friccionar, triturar, perfurar; mas também suplantar, passar através”¹⁵⁰. É, portanto, para esses autores, uma ferida causada na Memória. Ainda segundo esses autores, “a característica essencial do trauma é o adiamento, ou incompletude do que se sabe”¹⁵¹. Nas palavras de Mudrovic, o que provoca o trauma depende do momento em que a pessoa esteve frente àquilo que testemunhou de horror, ou seja, depende de sua experiência enquanto testemunha ocular¹⁵².

Ao visualizarmos a experiência de Euclides da Cunha em sua função de testemunha ocular diante a realidade do local e de arredores em que se sucederam o Massacre em Canudos, cabe a nós no âmbito das problematizações historiográficas

¹⁴⁹ LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 15.

¹⁵⁰ NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA. Apresentação. In: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.). **Catástrofes e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 8.

¹⁵¹ NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. – op. cit., p. 8.

¹⁵² MUDROVIC, María Inés. El debate en torno a la representación de acontecimientos límites del pasado reciente: alcances del testimonio como fuente. **Diánoia**. México, v. 52, n 59, pp. 127-150, 2007. p. 131.

acerca de outras testemunhas oculares de eventos traumáticos, investigar seus testemunhos. E o que mais nos chamou atenção na análise dos documentos foi que, no período em que Cunha percorreu o sertão, de Salvador até a sua chegada em Canudos, Euclides presenciou acontecimentos que lhe comoveram demasiadamente. Nesse caso, algumas passagens descritas pelo autor comprovam tal assertiva:

Bahia – 10 de Agosto - ...observei uma scena que fixarei, indelevel, na memoria: quando elle atravessava lentamente a enfermaria – homem quasi que absolutamente depauperados e exangues, nas fronteiras da morte, agitaram-se nos leitos ergueram-se alguns, quasi; os braços até então immoveis alevantaram-se convulsivamente, em gestos entusiasticos; boccas que não fallavam rugiram saudações viris; afogaram-se em lagrimas olhos incendidos de febre e relampaguearam, fugazes, num repentino rutilar de lampadas que se apagam, olhos amortecidos de moribundos... Um quadro sobrehumano, que não exaggero¹⁵³.

...Diversos soldados que inquiri affirmam, surprehendidos, que o jagunço degollado não verte uma chicara de sangue... Affirmam ainda que o fanático morto não pesa mais que uma creança¹⁵⁴.

Bahia – 20 de Agosto - ...Apenas num e noutro ponto como variante sinistra: por um requinte de perversidade satanica os jagunços dispuzeram em série nas duas bordas do caminho as ossadas dos mortos de anteriores expedições. Dolmans, bonets, galões, talins, calças vermelhas rutilantes, amplos capotes, camisas em pedaços, sellins e mantas, pendurados nos galhos das arvores, oscillam lugubrememente sobre a cabeça do viajante que passa, aterrado, atravessando entre duas fileiras de caveiras adrede dispostas, enfileiradas aos lados. E' um quadro pavoroso capaz de perturbar a alma mais robusta¹⁵⁵.

Queimadas – 3 de setembro – Das mulheres oito são monstros envoltos em trapos repugnantes, physionomias duras de viragos de olhos zanagros ou traiçoeiros. Uma, porém, destaca-se. A miseria e as fadigas cavaram-lhe o rosto mas não destruíram a mocidade; a formosura resurge, immortal, a despeito das linhas vivas dos ossos apontando duramente no rosto emmagrecido e pálido. Olhos grandes e negros em que se reflecte uma tristeza sobera e profunda¹⁵⁶.

Monte Santo – 7 de setembro - ... Monte Santo é simplesmente repugnante. A grande praça central illude á primeira vista. Quem ousa atravessar, porém, as vielas estritissimas e tortuosas que nella affluem é assoberbado por um espanto extraordinario¹⁵⁷.

¹⁵³ CUNHA, Euclides da. **Canudos (Diário de uma expedição)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. 186p. (Coleção Documentos Brasileiros, 16). p. 10.

¹⁵⁴ CUNHA, Euclides da. – op. cit., p. 12.

¹⁵⁵ CUNHA, Euclides da. – op. cit., p. 45.

¹⁵⁶ CUNHA, Euclides da. – op. cit., p. 69.

¹⁵⁷ CUNHA, Euclides da. – op. cit., p. 77.

Diante dessa realidade descrita por Euclides em **Canudos (Diário de uma Expedição) (1897)** e tomada por nós como testemunho do autor, o qual, empós, foi incluído em sua obra *Os Sertões*, é preciso ainda considerar o que Carlos Haag comenta ao fazer referência aos estudos de Roberto Ventura (1957-2002) referente ao autor de *Os Sertões*. Segundo Haag, Ventura, ao se debruçar sobre o estudo da vida de Euclides da Cunha e publicar a biografia desse homem tão importante para a História e Literatura brasileira, acabou por nos deixar um trabalho valioso que contempla boa parte da trajetória intelectual do autor marcada ainda mais pela publicação de uma obra que é lida e referenciada dentro e fora do país. Além disso, segundo Haag, Ventura contribui ainda mais para os trabalhos sobre Euclides da Cunha quando faz a seguinte constatação: “Euclides se sentia desajustado no mundo urbano e civilizado, em que a beleza e a moral se degradavam, ameaçando a linha reta da inteireza de caráter e do dever. Adotava uma postura romântica diante da vida e da história...”. Continua Haag, citando Ventura, “Mais do que um poeta romântico, tentou ser, ele próprio, um herói, que perseguia visões inspiradas nos romances e narrativas da Revolução Francesa que lera na juventude”¹⁵⁸. Dessa maneira, o que pudemos observar é que estas influências não deixaram de ser contempladas em sua obra maior.

Ao voltarmos à análise da poesia **Página Vazia (1897)**, cabe ressaltar que, ao escrevê-la após seu retorno da região de Canudos, Euclides da Cunha deixou-nos vestígios para que questionemos: afinal, por que Cunha escreveu uma poesia com uma carga emocional tão acentuada a ponto de não relatar de forma coerente à feminista Francisca Prager Fróes os acontecimentos de Canudos?; além de ter testemunhado os horrores da guerra, quais outros motivos viriam a se somar à sua mente já traumatizada?. Se, por um lado, a última questão já apresenta argumentos ao longo desta narrativa para que encontremos resposta, por outro, quanto à primeira questão, devemos ainda oferecer atenção aos comentários e às investigações vinculadas aos estudos acerca de traumas desencadeados nos sobreviventes de eventos limites.

Diante da experiência de Euclides, do ponto de vista teórico em que procuramos retratarmos acerca de testemunhos de eventos traumáticos, cabe salientarmos ainda que “O evento não é assimilado ou experienciado de forma plena naquele momento, mas tardiamente, na possessão repetida daquele que o experienciou”, conforme destaca

¹⁵⁸ HAAG, Carlos. O biógrafo e seus duplos: Estudo póstumo de Roberto Ventura sobre Euclides da Cunha da visão psicanalítica do escritor. **Pesquisa FAPESP 92**. São Paulo, outubro de 2003, p. 89.

Caruth citada por Nestrovski e LaCapra¹⁵⁹. Essas questões nos remetem à pergunta proposta por Gagnebin: por que há sobreviventes que voltaram mudos das trincheiras de guerras? Segundo ela, “Porque aquilo que vivenciaram não podia mais ser assimilado por palavras¹⁶⁰”. No âmbito dessa discussão, é interessante destacarmos a passagem em que Euclides da Cunha, após retornar do Massacre em Canudos, em que declara-se incapaz de narrar e representar o que havia vivido¹⁶¹:

Que quem mais tarde nesta folha lesse
Perguntaria: “Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tão tristes”?!¹⁶²

Para Decca que, ao investigar a poesia **Página Vazia (1897)**, nota que esta reflete uma narrativa sem enredo, sem lógica. Segundo o historiador,

Em uma única página, Euclides resume todo o seu estado de espírito depois da experiência vivida em Canudos. Sintomaticamente, uma página vazia, sem escrita, sem começo e sem fim. Sem história e sem enredo. Justamente aquele homem que havia saído para a Bahia com um enredo pronto para dar sentido à revolta de Antônio Conselheiro¹⁶³.

Podemos perceber que o evento limite vivenciado por Euclides da Cunha mudou completamente sua visão de mundo e de certa forma cravou um corte em suas pretensões referentes à escrita sobre a Guerra de Canudos. Sob efeito de trauma, conseguiu escrever uma poesia que muito contribui para investigarmos sua obra literária maior, **Os Sertões (1902)** como forma de denunciar o crime contra seres humanos que foi o Massacre em Canudos.

¹⁵⁹ NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. – op.cit., p. 8 e 9.

¹⁶⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001. p. 87.

¹⁶¹ DECCA, Edgar Salvadori de. e GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Trauma e história na composição de Os sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 44.

¹⁶² Última estrofe da Poesia Página Vazia (1897), reiteramos, a qual foi escrita pelo escritor Euclides da Cunha (1866-1909) e entregue à Francisca Prager Fróes em Salvador na Bahia. BERNUCCI, Leopoldo M. e HARDMAN, Francisco Foot (orgs.). **Euclides da Cunha: poesia reunida**. São Paulo: Editora Reunida, 2009. p. 276.

¹⁶³ DECCA, Edgar Salvadori de. e GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Trauma e história na composição de Os sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 42.

Seguindo essa linha de raciocínio, outra questão que se coloca diante da forma como nós historiadores vamos nos apropriar do passado se refere à representação desse passado em que circunscrevem as vítimas de eventos limites. Para Geoffrey H. Hartman, refletir sobre as questões que estão em torno da representação de eventos extremos nos coloca diante de problemas que precisam ser investidos de investigações. Portanto, “levar a sério as formas de representação significa reconhecer o seu poder de mover, influenciar, ofender e ferir”¹⁶⁴. Hartman acrescenta ainda que esse tema é difícil e conservador. Porém, nos últimos anos a poética tem marcado sua presença e se tornado bastante significativa nos estudos dessa ordem, o que, de certa forma, coloca em destaque as problemáticas que envolvem os limites da representação.

A poesia **Página Vazia (1897)** tem tomado espaço considerável em nossa pesquisa porque, além de ser uma de nossas fontes principais, ela vem ao encontro das preocupações que circundam nossa temática, referente a testemunha ocular, Euclides da Cunha. A poesia supracitada nos oferece a oportunidade de ler esse intelectual como testemunha ocular e concebê-lo como personagem central que resgata por meio de *Os Sertões o Massacre em Canudos* através do trauma impregnado em seu interior, que acabou por expor à esfera pública através da sua obra maior, mais especificamente por meio da terceira parte da obra “A Luta”, a violência extrema daquela guerra contra seres humanos indefesos.

Apesar de as vítimas e os sobreviventes de eventos estarrecedores estarem sob a lupa dos historiadores, são os problemas da ordem da representação que preocupam a prática historiográfica no tempo presente. Preocupações dessa ordem têm contribuído para esfera acadêmica e para além desse espaço, exatamente porque se vive em um momento em que a intervenção do historiador no espaço público tem se tornado cada vez mais necessária. Ainda mais, quando o historiador opta por expor sua defesa em direção aos direitos humanos.

As discussões que se voltam às problemáticas referentes à apropriação do passado por parte dos historiadores e à análise e aos estudos dos documentos de natureza traumática colocam em xeque os desafios da representação histórica. Diante disso, o campo da Literatura tem ajudado de forma contundente nessa tarefa. Euclides da Cunha através da escrita da obra **Os Sertões (1902)** de certa forma expõe a ferida

¹⁶⁴ HARTMAN, Geoffrey H. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). **Catástrofes e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 208.

identitária do Brasil ao trazer o retrato da violência e do massacre ocorrido em Canudos. Esse acontecimento é reconhecido pela História através de vários veículos, principalmente da imprensa do período, porém, cristalizou-se na História Oficial brasileira por meio da obra **Os Sertões (1902)**, que merece o respeito de todos os brasileiros por nos oferecer a oportunidade de ser lida nas entrelinhas, na perspectiva de uma testemunha ocular - Euclides da Cunha – que nos chama a atenção para alguns aspectos, principalmente no que se refere ao crime cometido contra os sertanejos de Canudos.

As problematizações em torno da relação da ficção com a História e da representação do passado têm suscitado debates entre os historiadores atuais e também entre intelectuais de outras áreas, exatamente no que se refere aos “Passados Recentes”, “Passados em Conflito”, “Passados Traumáticos”, estudos que estão vinculados à História do tempo presente¹⁶⁵. Percebemos que o ofício do historiador é repensado enquanto prática que se volta às apropriações do passado por ele mesmo. Conforme já salientamos, Hayden White tem papel de destaque na discussão dessa problemática ao destacar o papel das figuras de linguagem, próprias da Literatura, na construção das narrativas, vinculando, portanto, o trabalho do historiador à ficção. Ao se voltar à análise do pensamento entre a História e a teoria, LaCapra defende que o historiador tem que ser um indivíduo informado, reflexivo e crítico teórico. Deve-se tratar, portanto, de “un pensador que esté interesado en la forma en que la historia prueba a la teoría y no simplemente ilustra tesis abstractas o las desintegra en un conjunto irrelevante de contingencias incontinentes o particularidades idiosincráticas”¹⁶⁶.

É preciso argumentar ainda que as referências que LaCapra faz a Hayden White ao tratar sobre representação do passado evidenciam a importância dos discursos desse historiador americano, o qual tem debatido junto a Carlo Ginzburg questões referentes à

¹⁶⁵ Neste aspecto, não podemos perder de vista a existência de grupos e linhas de pesquisa no Brasil voltados às problemáticas acerca da História do Tempo Presente, quais sejam: Grupo de Estudos do Tempo Presente ou Laboratório de Estudos do Tempo Presente da Universidade Federal de Sergipe (UFS); a linha de pesquisa Linguagens e Identificações do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Santa Catarina (UDESC); subgrupos do Centro de Pesquisa e Documentação (CPDOC) da Faculdade Getúlio Vargas (FGV); entre outros. Em âmbito internacional, podemos citar cursos voltados a essa temática na Universidade Livre de Berlin (FU Berlin).

¹⁶⁶ LACAPRA, Dominick. Resistiendo al Apocalipsis y repensando a la historia. In: MUDROVCIC, María Inés (editora). **Pasados en conflicto: Representación, mito y memoria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 39. (um pensador que esteja interessado na forma como a história prova a teoria e não simplesmente na forma como ilustrar teses abstratas ou as desintegrar em um conjunto irrelevante de contingências incontinentes ou de particularidades idiosincráticas).

representação histórica. Assim, além de White contribuir com estudos e explicações significativas sobre narrativa e ficção, ele também desenvolve, como recurso, estudos referentes às “Vozes Médias”, a partir dos quais ele traça um caminho apropriado para escrever sobre Trauma. LaCapra, tomando Barthes como referência, salienta ainda que as linguagens modernas são importantes para recuperar as linguagens do discurso que, por algum motivo, tornaram-se perdidas e obscuras na ordem do discurso. Além de citar Barthes, LaCapra destaca que White se utiliza da combinação da escrita intransitiva e das médias vozes, as quais estão vinculadas à ficção, à literatura e à arte¹⁶⁷ e que fazem todo sentido quando circunscritas como pontos teóricos em nosso enredo.

Contudo, para LaCapra:

Trauma brings about a dissociation of affect and representation: one disorientingly feels what one cannot represent; one numbingly represents what one cannot feel. Working through trauma involves the effort to articulate or rearticulate affect and representation in a manner that may never transcend, but may to some viable extent counteract, a reenactment, or acting out, of that disabling dissociation¹⁶⁸.

Nesse sentido, notamos que esse excerto exposto estabelece forte vínculo com os testemunhos históricos referentes a passados traumáticos, como é o caso do intelectual Euclides da Cunha, o qual testemunhou momentos fundamentais do Massacre de Canudos e, ao voltar traumatizado daquele evento limite, expôs uma linguagem, na forma escrita, carregada de fragmentos, conforme nos revelam os indícios que constam na poesia **Página Vazia (1897)**. Dessa forma, o excerto acima ajuda-nos de fato no aprofundamento da análise dessa poesia para então podermos seguir com os desdobramentos e debates teóricos que cercam a temática na qual estamos debruçados.

1.2. A função da testemunha ocular Euclides da Cunha para a Memória

Por meio da leitura que fizemos das fontes cabe ressaltar que Euclides se prontificou num compromisso moral com os sertanejos marcados pela injustiça social. Portanto, a ação social de Euclides diante o acontecimento de Canudos marca a sua

¹⁶⁷ LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 19.

¹⁶⁸ Idem, p. 42. - (O trauma provoca uma dissociação de afeto e representação: alguém sente de forma desorientada o que não pode representar ou representa de forma estarecida o que não pode sentir. Trabalhar sob efeito do trauma envolve esforço para articular ou rearticular afeto e representação de uma maneira que nunca permite transcender, mas permite, em certa medida, neutralizar uma reencenação, ou expor para fora essa dissociação limitadora).

compaixão em relação às vítimas de Canudos. Assim, as pistas que seguimos através de documentação histórica foi nos dando dados, informações que, se voltam às problemáticas acerca dos crimes cometidos contra seres humanos. Nesse ensejo a Associação Liberdade para História na França muito contribuiu com nossa pesquisa por meio dos debates teóricos propostos por Nora e Chandernagor porque nos inspira a tratarmos assuntos que por muito tempo ficaram presos sob a guarda de leis políticas e constituições de memória em que os vencedores são enaltecidos e os vencidos levados para o subterrâneo da memória viva, ou seja, conduzidos ao esquecimento em favor de uma memória dos grandes homens.

É interessante observar que o escritor de *Os Sertões* retorna de Canudos “um outro homem, sacolejado e batido por uma tragédia aparentemente sem importância, mas, na verdade, profunda, e de que soube descobrir todo o sentido humano”¹⁶⁹. Poderíamos nos perguntar: mas Euclides não fora acompanhar uma guerra e sabendo ele que poderia assistir todo tipo de atrocidade? A resposta é sim, porém, o que nos causa impacto é analisar que Euclides assistiu a um Massacre de pessoas indefesas. Porque em muitas passagens até Canudos o intelectual vira pessoas castigadas pela seca, fome, miséria que assolava a região há anos. Por meio dos documentos investigados nota-se que ele voltara traumatizado da guerra, haja vista o que consta na escrita da poesia **Página Vazia (1897)**.

Acreditamos que a abordagem de Bernucci referente à vida do sertanejo no que converge à narrativa elaborada por Euclides da Cunha em *Os Sertões* é bastante pertinente para se pensar como se constitui essa obra monumental que atravessa gerações de leitores e nos leva a questioná-la constantemente por meio das inquietações do presente. Para Bernucci,

o martírio da terra se reflete no do homem; o flagelo do clima, no espancamento do sertanejo pelas canículas ou ainda a sugestiva imagem vegetal da degola extraída do *Melocactus bahiensis*, popularmente conhecido como coroa-de-frade, reflete-se naquele sacrifício humano, a degola, que tanto aterrorizou os conselheiristas no final da guerra. Ademais, o pior desastre desse final, a destuição de Canudos, espelha a catástrofe do círculo vicioso das secas. Porém resta ainda observarmos outros núcleos¹⁷⁰.

¹⁶⁹ RABELO, Silvio. Série A. **Coleção Estudos Brasileiros da ECB**: Rio de Janeiro, 1948. p. 180.

¹⁷⁰ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões (campanha de Canudos); edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial / Imprensa Oficial do estado / Arquivo do Estado, 2001. p. 16 e 17.

Ou seja, se antes nossa atenção esteve circunscrita a investigar mais especificamente a terceira parte da obra, *A Luta*, no desenvolver da nossa pesquisa emergiu a necessidade de voltarmos à apreensão da obra como um todo. Nota-se que as três partes da obra se dialogam entre si, carregando uma semântica histórica dividida por núcleos tal qual nos sugere Bernucci. É importante perceber ainda que Euclides estando em São José do Rio Pardo - SP no período de 1898 a 1901 para reconstrução de uma ponte metálica¹⁷¹, se debateu com várias questões de ordem política e social para que pudesse escrever *Os Sertões*.

Quanto às problemáticas que envolvem a Memória e a História, vale ressaltar que as concebemos desde o início do nosso trabalho como *Semióforos*¹⁷². Cabe assinalarmos nessa narrativa que os conceitos de História e Memória carregam no bojo de suas articulações debates contundentes entre historiadores e intelectuais da área de humanas sobre a importância que esses conceitos conferem ao nosso ofício de historiador. Embora a Escola dos Annales tenha trazido grandes contribuições à historiografia desde 1929 com seu surgimento, percebemos que foi a partir de 1970, tal como sugere o historiador inglês Peter Burke, que se deu mais atenção à História Cultural, ou seja, a Memória a partir dessa década ganhou maior legitimidade devido ao balanço historiográfico que os historiadores franceses Jacques Le Goff e Pierre Nora propuseram à escrita da História. Desse modo, os livros **História: Novos Objetos (LE GOFF e NORA, 1974)**; **História: Novos Problemas (LE GOFF e NORA, 1974)** e **História: Novas Abordagens (LE GOFF e NORA, 1974)** possibilitaram, no âmbito da História Cultural, trabalhos magníficos que têm como referência o âmbito coletivo, espaço no qual a Memória se configura como peça fundamental.

¹⁷¹ VENTURA, Roberto (1957-2002). Os sertões revisitados. In: VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 183.

¹⁷² O conceito de semióforo foi desenvolvido pelo historiador e filósofo franco-polonês Krzysztof Pomian, quando ele se debruçou sobre os estudos de Coleções. Esses estudos voltados às Coleções públicas e privadas envolvem o campo simbólico das práticas de oferendas dessas coleções aos mortos ou das coleções particulares voltadas ao âmbito familiar e, por isso, com o objetivo de circulação utilitária ao qual os aspectos econômicos estão vinculados. Além disso, a carga simbólica e significativa das Coleções em Museus se faz importante ao trazer à luz a História Inteira depositada naquele monumento ou documento. Por fim, gostaríamos de ressaltar que esse termo se relaciona com a História e a Memória. Ao tomarmos estas últimas como veículos de vanguarda na configuração da escrita Histórica, consideramos esses dois símbolos como pontos teóricos principais que trazem a ligação do visível ao invisível, como foi desenvolvido por parte dos historiadores ao longo do tempo, que ofereceram, portanto, contribuições importantes para a História Cultural. / POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopedia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v. 1, 1986.

Nesse sentido, não podemos perder de vista que ao investigarmos Os Sertões como testemunho histórico de um indivíduo, o qual estava vinculado a contextos sociais marcantes do âmbito coletivo, devemos, então, considerar que as inquietações de Maurice Halbwachs (1877-1945), empenhado em nos explicar desde 1950, com a publicação de sua obra póstuma, a importância da Memória no aspecto individual vinculado à esfera coletiva se constitui muito importante no diálogo com nossa pesquisa. A obra **A Memória Coletiva (HALBWACHS, 1950)** comporta desde sua publicação um forte viés que nos impulsiona a pensar nas questões relacionadas à violência, às torturas, aos campos de concentração, ao autoritarismo, ao totalitarismo e aos massacres. Isso porque Halbwachs foi testemunha ocular de um tempo em que as atrocidades promovidas pelas duas grandes Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945) ocorreram em detrimento da condição humana. Portanto, essa obra contribui de forma decisiva na apreensão do âmbito coletivo nos estudos sobre História e Memória e certamente se vincula ao nosso enredo em que Euclides da Cunha é visto como parte de um tempo e de uma memória coletiva.

Dessa forma, é inquestionável que as investigações acerca das atrocidades cometidas às vítimas durante o Massacre em Canudos devem ser uma constante para nós historiadores no que se refere às nossas pesquisas e à escrita da História. Portanto, intensifica-se a necessidade de oferecermos às vítimas o direito à memória em nossa configuração e representação do passado. Ao partirmos das reflexões do presente referentes às violações dos Direitos Humanos no Brasil – que hoje são amparados pela **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)** e cuja importância e validade debatemos junto ao espaço público, podemos notar que a violência, a tortura e o massacre aos quais os sertanejos de Canudos foram submetidos por parte das tropas militares do governo se inscrevem nas problemáticas que envolvem processos autoritários que colocaram em prejuízo a vida e a condição humana dos canudenses em nosso país. Dessa maneira, ao lembrarmos o massacre de Canudos, nosso objetivo é evidenciar como foi um evento que feriu os direitos humanos. Assim, a Memória funciona como forma de resistência e impede o esquecimento desse episódio que resultou na morte de milhares de defensores do arraial de Canudos.

Segundo Rabelo, Euclides fizera grandes amigos em São José do Rio Pardo, dentre eles: Teodoro Sampaio e Francisco Escobar. Sampaio, “em conferência publicada na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Baía, conta este mestre da história e da geografia do Brasil que recebia, vez por outra, a visita de Euclides, ao

tempo em que residia em São Paulo”¹⁷³. Antes de Euclides seguir a Canudos Teodoro foi uma pessoa muito importante para Euclides porque informava-lhe sobre a geografia do sertão brasileiro. Por diversas vezes recorreu a Teodoro para esclarecimento sobre geografia e história. Segundo Rabelo, Teodoro Sampaio descreve como Euclides retornara da Bahia: “o coração confrangido, o ânimo a explodir contra a vilania de quem não soube vencer sem mancha”. Desde então, pode-se notar que protestara através do seu livro o extermínio dos habitantes de Canudos. Ou seja, *Os Sertões* se tornaria o livro vingador¹⁷⁴ contra os vencedores.

O intendente de São José do Rio Pardo na época Francisco Escobar foi outro grande amigo que o apoiou para que ele pudesse escrever *Os Sertões*. Segundo Euclides, Escobar, “foste o meu melhor colaborador de *Os Sertões*”¹⁷⁵. Ou seja, este ofereceu-lhe todo o apoio para que, na tranquilidade, Euclides pudesse avançar com sua escrita. Lembra ainda Rabelo que Euclides se reunia com outras pessoas na casa de Escobar para a leitura dos capítulos de *Os Sertões*. “Reuniam-se Valdomiro Silveira, Lafaiete de Toledo, Adalgiso Pereira, Humberto de Queiroz, Augusto Brandão, João Moreira, José Rodolfo Nunes, Alvaro Ribeiro, os irmãos Silos – todos eles acompanhando mais com os sentidos do que com o senso crítico” a leitura em voz proclamada de Euclides dos capítulos do que seria *Os Sertões*¹⁷⁶. Vale destacar ainda que a aproximação de Euclides com Francisco Escobar garantiu a ele a oportunidade de se reunir com outras pessoas que compartilhavam de ideais do partido socialista na cidade. Conforme retrata Rabelo,

aí, ao lado da sua experiência de escritor, fez uma outra, a da política, em moldes que ainda não tinham sido tentados, possivelmente, em nenhuma parte do Brasil: a experiência de um partido político socialista. Deve ter sido um escândalo para a cidade provinciana, naqueles tempos com bem viva memória do rei velho e dos velhos partidos conservadores e liberal, aquela tentativa do movimento socialista de Euclides, de Francisco Escobar, de Pascoal Artese e mais alguns avançados¹⁷⁷.

¹⁷³ RABELO, Silvio. Euclides da Cunha. Série A. **Coleção Estudos Brasileiros da ECB**: Rio de Janeiro, 1948. p. 183.

¹⁷⁴ RABELO, Silvio. – op. cit., p. 189.

¹⁷⁵ RABELO, Silvio. – op. cit., p. 206.

¹⁷⁶ RABELO, Silvio. – op. cit., p. 207.

¹⁷⁷ RABELO, Silvio. – op. cit., p. 208.

O que se pode observar é que Euclides após sua experiência em Canudos se tornara num novo homem voltado a um sentimento de piedade em relação aos jagunços, estes, vítimas de um sistema que os levou a um massacre sustentado por ideais republicanos equivocados¹⁷⁸.

No âmbito desta dissertação, por outro lado, vale destacar que do ponto de vista teórico acerca da Memória, os argumentos de Pierre Nora sobre História e Memória fazem com que confirmamos a Nora o valor de um intelectual muito significativo neste enredo. Nesse sentido, ao recuperarmos as contribuições desse autor para com a História e a Memória cabe esclarecermos que foi após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que as preocupações do autor trouxeram grandes contribuições para se pensar a importância da Memória referente aos campos de concentração nazistas em que encontramos a importância dos testemunhos históricos dos sobreviventes. A sua frase “Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”¹⁷⁹ tem causado intensos debates no campo da historiografia e, no âmbito desses debates, partindo das problemáticas inerentes a Regimes de Historicidade que nos leva ao conceito de presentismo, podemos incluir o retrato por parte de Euclides da Cunha do Massacre ocorrido em Canudos. Vale assinalarmos ainda que na frase supracitada de Nora, o autor faz uso de paradoxo para mostrar que a Memória perdeu forças a partir da modernidade e para evidenciar, então, através de seus desdobramentos, que é com a “aceleração da história”¹⁸⁰ que a Memória se esfacela. Assim, essa assertiva do autor nos coloca frente a outra pergunta na qual nos debruçamos: por que não existe mais Memória? E acompanhando Assmann, nos perguntamos: “E que tipo de memória não existiria mais?”¹⁸¹

Logo, é na combinação argumentativa das reflexões de Nora com as reflexões de outros historiadores como Jacques Le Goff (1924-2014) que podemos discorrer a respeito da Memória em suas diversas formas conceituais e como princípio de alteridade, tal qual sugere Le Goff. Para Nora,

¹⁷⁸ PONTES, Eloy. A vida dramática de Euclides da Cunha. **Coleção Documentos Brasileiros. Dirigida por Gilberto Freyre – 13.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938. p. 153.

¹⁷⁹ NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História.** São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 10, p. 7-28, dezembro de 1993. p. 7.

¹⁸⁰ NORA, Pierre. – op. cit., p. 7.

¹⁸¹ ASSMANN, Aleida. Introdução. In: ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural.** Trad. de Paulo Soethe. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2011. p. 15.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações¹⁸².

Assim, à luz das problemáticas que envolvem as preocupações mencionadas no texto de Nora - **Entre Memória e História: A problemática dos lugares (1984)**¹⁸³ - é possível recuperar o percurso dos debates e estudos sobre a Memória desde Maurice Halbwachs até Pierre Nora e que, hoje vem a calhar com a leitura que fazemos de Euclides da Cunha da sua obra maior, e, dos vencidos daquele evento catastrófico. Dessa forma, as instâncias da Memória Individual e da Memória Coletiva sempre se configuraram sob o prisma das discussões que as individualizam e, ao mesmo tempo, que as reportam ao desdobramento na relação com a História. Além disso, para Nora, a Memória tende a ser um fato histórico cultural no qual a sociedade objetiva se ver projetada.

Neste ínterim, ainda no encaixo das problematizações e conceitualizações que envolvem a Memória, é importante ressaltar que se caracteriza como representável aquilo que foi possível recolher do vivido. Dessa forma, Nora nos chama atenção em seu texto quanto às problemáticas que envolvem essas experiências do vivido, pois aquilo que é capaz de reter o vivido é justamente a Memória. Notamos, então, que o conceito de Memória para o autor se desdobra em suas explicações, o que o faz obter como fio condutor os lugares de memória que são caracterizados através dos restos deixados no passado. Ao levarmos em conta essas reflexões sobre Memória, podemos afirmar que Euclides da Cunha se torna um personagem de grande relevância porque essas reflexões se estendem a ele, à sua trajetória de vida, a sua contribuição escrita que faz voltarmos a Os Sertões.

Ainda no retrato sobre Memória para mostrar a carga semântica que ela representa nesta pesquisa, é importante destacar do ponto de vista teórico que houve um tempo em que as sociedades primitivas na caracterização de portadoras da História se desenvolveram em função de uma memória social. Ou seja, as sociedades de memória são para os historiadores contemporâneos identificadas entre o vivido e a historiografia e, nesse sentido, o passado não é estranho na medida em que o resgatamos através das

¹⁸² NORA, Pierre. – op.cit., p. 9.

¹⁸³ NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 10, p. 7-28, dezembro de 1993.

fontes. Porém, antes, para estas sociedades de memória, o passado era considerado um mito. Assim, a necessidade de se fazer a relação entre o presente e o passado como forma de vínculo constante é notável em nossa operação historiográfica atual.

Jacques Le Goff, em seu texto “Memória”, que consta na Enciclopédia Einaudi, afirma que o psicólogo e psiquiatra francês Pierre Janet (1859-1947):

(...) considera que o ato mnemônico fundamental é o “comportamento narrativo”, que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo¹⁸⁴.
(*apud* Florès, 1972, p. 12)

Com essa assertiva, Le Goff resolve uma série de problemas no campo da Filosofia, da Linguística, da História, enfim, das ciências humanas. Assim, se a Memória é alteridade, ela se configura, então, no procedimento da capacidade de se comunicar através da narrativa. Isso significa que um indivíduo encerrado em si mesmo e sem nenhuma capacidade de comunicação não produz memória e, portanto, ele seria repetitivo em si mesmo, ou seja, não estabeleceria vínculo com outras pessoas, outros grupos, enfim, com o âmbito coletivo. Vale lembrar que é dessa maneira que procuramos apreender o intelectual Euclides da Cunha neste enredo.

Além desses referenciais, a Memória também se circunscreve na característica de ser capaz de representar para o outro aquilo que não está presente. Portanto, a Memória se utiliza da ação do narrar, isto é, falar e expor aquilo que não está presente e narrar, portanto, o que está ausente. Por conseguinte, notamos que o território da linguagem se constitui a partir dos procedimentos da narração, pois é através da comunicação que a alteridade se coloca. Assim, é nesse momento que a Memória emerge com suas características que estão ligadas ao mito e à subjetividade como espaços livres em direção à atuação dos sentimentos, dos afetos, das alegrias e tristezas, enfim, daquilo que toca o interior do ser humano. Nesse sentido ao voltarmos à figura de Euclides da Cunha vale destacar as palavras de Rabelo,

Decorridos cinco anos sobre o episódio de Canudos, o aparecimento do livro de Euclides, 1902, veio reavivar a lembrança de fatos e personalidades da campanha, quase inteiramente esquecidos. Não foram muitas vozes que se ergueram um protesto contra o crime de Canudos. Parece mesmo que o silêncio que logo se fez em torno dos responsáveis diretos pelo massacre dos fanáticos do Conselheiro, foi como o sinal de um remorso que não era sómente das autoridades,

¹⁸⁴ LE GOFF, Jacques. Memória. Trad. de Bernardo Leitão e Irene Ferreira. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão *et al.* 2ª ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 1992. p. 421.

mas de toda a nação tomada da nevrose de republicanismo em face do suposto significado monarquista da sublevação sertaneja. Antes de *Os Sertões*, o mais veemente protesto contra as atrocidades cometidas pelas tropas vitoriosas da última expedição, partira dos estudantes de Direito da Baía. Em “Manifesto à Nação” de 3 de novembro, declaravam os seus signatários que, tendo esperado em vão que alguma voz se levantasse para vingar o direito, a lei o futuro da República, comprometidos no massacre dos prisioneiros de Canudos, chamaram a si o dever de denunciar e reprovam “como aberração monstruosa” o procedimento das forças republicanas, ao afogar inútilmente em sangue, os vencidos da campanha¹⁸⁵.

Essa conjuntura explicativa nos ajuda a reservar no bojo dessas discussões o papel relevante do escritor Euclides da Cunha como testemunha ocular do Massacre em Canudos. Consequentemente, ao tomá-lo como testemunha ocular neste enredo essa diretriz tem nos colocado diante das problemáticas da memória. Porque, por outro lado, esse escritor por meio dos vestígios e rastros deixados na escrita da poesia **Página Vazia (1897)** e de sua obra literária maior **Os Sertões (1902)** nos disponibiliza condições de constituir abordagem ampla sobre os estudos de eventos limites, como foi Canudos. Por outro lado, podemos investigar acerca das relações que ele estabeleceu junto aos grupos de políticos e de profissionais na área jornalística, e também diante do que ele pôde testemunhar por onde andou justamente ao presenciar os desfechos finais do Massacre de Canudos. Ou seja, temos que visualizá-lo no estabelecimento dos vínculos com o coletivo porque é nesse repertório que a Memória se destaca e, como mencionamos, é na coleta desse vivido que o historiador consegue representar o passado através dos restos e legados que nos foram deixados.

Por isso, trazer as contribuições do historiador Dominick LaCapra sobre o estudo do trauma, as discussões estabelecidas por Hayden White no que se refere à narrativa e ficção, além dos diálogos teóricos que conseguimos estabelecer junto a François Hartog, Carlo Ginzburg, Pierre Nora e Jacques Le Goff acerca do estudo do testemunho, faz todo sentido em nosso enredo e é muito pertinente ao resgate do Massacre em Canudos, o qual foi feito através dos fios e rastros encontrados nos documentos escritos por Euclides da Cunha e que culminou em uma abordagem maior, por parte do mesmo autor, em *Os Sertões*. Esses elementos não deixam de possibilitar uma retomada das questões linguísticas vinculadas à Literatura e, portanto, das questões da narrativa na qual a ficção é uma das peças fundamentais no embate e na relação entre História, Literatura e Memória.

¹⁸⁵ RABELO, Silvio. Euclides da Cunha. Série A. **Coleção Estudos Brasileiros da ECB**: Rio de Janeiro, 1948. p. 224.

É importante ressaltar que a escrita passou a ser um instrumento de comunicação e preservação da Memória. Porque, através desse dispositivo podemos evidenciar que os escritos deixados por Euclides da Cunha, os quais consideramos como nossas fontes principais e que são tomados, portanto, como testemunho, ajudam-nos a resgatar o nosso passado traumático ou passado em conflito, como sugere Mudrovic, e, considerar a obra *Os Sertões* como um monumento histórico em favor dos massacrados de Canudos. Certamente, isso não deixa de oferecer atenção ao conceito de imaginário popular e ao conceito de mito, o qual tem possibilitado a criação de identidade e memória coletiva de determinados grupos, tal qual nos sugere Le Goff utilizando-se dos argumentos do antropólogo britânico Siegfried Frederick Nadel (1903-1956) (Nadel, [1942] 1969, p. 72)¹⁸⁶.

Cabe ainda esclarecer que no encaixe das nossas problematizações teóricas acerca da Memória que, quanto ao mito, devemos perceber que ele se tece nas práticas do fazer, nas ações cujo âmbito é circunscrito em uma comunidade de memória. Assim, uma memória não é, por exemplo, a convenção que fazemos para chamar de palavra a palavra, mas sim uma linguagem imagética. Portanto, o que se vê não é a necessidade de uma grande sofisticação dos processos mnemônicos, mas sim a transmissão dos mitos e das técnicas. Por meio dessa transmissão, o elo entre as gerações se torna evidente.

Seguindo a linha de raciocínio de Le Goff, a Memória é sistemática e o que ela se propõe é não ser corroída pelo tempo. Mas a reminiscência está no tempo, pois o homem se reconstrói através do acontecimento, o qual é singular. Por isso, podemos notar que o que está presente em aspecto de grandeza na ação do homem em determinada guerra ou evento serve como forma de nortear o futuro. É importante, nesse sentido, nos atermos à reflexão do antropólogo e historiador francês Jean-Pierre Vernant (1914-2007) à qual Le Goff nos chama a atenção:

“Esta colocação da memória fora do tempo separa radicalmente a memória, da história. <<O esforço de memorização, predicado e exaltado no mito, não manifesta o vestígio de um interesse pelo passado, nem uma tentativa de exploração do tempo humano>>. Assim, segundo a sua orientação, a memória pode conduzir à história ou distanciar-se dela”. (*apud* Vernant, 1965, p. 73-74)¹⁸⁷.

¹⁸⁶ LE GOFF, Jacques. Memória. – op.cit., p. 424.

¹⁸⁷ LE GOFF, Jacques. Memória. Trad. de Bernardo Leitão e Irene Ferreira. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão *et al.* 2ª ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 1992. p. 434.

Como vimos, a Memória é sistêmica e, portanto, está relacionada aos jogos de poder por todos os lados, tal como sugere Le Goff. Além disso, a memória coletiva se inscreve na disputa de poder.

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas¹⁸⁸.

Dessa maneira, vale chamarmos atenção de que os argumentos teóricos apresentados vão ao encontro das problemáticas que circundam os debates referentes à apropriação que os historiadores fazem do passado, principalmente dos passados traumáticos como é o caso do Massacre em Canudos denunciado por Euclides como crime. Neste sentido, cabe ainda analisar que os políticos que se consideram no direito de se recordar do passado através de comemorações que “rememoram” eventos traumáticos, por exemplo, usam do poder para controlar aquilo que querem fazer recordar e também a forma como almejam que se cristalize a construção daquela Memória. A configuração de todo esse processo nas palavras de Nora é preciso que seja “reconhecida de forma urgente”¹⁸⁹, pois existe uma grande força de uma cultura dominante a qual olha o passado e procura exercer influência sobre ele. Isso, além de nos causar estranhamento, leva-nos a pensar a que tipo de influência essas representações estão sujeitas.

Levando isso em consideração, a História deve, conforme ressalta Walter Benjamin (1892-1940), ser vista à revelia da história oficial, ou seja, cabe ao historiador a “tarefa de escovar a História a contrapelo”¹⁹⁰, trabalhando, portanto, a demarcação de territórios e a emersão de memórias que atuem em campo de disputa, no início do século XXI, em que se acoplam buscas por direitos e reconhecimento nacional. Ademais, o historiador deve ter a liberdade de investigar os crimes cometidos contra seres humanos à luz daquilo que garante a “vanguarda de lutas que preocupam a

¹⁸⁸ LE GOFF, Jacques. Memória. Trad. de Bernardo Leitão e Irene Ferreira. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão *et al.* 2ª ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 1992. p. 422.

¹⁸⁹ Historical Identity in Truble, Liberté pour l’histoire, CNRS Editions, 2008 http://www.lph-asso.fr/index.php?option=com_content&view=article&id+152&Itemid=182&lang=en (Vale lembrar que este texto foi escrito por Pierre Nora e se encontra on line na Associação denominada de “Liberté Pour l’Histoire” na França).

¹⁹⁰ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 225.

comunidade total, a sobrevivência da liberdade intelectual e civil em liberdade do Estado democrático”¹⁹¹. Assim, ele poderá oferecer às vítimas de eventos traumáticos, como o Massacre em Canudos, o direito de memória, mesmo que ainda permaneça a contestação histórica.

Ainda em relação ao vínculo da Memória com o conceito de trauma, nas palavras de Seligmann-Silva,

(...) podemos visualizar a introdução desse conceito de trauma nas ciências humanas que ofereceu uma abertura cada vez maior para a questão da memória. O século XX começa a falar de memória e cada vez mais se fala de memória. Pois na primeira metade do século XX paradigmáticos, nesse sentido, Maurice Halbwachs (1877-1945) e Walter Benjamin (1892-1940) são dois grandes teóricos da memória evidentemente influenciados por Marcel Proust (1871-1922) e Henri Bergson (1859-1941). Portanto a questão da memória que Halbwachs coloca é sempre uma memória coletiva, então, quando estamos pensando em traumas os traumas são coletivos e tem componentes individuais no que tentamos deslocar uma questão com a outra. Inclusive, um conceito que faz uma ponte entre o trauma individual e o trauma coletivo é o conceito de testemunho. Os testemunhos históricos de sobreviventes de campo de concentração onde se insere violências, torturas e massacres em paralelo aos campos de concentração que é o resumo de tudo isso, com seus testemunhos, as vítimas apresentam traumas individuais e que por sua vez servem a parte pelo todo para se trabalhar com a memória coletiva¹⁹².

Nessa perspectiva, a temática na qual nos debruçamos foi sendo traçada a partir desse viés trazendo a Linguagem, a Literatura, a História, o Trauma e a Memória com seus conceitos e suas metodologias para que pudéssemos trabalhar com nosso objeto de estudo, a obra *Os Sertões* do intelectual Euclides da Cunha. Isso nos possibilitou fazer uma leitura do coletivo ao qual o autor pertenceu e com o qual estabeleceu relações. Dessa forma, as suas produções nos proporcionaram questionamentos de ordem histórica e também memorialista. Desse modo, o resgate do Massacre em Canudos através destas duas vias nos possibilita ainda mais abertura para investigarmos sua obra literária maior **Os Sertões (1902)** como denúncia, por parte de Euclides, quanto ao crime cometido contra os sertanejos de Canudos. É importante salientar que a identidade coletiva da nação brasileira referente a esse período se apresenta como uma ferida em aberto e que, ao ser tocada por nós historiadores, tende a causar dor.

¹⁹¹ Historical Identity in Truble, Liberté pour l’histoire, CNRS Editions, 2008 http://www.lph-asso.fr/index.php?option=com_content&view=article&id+152&Itemid=182&lang=en

¹⁹² Entrevista realizada no programa Diálogo Sem Fronteiras do dia 03 de abril de 2012 sob o título: História, Memória e Trauma, na RTV Unicamp.

Entretanto, ela é necessária, a nosso ver, pois é às vítimas que temos que garantir o direito de memória para que o esquecimento não seja intensificado pelo silenciamento do massacre a que estiveram submetidos os homens e mulheres de Canudos.

Vale assinalarmos ainda que Paul Ricoeur (1913-2005) tem chamado a nossa atenção para o conceito sobre esquecimento. Para ele, é indubitável que, para que haja esquecimento, é preciso que a Memória esteja presente para trazer à luz as questões referentes à lembrança. Portanto, existe um vínculo muito forte entre esses dois conceitos, que nos fornecem dispositivos para o trabalho com a História¹⁹³. Dessa maneira, vale lembrar que nossas investigações sempre tiveram como fio condutor o trabalho com estas três categorias: História, Memória e Esquecimento. Considerando o que ressalta Assmann sobre o fato de que a representação histórica obedece às normas da historiografia e o que compreende Nietzsche sobre a História e a Memória– “o que corresponde à história é recordar; à memória corresponde mais esquecer”¹⁹⁴, podemos desdobrar nossa temática sobre testemunha, testemunha ocular, massacre, nas dobras explicativas que colocam esses conceitos em relação um com o outro.

Segundo Ricoeur “é como dano à confiabilidade da memória que o esquecimento é sentido. Dano, fraqueza, lacuna. Sob esse aspecto, a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento”¹⁹⁵. Ou seja, o esquecimento se apresenta como problemática estruturando-se através de duas linhas interpretativas: o esquecimento por apagamento dos rastros e o esquecimento de reserva. Para nós, o segundo é bastante sugestivo porque traz argumentos que se voltam ao nosso objeto de estudo e se insere na discussão teórica com os intelectuais supracitados, abrindo espaço para o primeiro conceito, o de “esquecimento por apagamento dos rastros”. Isso nos confere, então, o trabalho com a Memória como forma de resistência, o que nos é muito importante, pois nos posicionamos contra o esquecimento que se recusa a trazer à tona as lembranças cuja emersão pode causar problemas de ordem política. De certa forma, trazer essas lembranças é uma forma de reparação às vítimas de eventos traumáticos e de passados em conflito que permanecem em discussão no tempo presente. Portanto, o que fica claro com os argumentos, os

¹⁹³ RICOEUR, Paul. O Esquecimento. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007. p. 423.

¹⁹⁴ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. de Paulo Soethe. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2011. p. 143.

¹⁹⁵ RICOEUR, Paul. - op.cit., p. 424.

debates teóricos e as posições dos intelectuais que elegemos para sustentar nosso enredo é que a Memória é tão importante quanto a História. Se Nora defende que as duas são conflitivas e estabelecem relações complexas, Assmann vai complementar essa assertiva dizendo que a oposição entre as duas tem se tornado cada vez menos evidente¹⁹⁶.

Nesse sentido, debruçar-nos sobre o estudo da obra *Os Sertões* analisando a partir dela a função de testemunha ocular que Euclides da Cunha ocupou diante o Massacre em Canudos é uma necessidade que de um lado se abre aos questionamentos da esfera pública para entendermos os dois Brasis que constituem o país no início da República e, por outro lado, para nós historiadores, é um dever de Memória e História diante desse passado traumático em nosso país, porque esse assunto se faz presente o tempo todo na realidade do povo brasileiro. Dessa maneira, Euclides da Cunha ao dar ênfase às atrocidades da guerra, ou seja, ao massacre dos canudenses na terceira parte da obra **Os Sertões (1902)** “A Luta”, é como se Cunha recuperasse em aspecto de memória a realidade traumática a que ele assistira durante o percurso de Salvador até o ambiente de guerra em Canudos, onde a carnificina coletiva ocorreu dentro do arraial. Portanto, a Memória desse evento traumático tem nos estimulado a pensar o passado diante das questões que emergem no presente, dentro e fora da academia e que estão vinculadas às preocupações dos Direitos Humanos. Além disso, é fundamental compreender que a denominação povo à qual nos referimos deve ser entendida não apenas no sentido dos excluídos, mas, antes, de modo abrangente, entrando e vasculhando as fissuras em que se escondem a essência e a heterogeneidade das identidades coletivas e individuais circunscritas no Brasil e que devem ser ampliadas de forma horizontal na comunicabilidade com outras nações e suas singularidades culturais. É dessa forma que outros massacres com nível de atrocidade maior que Canudos servem-nos para investigarmos Canudos por meio do estudo da testemunha ocular Euclides da Cunha.

¹⁹⁶ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. de Paulo Soethe. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2011. p. 146.

Capítulo 2. Canudos: apreensão da narrativa de massacre à revelia do discurso dos vencedores

Perscrutar o silêncio das vítimas do massacre ocorrido em Canudos, seja por meio da leitura das fontes vinculadas a Euclides da Cunha (1866-1909) ou por meio de investigação acerca da trajetória intelectual do autor, é uma oportunidade de desenvolver no âmbito acadêmico da historiografia o estudo do conceito de voz média. Podemos notar que esse conceito está diretamente vinculado à Literatura, na qual buscamos situar a escrita de Euclides da Cunha, justamente quando analisamos a poesia **Página Vazia (1897)** como testemunho do autor. Essa poesia foi escrita por Cunha e depois guardada no diário íntimo da médica e feminista baiana Francisca Prager Fróes (1872-1931), a qual pediu ao jornalista que a escrevesse quando ele retornou da Guerra em Canudos¹⁹⁷.

Além disso, cabe salientarmos que o conceito de voz média é caro ao crítico e literato francês Roland Barthes (1915-1980), que muito contribuiu para os pesquisadores das áreas de humanas ao desenvolver estudos que analisaram como a subjetividade do produtor do texto e o contexto da época intervêm na produção textual.

Ainda enfatizamos, no ensejo do diálogo da História com a Literatura e com outras áreas do conhecimento, o quanto nos é importante o trabalho com o conceito de “história a contrapelo”¹⁹⁸ em nossa narrativa e que vale ser lembrado pela sua inscrição na nossa leitura inovadora de nosso objeto de pesquisa e também na nossa temática. Destacamos ainda que a nova forma com que trabalhamos o nosso objeto de pesquisa e com que fazemos a leitura das fontes responde em partes aos anseios de Walter Benjamin (1892-1940), que segundo a interpretação de Decca:

(...) lejos estamos de una historia de los oprimidos, pero cabe al historiador interrumpir el curso cronológico de las historias, que siempre se presenta sin matices o discontinuidades. En nuestro caso, se trata de interrumpir una causalidad cronológica solidaria con la idea del progreso y la noción de continuidad entre pasado y presente, en vista de la legitimidad que el discurso del vencedor en el presente atribuye a todo aquello que en el pasado representa la confirmación de lo que estaba por venir en la óptica del vencedor. Se trata, entonces, de una historia a contrapelo que busca interrumpir la aparente coherencia que el vencedor atribuye al pasado, a la luz de la representación que

¹⁹⁷ BERNUCCI, Leopoldo M. e HARDMAN, Francisco Foot. Dispersos. In: BERNUCCI, Leopoldo M. e HARDMAN, Francisco Foot. **Euclides da Cunha: Poesia Reunida**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 228.

¹⁹⁸ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 225.

hace de sí mismo en el presente. Esa representación histórica de los vencedores deja escapar los momentos en que una tradición se ve interrumpida y se produce el silencio de los vencidos. Es a partir de esos silencios como podemos tejer una historia a contrapelo, como un punto frágil, que desmonta el continuo de la historia y ofrece una posibilidad de ir más allá de la apología y la historia de los vencedores.¹⁹⁹

Dessa maneira, na contramão do discurso dos vencedores buscamos instituir, através da leitura das fontes e de um enfoque teórico inovador, o debate referente à narrativa de denúncia desse evento limite, o Massacre em Canudos. Nesse sentido, é importante atentarmos quanto à de testemunhas oculares do campo de concentração de Auschwitz, o químico Primo Levi (1919-1987), responsável por elaborar testemunhos da realidade vivida por ele e quanto às outras vítimas daquele evento. Porque o estudo acerca de testemunhos históricos como o evento traumático que foi o Holocausto auxilia-nos na leitura dos testemunhos de Euclides da Cunha diante dos quais oferecemos atenção maior a *Os Sertões*, obra que recupera o Massacre em Canudos e denuncia-o.

As investigações sobre Euclides da Cunha no que se refere ao seu testemunho, a poesia **Página Vazia (1897)**, que vem carregado de fragmentos sobre a realidade que ele presenciou em Canudos nos revela a experiência única do autor. Esse tipo de testemunho é comparável ao feito por Primo Levi, que buscou através de suas obras representar na contramão do irrepresentável, reiteramos, o período em que foi vítima e testemunha ocular no campo de concentração em Auschwitz. Nesse sentido tanto o testemunho de Euclides como o de Levi podem ser considerados como denúncia de crime contra seres humanos. Portanto, é também por meio de investigação estendida aos vencidos da História, ou seja, aos seres humanos submetidos ao evento catastrófico de Canudos, que priorizamos recuperar o contexto histórico desse massacre, o qual

¹⁹⁹ DECCA, Edgar Salvadori de. Historia a contrapelo: sobre vencedores y vencidos. In: MUDROVCIC, Maria Inés e RABOTNIKOF, Nora (coordinadoras). **En busca Del pasado perdido: Temporalidad, historia y memoria**. México: Siglo XXI Editores, Unam, 2013. p. 99. ((...) longe estamos de uma história dos oprimidos, porém, cabe ao historiador interromper o curso cronológico das histórias, que sempre se apresentam sem nuances ou descontinuidades. Neste caso, trata-se de interromper uma causalidade cronológica solidária com a ideia de progresso e com a noção de continuidade entre passado e presente, tendo em vista a legitimidade que o discurso do vencedor no presente atribui a tudo aquilo que no passado representa a confirmação do que estava por vir na óptica do vencedor. Trata-se, então, de uma história a contrapelo que busca interromper a aparente coerência que o vencedor atribui ao passado, à luz de uma representação que faz de si mesmo no presente. Essa representação histórica dos vencedores deixa escapar os momentos em que a tradição é interrompida e ocorre o silêncio dos vencidos. É a partir desses silencios que podemos tejer uma história a contrapelo, como um ponto frágil, que desmonta o contínuo da história e oferece uma possibilidade de ir mais além de um pedido de desculpas e da história dos vencedores.)

influenciou o escritor Euclides da Cunha na escrita de sua obra literária **Os Sertões (1902)**.

Podemos notar que a tarefa da qual Cunha estava incumbido - a de trazer reportagens dos acontecimentos da Guerra de Canudos ao jornal **O Estado de S. Paulo** para o qual o autor já havia escrito artigos com forte sentimento republicano²⁰⁰ - se esfacelara e descarrilhara para outro viés. Isso ocorre pois, apesar de ter assumido a incumbência de reforçar as esperanças republicanas para o país e para si mesmo como única via política naquele momento para as melhorias sociais no Brasil em detrimento da monarquia que havia vigorado até 1889. Porém, pudemos notar que Euclides da Cunha se decepcionara do ponto de vista humano com o que testemunhara em Canudos²⁰¹. Ou seja, o impacto que Cunha teve no ambiente do confronto hostil diante daquele evento traumático a que assistira fez com que ele voltasse da viagem bastante comovido.

Os estudos sobre desrespeito à vida por meio da violência como massacres e extermínios de populações têm se tornado relevantes após acontecimentos como o Holocausto no qual milhares de vidas foram massacradas e exterminadas pelos vencedores da História, ou seja, os detentores do poder. Dessa maneira, as vítimas de Canudos devem ser lembradas e estudadas, porque o trabalho de luto não termina e isso ocorre porque a elas não foi dado, nem ao menos, o direito de terem um túmulo que as identifique no tempo e espaço do processo histórico da humanidade. Como lembramos Seligmann-Silva em seu texto na **Revista Cult** quanto à escrita da sobrevivente do Holocausto Ruth Klüger: “Onde não existe túmulo, o trabalho de luto não se encerra”²⁰².

No contínuo da nossa abordagem focada em Os Sertões e Euclides cabe ressaltarmos que para mostrarmos visualmente as atrocidades cometidas contra Canudos, resolvemos trazer à nossa narrativa algumas fotografias do evento. Objetivamos destacar com elas a realidade que Euclides da Cunha pôde presenciar no período em que esteve no ambiente de guerra. O fotógrafo Flávio de Barros, enviado a

²⁰⁰ DECCA, Edgar Salvadori de. Euclides e Os Sertões entre a Literatura e a História. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 184.

²⁰¹ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 166.

²⁰² KLÜGER, Ruth. *apud* SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho de Auschwitz. **Revista Cult**. n. 203, ano. 18, jul. 2015. p. 44.

Canudos a serviço do exército²⁰³ para registrar a epopeia militar, a harmonia das tropas e as últimas imagens da guerra, acabou por fotografar imagens do horror perpetrado naquele local. Desde 26 de setembro quando chegou a Canudos até o final definitivo da guerra em 06 de outubro de 1897, esse fotógrafo, descumprindo a incumbência dada a ele, fotografou imagens que hoje se fazem muito importantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa. É importante salientar que, segundo Cícero Antônio F. de Almeida, “foram estrategicamente evitados registros dramáticos da guerra, como a degola dos prisioneiros, soldados feridos ou mortos, as instalações precárias dos hospitais de sangue, dentre outros”²⁰⁴. Além disso, para Almeida,

As fotografias de Flávio de Barros, revestidas do caráter de representação fiel do real, tornaram-se simulacros da Guerra de Canudos, destinados à afirmação da superioridade e organização do exército, desfazendo a idéia de despreparo das tropas e atenuando os exageros cometidos contra combatentes e prisioneiros. Estas imagens, integradas ao contexto que as produziu, podem servir como documentos mais amplos sobre os fatos ocorridos em Canudos, que nos possibilitem melhor compreender o trágico desfecho de um episódio ainda tão carente de intérpretes, rompendo o silêncio que se impôs a Antônio Conselheiro e seus seguidores, e que pretendeu torná-los personagens sem voz e, portanto, sem história²⁰⁵.



Imagem 1: Fotografia de Flávio de Barros da Rendição dos Conselheiristas em 2 de outubro de 1897. Fotografia mais conhecida como “400 Jagunços Prisioneiros”, presente no livro **Canudos Imagens da Guerra**. Museu da República. REF: 01.09²⁰⁶

²⁰³ PACHECO, Anelise. **Canudos: Imagens da Guerra**. Rio de Janeiro: Museu da República, 1997. p. 9.

²⁰⁴ ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. **Canudos: Imagens da Guerra**. Rio de Janeiro: Museu da República, 1997. p. 26.

²⁰⁵ ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. – op. cit., p. 27.

²⁰⁶ MUSEU DA REPÚBLICA (Brasil). **Canudos: Imagens da Guerra**: Rio de Janeiro, 1997. p. 73.

Na obra **Os Sertões (1902)**, Euclides da Cunha também vai nos chamar a atenção sobre a situação degradante das vítimas de Canudos com a seguinte passagem:

Prisioneiros - Nem um rosto viril, nem um braço capaz de suspender uma arma, nem um peito resfolegante de campeador domado: mulheres, sem número de mulheres, velhas espectrais, m^oças envelhecidas, velhas e m^oças indistintas na mesma fealdade, escaveiradas e sujas, filhos escanchados nos quadris desnalgados, filhos encarapitados as costas, filhos suspensos aos peitos murchos, filhos arastados pelos braços, passando; crianças, sem número de crianças; velhos, sem número de velhos, raros homens, enfermos opilados, faces t^umidas e mortas, de cera, bustos dobrados, andar cambaleante²⁰⁷.

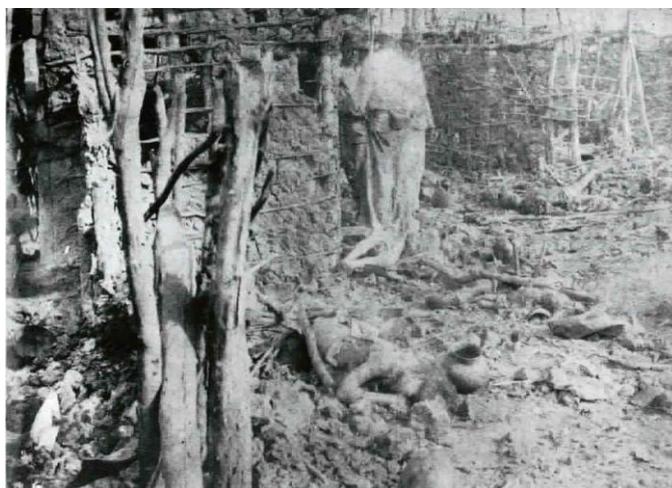


Imagem 2: Fotografia de Flávio de Barros dos Cadáveres nas Ruínas de Canudos após o 5 de outubro de 1897, presente no livro **Canudos Imagens da Guerra**. Museu da República. REF: 02.41²⁰⁸

Os horrores da guerra podem ser identificados também na seguinte passagem da obra **Os Sertões (1902)**:

Passeio dentro de Canudos - Dizia-o, mais expressiva, a nudez dos cadáveres. Estavam em tôdas as posições, estendidos, de supino, face para os céus; desnudos os peitos, onde se viam os bentinhos prediletos; inflexos no último crisper da agonia; mal vistos, às vezes, caídos sob madeiramentos, ou de bruços sobre as trincheiras improvisadas, na atitude de combate em que os colhera a morte²⁰⁹.

Em todos, nos corpos emagrecidos e nas vestes em pedaços, liam-se as provações sofridas. Alguns ardiam, lentamente, sem chamas, revelados por t^uenes fios de fumaça, que se alteavam em diversos pontos. Outros, incinerados, se desenhavam, salteadamente, nítidos,

²⁰⁷ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968. p. 455.

²⁰⁸ MUSEU DA REPÚBLICA (Brasil). **Canudos: Imagens da Guerra**: Rio de Janeiro, 1997. p. 79.

²⁰⁹ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968. p. 437.

esbatida a brancura das cinzas no chão poento e pardo, à maneira de toscas e grandes caricaturas feitas a giz...²¹⁰

Nesse sentido, as fotos mostradas nos ajudam a conferir o grau de violência e de brutalidade a que os sertanejos estiveram sujeitados durante os confrontos armados em Canudos. Conforme retrata Decca, na função de pesquisador, o que podemos perceber é que “o historiador define um problema e utiliza os documentos como pistas para o seu desvendamento”²¹¹. Decca se utiliza desse argumento, justamente, ao retratar outros massacres ocorridos durante o período republicano no Brasil, dentre eles o do Eldorado dos Carajás, o da Candelária e o do Contestado²¹². A partir dessa abordagem podemos também, como sugere o autor, pensar o lugar dos personagens vitimados por esses massacres no âmbito do imaginário da identidade nacional e na sua definição como povo brasileiro²¹³. Neste aspecto, é importante, segundo Decca, destacar o papel da Literatura no diálogo com a História, conforme ele salienta a seguir:

(...) a literatura e a história até a década de 1930 eram gêneros que se dialogavam com muita frequência. Adiantaríamos também que a literatura muitas vezes realizou, desde o final do século 19, o projeto, hoje em voga, da história social e cultural do Brasil, procurando resgatar do silêncio da história os personagens anônimos.²¹⁴

Dessa forma, é na leitura atenta da poesia **Página Vazia (1897)** e da obra **Os Sertões (1902)** que conseguimos resgatar do silêncio da história as vítimas de Canudos. Ou seja, isso foi possível por meio da nossa investigação imbuída de novas perguntas referentes à leitura que fizemos das fontes tomadas como testemunhos históricos de Euclides da Cunha, enquanto testemunha ocular, do massacre dos habitantes de Canudos. Por ora, algumas questões se fazem necessárias para a construção de nosso enredo: quem eram os habitantes de Canudos?; o que objetivavam?; por que tamanha resistência frente as empreitadas militares?; quais eram as insatisfações deles, representados por Antônio Vicente Mendes Maciel, com a chegada da república no Brasil?.

²¹⁰ CUNHA, Euclides. - op. cit., p. 437.

²¹¹ DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 8, dezembro de 1997. p. 48.

²¹² Quanto a este assunto já nos referimos a esta mesma abordagem do historiador Edgar de Decca, no decorrer desse estudo, porém, sob outra perspectiva teórica. Conferir na página --- dessa dissertação.

²¹³ DECCA, Edgar Salvadori de. - op. cit., p. 48.

²¹⁴ DECCA, Edgar Salvadori de. - op. cit., p. 49.

Para responder essas questões, o livro **Canudos: o povo da terra** (VILLA, 1997) do historiador Marco Antonio Villa se faz muito pertinente em nossa pesquisa porque é fruto de seu trabalho de pesquisa desenvolvido durante seu doutoramento em História Social pela Universidade de São Paulo (USP), que foi concluído em 1993. Segundo o autor, além da questão política que empacava o desenvolvimento econômico no sertão baiano desde o período monárquico, os piores períodos de seca, ocorridos principalmente nos anos de 1844-1846, 1869-1870, 1877-1879 e 1888-1889, intensificavam os sérios problemas da Bahia²¹⁵. Além disso, notamos que os coronéis e latifundiários estavam interessados no acúmulo de terras e nos privilégios políticos. Assim, os sertanejos padeciam sob a seca e a fome sem obterem meios para saírem daquele estado de vida precário. Dessa forma, “a República passa a ser sinônimo de miséria, opressão, fome e morte”²¹⁶.

O tradutor e literato Berthold Zilly, ao se referir à dimensão internacional da guerra Canudense, comenta que àquela época a Europa já tinha preparado os paradigmas teóricos e interpretativos para refutar comportamentos vistos como bárbaros, desviantes e atrasados do ponto de vista das mudanças que valorizavam a modernidade. Assim, os comportamentos de coletividades mestiças, rurais e radicalmente religiosas, como os que caracterizavam a região de Canudos, eram considerados um retrocesso porque se contraporia à ideia de modernização e avanço da ciência que tanto era defendida pelos europeus. Como nosso interesse está em responder as questões sugeridas acima, é importante destacar o que Zilly nos aponta:

Cunha, tenente reformado e, portanto, perito em assuntos militares, no calor da sua narração cada vez mais apaixonada, passou a admirar aquela comunidade religiosa no longínquo sertão, caluniada pelos jornalistas de então e pelo próprio Euclides como atávica, fanática e criminosa, o que naquela época eram acusações tão graves quanto as de fundamentalista e terrorista hoje em dia. Pois o povo de Canudos ia tomar o destino em suas próprias mãos, dispondo-se a entrar no palco da história como sujeito político, com um projeto social alternativo, regional, transétnico, brasileiro, baseado num catolicismo tradicional, procurando obstinadamente resolver os seus problemas materiais e espirituais sem pedir licença nem ao latifúndio, nem ao Estado, nem à Igreja. Afinal, todos eles – nem a República com seu lema Ordem e Progresso – nada haviam feito para diminuir a sua miséria e opressão, haviam de fato agido no sentido contrário a isso²¹⁷.

²¹⁵ VILLA, Marco Antonio. **Canudos: o povo da terra**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 24.

²¹⁶ VILLA, Marco Antonio. – op. cit., p. 127.

Nessa discussão é importante retratarmos a problematização da historiadora Eliane Moura sobre os diferentes “conceitos e representações religiosas contemporâneas que definem o fanatismo como responsável por ações extremadas e radicais no campo das religiões”²¹⁸. Além dos problemas econômicos e a seca que assolavam a região nordeste do país no final do século XIX, faz-se necessário nos questionarmos em relação à resistência, até o fim, de Antônio Conselheiro e de seus seguidores aos ataques das tropas militares enviadas ao local de guerra. Nas palavras de Eliane Moura Silva, para que possa “estudar os fenômenos religiosos, o historiador deve sempre estar atento ao uso e sentido dos termos que em dada situação geram crenças, ações, instituições, condutas, mitos, ritos e os sentidos históricos que determinam representações, conceitos e práticas”²¹⁹. Dessa forma, segundo Villa, a guerra para os conselheiristas “representava a manifestação coletiva de resistência frente à destruição da comunidade”²²⁰ canudense pelas tropas militares do governo republicano. Para aqueles infelizes sertanejos, o arraial era considerado sua própria casa, pois ali encontravam o apoio econômico, político e religioso.

Para avançar na construção do fio condutor que se sustenta nos questionamentos que propomos para entender o contexto da época e as características do povo daquele sertão baiano, procuramos nos estender à análise do guarda-chuva que se abre em relação à apreensão da religiosidade daqueles sertanejos. Nesse sentido, notamos que as explicações de Eliane Moura acerca dos fenômenos religiosos, os quais estão vinculados à cultura que constrói historicamente seus sistemas religiosos e “aos usos e sentidos dos termos que em determinada situação histórica geram crenças, ações, instituições, livros, condutas, ritos, teologias etc.”²²¹, se por um lado contribuem com os

²¹⁷ ZILLY, Berthold. Uma crítica precoce à “globalização” e uma epopéia da literatura universal: Os Sertões de Euclides da Cunha, cem anos depois. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002. pp. 64 e 65.

²¹⁸ SILVA, Eliane Moura da. Capítulo 1. O fanatismo religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas. In: SILVA, Eliane Moura da; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). **O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2014. p. 21.

²¹⁹ SILVA, Eliane Moura da. – op. cit., p. 21.

²²⁰ VILLA, Marco Antonio. **Canudos: o povo da terra**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 182.

²²¹ SILVA, Eliane Moura da. Capítulo 1. O fanatismo religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas. In: SILVA, Eliane Moura da; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). **O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2014. p. 24.

desdobramentos teóricos acerca de como ler na vertente do campo religioso a cultura que explica fenômenos religiosos, por outro lado, ajudam-nos a entender melhor também o que foi o evento traumático de Canudos do ponto de vista da religião.

Segundo Eliane Moura,

A Guerra de Canudos seria a síntese de vários fatores geográficos, sociais, raciais, históricos do Nordeste brasileiro, com a forte marca do fanatismo religioso messiânico e violento. Alguns anos depois foram surgindo novas leituras. Sob a influência de interpretações marxistas, o episódio de Canudos – antes descrito como “mal social gravíssimo”, “o fanatismo religioso dos seguidores de Conselheiro” e associado aos julgamentos racistas sobre o caráter do sertanejo descrito como um “herói monstruoso”, foi reconstruído e apresentado como pré-revolucionário, movimento primitivo de luta pela reforma agrária e instrumento da redenção política dos pobres e oprimidos. Os integrantes de Canudos viraram sujeitos históricos e revolucionários embora sem consciência política e prática organizada. Estudar Canudos era entender a resistência dos pobres e oprimidos dentro da cultura popular e regional nordestina. A religiosidade passou a ser peça-chave da compreensão da luta política, o misticismo a serviço da revolução e dos oprimidos. As profecias religiosas de Conselheiro foram alçadas à categoria da voz dos que não têm voz e se expressam de maneira diferente.²²²

Utilizando-nos dessa abordagem que se volta ao campo religioso e que também vem ao encontro da nossa temática, é necessário observar atentamente o personagem que testemunha eventos limites, nos quais há um grande número de pessoas vítimas de morte. Ao estudar Euclides da Cunha como testemunha ocular, podemos notar que em Canudos a religião se configurou como forte apoio à resistência dos Conselheiristas contra os militares, o que agravou ainda mais a situação da guerra. Nesse sentido, consideramos que o trabalho com as vozes das vítimas que foram silenciadas pelos detentores do poder é importante para nós historiadores. Por quê? Porque entendemos que do ponto de vista historiográfico não é a morte de apenas uma pessoa que pode ser contada por uma testemunha, mas sim a amplitude do massacre de um povo vitimado por um Estado que justificou suas ações contra um povo agregado pela religião em nome da ordem e do progresso, configurando-se, assim, um processo de civilização que garantiu privilégios apenas a uma minoria que estava no poder.

Na contramão do ideal do Estado republicano brasileiro observamos por meio dos testemunhos de Euclides que as vítimas do massacre em Canudos tiveram suas vozes silenciadas de forma violenta pelo Estado opressor. Dessa maneira, o papel do historiador na contemporaneidade se configura em reavivar esse debate à luz das teorias

²²² SILVA, Eliane Moura da. – op. cit., pp. 30 e 31.

que trabalham com os passados traumáticos, pois esse processo por meio do estudo de testemunhas oculares, como é o caso de Euclides da Cunha, oferece visibilidade às vítimas de eventos limites, que antes se encontravam excluídas do processo histórico. Assim, é bastante pertinente ao nosso estudo a consideração de Decca segundo o qual as vítimas e testemunhas dos massacres da nossa república - como Antônio Conselheiro na Guerra de Canudos, João Maria na Guerra do Contestado e a figura de Policarpo Quaresma na Revolta da Armada (1893-1894) no Rio de Janeiro, inscrito no romance de Lima Barreto (1881-1922) - foram indivíduos que não aceitaram as ordens republicanas²²³. Na visão de muitos intelectuais, existia nesses atores políticos um forte sentimento de desejo à volta da monarquia. Porém, para De Decca, esses atores queriam “instaurar um novo tempo, uma nova ordem social, são vozes vindas do mundo de baixo, que falam de injustiças, sofrimentos e de ressentimentos. Todos eles foram vistos como loucos pelo olhar republicano”²²⁴.

Segundo Villa, “depois de meses de luta o governo conseguiu destruir o que chamaram de Tróia de taipa, acampamento de beduínos, aldeia maldita, antro de bandidos, mas que os sertanejos designavam simplesmente por Belo Monte”²²⁵. Estima-se que aproximadamente 25 mil sertanejos foram chacinados pelas tropas do governo republicano²²⁶. Dessa maneira, conforme ressalta o historiador e sociólogo austríaco Michael Pollak (1948-1992), devemos investigar as memórias subterrâneas à revelia da memória oficial para que consigamos recuperar as vivências ocultas ao repertório do espaço público, que passam de certo modo a motivar grupos identitários e políticos na disputa por aquela memória²²⁷, ou seja, a memória viva dos mortos e sobreviventes de catástrofes como foi o Holocausto e, no caso de nosso enredo, o Massacre em Canudos.

Oferecer atenção aos vencidos da história do massacre em Canudos nos reporta a olharmos através das perspectivas dos Direitos Humanos²²⁸ levando em consideração

²²³ DECCA, Edgar Salvadori de. Quaresma: um relato de massacre republicano. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 8, dezembro de 1997. p. 49.

²²⁴ DECCA, Edgar Salvadori de. – op. cit., p. 49.

²²⁵ VILLA, Marco Antonio. **Canudos: o povo da terra**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 208,

²²⁶ VILLA, Marco Antonio. – op. cit., p. 220.

²²⁷ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15. 1989. p. 5.

²²⁸ Vale destacar que os Artigos 3º e 5º da Declaração Universal dos Direitos Humanos são importantes à nossa pesquisa. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos**

os estudos referentes ao conceito de “presentismo” conforme o leitor pode conferir na página 14 dessa dissertação. Ao vermos que foi tirada daqueles sertanejos a condição humana, devemos, então, nos posicionar contra a violência a que foram submetidos. Com isso, é preciso deixar claro que, dentre as várias nuances que se apontam para tratarmos do assunto, devemos voltar nossa atenção especificamente ao direito à vida. Dessa forma, conforme salienta Eliane Moura, a tolerância é a melhor solução para que possamos “admitir modos de pensar, de agir e de sentir que diferem dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos”²²⁹. Isso não quer dizer que nossa vertente se dirija à defesa de apenas um único grupo, mas, ao contrário, é a universalização que objetivamos.

Ao voltarmos ao retrato das vítimas de Canudos, é importante considerar a forma como Marco Antonio Villa em sua tese de doutorado retrata os sobreviventes da guerra: eles foram caçados como animais²³⁰. Villa descreve que Euclides da Cunha fez um relato de um interrogatório em que estavam presentes o general Artur Oscar, o tenente-coronel Siqueira de Menezes e uma mulher que deu seu depoimento sobre Canudos e Antônio Conselheiro. Essa testemunha, que tinha acabado de perder o marido e o filho, afirmou: “meu marido foi morto quando abancava pro santuário no meio de um lote de soldados, o mesmo tiro quebrou o braço do meu filho. Fiquei estatelada... não vi nada... este sangue que está na minha roupa é de meu filho – o que eu queria era ficar lá também morta...”²³¹.

Podemos notar que Euclides da Cunha ficou impressionado com a descrição da mulher e principalmente com os horrores da Guerra e a vida miserável²³² a que estavam submetidos os sertanejos, situação testemunhada por ele. As más condições de vida dos sertanejos se intensificaram ainda mais com os horrores da guerra, a violência e o total desrespeito à condição de vida humana daquela gente. As palavras do médico e escritor

Humanos, de 10 dez 1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2015.

²²⁹ SILVA, Eliane Moura da. Capítulo 1. O fanatismo religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas. In: SILVA, Eliane Moura da; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). **O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2014. p. 34.

²³⁰ VILLA, Marco Antonio. **Canudos: o povo da terra**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 212.

²³¹ VILLA, Marco Antonio. – op.cit., p. 212.

²³² CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968. p. 427.

Alvim Martins Horcades (1860-1940) confirmam a realidade cruel: “horror e mais horror! O cúmulo do horror! Só em uma casa encontrei 22 cadáveres já queimados, de mulheres, homens e meninos! Em uma rua uma mulher, tendo sobre uma das pernas uma criança e num dos braços outra, todas três quase petrificadas!”²³³.

É importante salientar ainda que o livro clássico da Literatura contemporânea **É isto um Homem (LEVI, 1947)?**²³⁴ do químico Primo Levi nos ajuda a investigar Euclides da Cunha como testemunha ocular do Massacre de Canudos e, sem dúvida, estudar os efeitos causados na testemunha após presenciar acontecimentos traumatizantes, como ressalta Seligmann-Silva ao investigar o teor testemunhal na Literatura acerca dos denominados eventos limites²³⁵. Segundo Decca, com base na posição do filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, “o Holocausto foi um evento limite, porque representou a forma mais radical de genocídio encontrado na História, organizado industrialmente, com o intuito de exterminar completamente com um grupo humano”²³⁶. Assim, podemos problematizar os aspectos políticos e econômicos desses dois eventos que nos estimula a lembrar as atrocidades a que foram submetidos os vencidos do Arraial de Canudos.

2.1. O silêncio das vítimas de Belo Monte nas vozes que atormentaram o escritor Euclides da Cunha (1866-1909)

Canudos – 1.º de Outubro - Quando á 1 hora da tarde contemplei o quadro emocionante e extraordinario, comprehendí o gênio sombrio e prodigiosos de Dante. Porque há uma coisa que só elle soube definir e que eu vi naquella sanga estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do INFERNO: a blasphemia orvalhada de lagrimas, rugindo nas boccas simultaneamente com os gemidos da dor e os soluços extremos da morte. Feridas de toda a sorte, em todos os logares, dolorosas todas, gravíssimas muitas, progredindo numa continuidade perfeita dos pontos apenas perceptíveis das nulichers, aos círculos maiores impressos pelas comblains, aos rombos largos e profundos abertos pelas pontas de chifre, pelos pregos, pelos projectis grosseiros dos bacamartes e trabucos. Vibrava no ar um côro sinistro de imprecações, queixas e gemidos. Quase todos contorciam-se sob o

²³³ VILLA, Marco Antonio. – op.cit.,p. 212

²³⁴ LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

²³⁵ SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 12.

²³⁶ DECCA, Edgar Salvadori de. Os intelectuais e a memória do Holocausto. In: LOPES, Marcos Antônio (org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 73.

intimo acúleo de dores cruciantes, arrastavam-se outros disputando um resto de sombra das barracas, quedavam-se muitos, as mãos cruzadas ou espalmadas sobre o rosto, resguardando-o do sol, immoveis, stoicos, numa indiferença mórbida pelo sofrimento e pela vida. No fundo dos barracões, os feridos dos combates anteriores, olhavam assustados para os novos companheiros de desdita, sócios das mesmas horas de desesperança e martyrio²³⁷.

As abordagens temáticas do historiador norte-americano Dominick LaCapra referentes ao trauma humano pós eventos limites possibilitou-nos investigar muitas das variáveis concernentes aos distúrbios da linguagem que afligiram Euclides da Cunha. Dessa maneira, por meio do estudo acerca da sua poesia **Página Vazia (1897)**, analisamos através da literatura de teor testemunhal, como sugere Seligmann-Silva, a escrita de um indivíduo sobre aquilo que presenciara em um evento limite. Essa escrita de teor testemunhal sobre um evento traumático também é feita por Primo Levi e por outros personagens históricos vítimas dos genocídios e massacres que ocorreram em campos de concentração nazistas e em outros lugares do mundo regidos por suas singularidades históricas. Dessa forma, podemos relacionar o Massacre de Canudos a outros massacres em que as vítimas passaram por realidades semelhantes, como foram aqueles que acontecerem no período republicano brasileiro, espaço temporal em que podemos circunscrever Canudos.

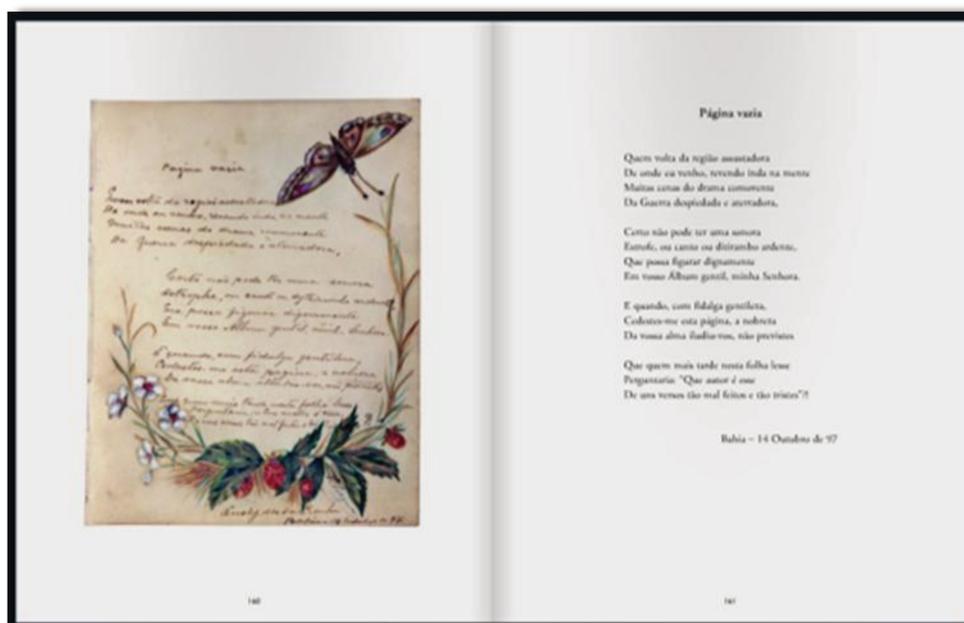
É importante esclarecer que para Hayden White existe uma relatividade na representação de um determinado fenômeno histórico. Para o autor, a linguagem é fundamental para se constituir eventos do passado no sentido de explicá-los e entendê-los. Portanto, determinados protocolos linguísticos são usados para descrever tais eventos e, para a compreensão desses acontecimentos históricos, White cataloga três vertentes: a narrativa; a narrativa histórica e eventos históricos. Salientamos que estes últimos, segundo o autor, “are supposed to consist of or manifest a congeries of “real” or “lived” stories, which have only to be uncovered or extracted from the evidence and displayed before the reader to have their truth recognized immediately and intuitively”²³⁸. Neste aspecto, enquanto White nos chama atenção, por um lado, para a

²³⁷ CUNHA, Euclides da. **Canudos (Diário de uma expedição)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. 186p. (Coleção Documentos Brasileiros, 16). p. 119-120.

²³⁸ WHITE, Hayden. Historical emplotment and the problem of truth. In: FRIEDLÄNDER, Saul. **Probing the limits of representation**. Harvard University Press: Cambridge/Massachusetts; London/England, 1992. p. 37. (“(...) são constituídos de hipóteses que servem para se traduzir as manifestações de histórias “reais” ou “vivas”, as quais tem que ser investigadas para se extrair evidência e projeção, antes que, o leitor obtenha verdades reconhecidas imediatamente e intuitivamente”).

análise da verdade no testemunho referente ao evento histórico assistido, Dominick LaCapra, por outro lado, vai nos alertar para a questão do trauma causado no indivíduo e da sua expressão de empatia em relação às vítimas enquanto testemunha do evento²³⁹.

Segundo os historiadores Edgar Salvadori de Decca e Maria Lucia Abaurre, quando Euclides da Cunha retorna da guerra de massacre em Canudos, ele se sente incapacitado de contar ao que havia assistido. Assim, Cunha deve ser compreendido dentro da lógica que o define como portador da experiência traumática, decorrente daquele evento limite. Portanto, “essa atitude de Euclides põe em relevo aquilo que fica no espaço lacunar da escrita, carrega de significados os silêncios e prepara o momento de uma escrita que se propõe reveladora desse trauma e dessa ferida identitária”²⁴⁰. Dessa maneira, por ora, é importante atentarmos na poesia de Cunha que segue abaixo.



Poesia **Página Vazia** (1897)²⁴¹

²³⁹ LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 181.

²⁴⁰ DECCA, Edgar Salvadori de; GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Trauma e história na composição de Os Sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo (org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 44.

²⁴¹ INSTITUTO MOREIRA SALLES (Brasil). Euclides da Cunha. **Cadernos de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro, n. 13 e 14, 2002. p. 160-161. Disponível em: <http://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_-_euclides_da_cunha> . Acesso em: 04 agos. 2015.

Página Vazia

Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo, inda na mente,
Muitas cenas do drama comovente
Da guerra despiedada e aterradora

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe ou canto ou ditirambo ardente
Que possa figurar dignamente
Em vosso álbum gentil, minha senhora

E quando, com fidalga gentileza
Cedeste-me esta página, a nobreza
De nossa alma iludiu-nos, não previstes

Que quem mais tarde esta folha lesse
Perguntaria: “Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tristes?”
(1897)²⁴²

Conforme a análise que fizemos dessa poesia no primeiro capítulo, cabe neste momento acrescentar que os quatro primeiros versos já evidenciam indícios daquilo que Euclides da Cunha presenciou e que lhe causou grande choque emocional. O autor definiu no terceiro verso da primeira estrofe o evento como um “drama comovente”, além de retratar o evento limite de Canudos, no quarto verso da primeira estrofe, como “Guerra despiedada e aterradora”. Nossa narrativa que procura ao perder de vista o trauma euclidiano acaba por se sustentar ainda mais na observação dos dois últimos versos da poesia: “Que autor é esse / De uns versos tão mal feitos e tão tristes?! (.)”. Ou seja, Cunha nessa poesia deixa traços e resquícios da vontade em denunciar ao mundo o que ele testemunhara em Canudos: a violência e a falta de respeito à vida humana das vítimas do sertão baiano. Isso pode ser analisado ainda na escrita no primeiro verso da última estrofe: “Que quem mais tarde nesta folha lesse / Perguntaria...”.

Segundo Hardman, **Página Vazia (1897)** foi eleito pelo crítico literário Manuel Bandeira (1886-1968) como um dos poemas mais belos de Euclides da Cunha. E continua Hardman “como escrever esta história, como representar a catástrofe sem apagá-la?”²⁴³. Nesse sentido, devemos considerar que o silenciamento das vítimas de

²⁴² Consultar DECCA, Edgar Salvadori de e GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Trauma e história na composição de Os Sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 41.

Canudos por parte dos perpetradores fez com que a mente de Cunha ficasse inquieta. A poesia supracitada revela essa realidade de inquietação. Com isso, faz-se necessário oferecermos atenção a um ponto teórico importante referente ao conceito de voz média na Literatura, conforme mencionamos no primeiro parágrafo deste capítulo.

Para LaCapra, as Artes em geral e a Literatura são lugares importantes para dar voz ao trauma assim como para explorar o papel do simbólico ou do sublime que se configura nessas esferas²⁴⁴. Quanto à escrita do testemunho do evento traumático, White desenvolve argumentos acerca do que o filósofo norte-americano Berel Lang trata como escrita intransitiva. Esse conceito, criado pelo crítico literato francês Roland Barthes (1915-1980), refere-se à ação de um indivíduo que, ao testemunhar um evento traumático, tenta fazer representação histórica daquele evento, como, por exemplo, do Holocausto²⁴⁵. Em nosso entendimento, o resultado dessa escrita está vinculado com o “eu” pessoal do autor como se fosse uma forma de expor o que impera no inconsciente, ou seja, uma forma de alívio ao expor para fora o que o incomoda. E também, essa ação está vinculada ao desejo do indivíduo de fazer o outro coparticipante das inquietações e perturbações que imperam em sua mente. Na argumentação de White, o autor apresenta o seguinte argumento de Lang: “the product of intransitive writing, which is to say a distance-denying discourse, might serve as a model for any representation of the Holocaust, historical or fictional”²⁴⁶. Assim, White também defende esse argumento a respeito de como a escrita intransitiva pode ser usada para a representação de eventos como massacres, genocídios.

A partir desse levantamento teórico acerca da voz média, é possível então situar o escritor Euclides da Cunha nessa abordagem e estudá-lo também por meio dessa perspectiva. Devemos, portanto, levar em consideração a sua função e condição como testemunha ocular do massacre a que assistira e da realidade em que se encontrava a

²⁴³ HARDMAN, Francisco Foot. A poética das ruínas n’ Os Sertões. In: BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). **Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 122-123.

²⁴⁴ LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 187.

²⁴⁵ WHITE, Hayden. Historical emplotment and the problem of truth. In: FRIEDLÄNDER, Saul. **Probing the limits of representation**. Harvard University Press: Cambridge/Massachusetts; London/England, 1992. p. 47.

²⁴⁶ Idem, p. 47. (o produto da escrita intransitiva, significa um discurso que nega o distanciamento, pode servir como um modelo para qualquer representação do Holocausto, histórico ou ficcional).

cidade de Canudos, que se resumia, ao final da guerra, a ruínas. É importante abordarmos um pouco mais a respeito do conceito de voz média porque é através dele que podemos detectar o efeito traumático de Cunha por meio dos estudos voltados a testemunhas e a seus escritos, como são aqueles desenvolvidos sobre os livros do químico italiano Primo Levi.

É importante salientar ainda que White discorre sobre o fato de que Berel Lang se utiliza da diferenciação proposta por Roland Barthes, em seu texto **To write: an intransitive verb? (BARTHES, 1984) (Para escrever: um verbo intransitivo?)**, entre a escrita modernista e a escrita do realismo clássico. Assim, segundo White,

Barthes asks if and when the verb “to write” became an intransitive verb. The question is asked within the context of a discussion of “diathesis” (“voice”) in order to focus attention on the different kinds of relationship that an agent can be represented as bearing to an action. He points out that although modern Indo-European languages offer two possibilities for expressing this relationship, the active and the passive voices, other languages have offered a third possibility, that expressed, for example, in the ancient Greek “middle voice”. Whereas in the active and passive voices the subject of the verb is presumed to be external to the action, as either agent or patient, in the middle voice the subject is presumed to be interior to the action²⁴⁷. He then goes on to conclude that, in literary modernism, the verb “to write” connote neither an active nor a passive relationship, but rather a middle one. “Thus”, Barthes says²⁴⁸,

in the middle voice of to write, the distance between scriptor and language diminishes asymptotically. We could even say that it is the writings of subjectivity, such as romantic writing, which are active, for in them the agent is not interior but anterior to the process of writing: here the one who writes does not write for himself, but as if by proxy, for an exterior and antecedent person (even if both bear the same name), while, in the modern verb of middle voice to write, the subject is constituted as immediately contemporary with the writing, being effected and effected by it: this is the exemplary case of the

²⁴⁷ Esse debate sobre escrita, voz e voz média se encontra no livro de BARTHES, Roland. **To Write: Na Intransitive Verb?** In: BARTHES, Roland. **The Rustle of Language**, trans. by Richard Howard. Berkeley: University of California Press, 1989. p. 18.

²⁴⁸ WHITE, Hayden. Historical emplotment and the problem of truth. In: FRIEDLÄNDER, Saul. **Probing the limits of representation**. Harvard University Press: Cambridge/Massachusetts; London/England, 1992. p. 48. / (Barthes se questiona se e quando o verbo “escrever” tornou-se um verbo intransitivo. A questão é feita dentro do contexto de uma discussão de “diátese” (“voz”) a fim de focar a atenção sobre os diferentes tipos de relação do agente em relação à ação. Ele pontua e expõe que, embora as linguagens modernas indo-europeias ofereçam duas possibilidades para expressar essa relação, a voz ativa e a voz passiva, outras línguas oferecem uma terceira possibilidade, que é expressa, por exemplo, na antiga “voz média” grega. Enquanto nas vozes ativa e passiva o sujeito do verbo é presumido como externo à ação, seja como agente ou paciente, na voz média o sujeito é presumido como interior à ação. Ele, então, passa a concluir que, no modernismo literário, o verbo “escrever” não conota nem uma relação ativa nem passiva, mas, antes, uma voz média. “Então”, Barthes diz...).

Proustean narrator, who exists only by writing, despite the references to a pseudo-memory²⁴⁹.

Dessa maneira, a partir do pressuposto elencado pelos autores citados acima conseguimos visualizar a ação traumatizada de Euclides da Cunha ao lermos os versos da poesia **Página Vazia (1897)**. Assim, podemos ver na sua escrita a voz média, que se caracteriza por um sujeito afetado, o que faz com que sua ação não seja representada diretamente, mas seja desorientada em termos da linguagem em virtude do que é transferido da mente e da linguagem para a escrita.

Portanto, o silenciamento imposto de forma violenta aos canudenses, por meio das tropas militares enviadas a Canudos a pedido do governo federal, fez com que aquele evento limite influenciasse o intelectual até a escrita de sua obra maior, **Os Sertões (1902)**. Segundo Seligmann-Silva, “a arte de ler e inscrever rastros e o testemunho da violência fazem parte de um movimento de se apoderar das narrativas caladas e apagadas”,²⁵⁰ ou seja, por meio da poesia escrita por Euclides da Cunha e da sua obra maior, **Os Sertões** conseguimos resgatar os questionamentos acerca da Guerra de Canudos, que são cruciais ao resgate memorialístico das vítimas daquele evento limite, e, assim, podemos ressignificá-la como de Massacre em Canudos, ou seja, o massacre dos sertanejos indefesos de Canudos.

Testemunhar os horrores praticados às vítimas nesse massacre e observar as ruínas que ficaram em Canudos fizeram Euclides da Cunha categorizar a guerra como um crime, como bem relatou em seu livro **Os Sertões (1902)**. Nesse sentido podemos visualizar que o depoimento pessoal do químico italiano Primo Levi em seu livro **É isto um homem? (LEVI, 1947)** também se constitui como denúncia de crime contra seres humanos. Pode-se notar que no livro o autor faz referência, como testemunha ocular, às condições desumanas a que seus companheiros foram submetidos. Essa constatação

²⁴⁹ BARTHES, Roland. To Write: Na Intransitive Verb? In: BARTHES, Roland. **The Rustle of Language**, trans. by Richard Howard. Berkeley: University of California Press, 1989. p. 19. *apud* WHITE, Hayden. Historical emplotment and the problem of truth. In: FRIEDLÄNDER, Saul. **Probing the limits of representation**. Harvard University Press: Cambridge/Massachusetts; London/England, 1992. p. 48. (na escrita da voz média, a distância entre o escritor e a linguagem diminui de forma assintótica. Poderíamos dizer até que são as escritas da subjetividade, como a escrita romântica, que são ativas, pois nelas o agente não é interior, mas anterior ao processo da escrita: nela quem escreve não escreve para ele mesmo, mas como se fosse para o próximo, para uma pessoa exterior e antecedente (mesmo se ambos tenham o mesmo nome), ao passo que na escrita moderna da voz média, o sujeito é constituído como imediatamente contemporâneo à escrita, sendo constituído e constituindo-se através dela: este é o caso exemplar do narrador proustiano, que apenas existe para escrever, apesar da referência a uma pseudo-memória.)

²⁵⁰ SELIGMANN-SILVA, Márcio. O imperativo dos traços. **Revista Cult**, São Paulo, ano. 17, n. 197, p. 31-35, dez. 2014. p. 32.

serve-nos para refletirmos acerca da escrita de *Os Sertões* como denúncia de crime contra a vida humana. Segundo Levi, diante da força dos perpetradores e da necessidade das vítimas de não sofrerem mais, “muitos instintos sociais são reduzidos ao silêncio”²⁵¹. Assim, essas vítimas se uniam para suportar ou ao menos para resistir à crueldade por parte dos seus algozes²⁵². Além disso, Primo Levi destaca: “É óbvia a observação de que, quando se violenta o homem, também se violenta a linguagem”²⁵³, ou seja, é importante observar neste aspecto que, ao retornarem de eventos dessa natureza, os sobreviventes e testemunhas oculares têm sua linguagem – aquilo que faz o ser humano se comunicar com o outro – comprometida.

Os estudos do historiador Dominick LaCapra que contemplam o papel fundamental da Literatura na apreensão e investigação de eventos limites ou passados traumáticos nos possibilitaram dinamizar nossas perspectivas investigativas quanto ao Massacre em Canudos. É possível observarmos que Euclides da Cunha na função de testemunha ocular evidenciou por meio da obra **Os Sertões (1902)** os horrores daquilo que presenciou, deixando implícita a sua posição de que eventos daquela ordem jamais poderiam voltar a ocorrer. Sobre o feito que é dar um testemunho, LaCapra afirma: “Viewing survivor testimonies serves to bring this home to the viewer. Simply attaining a voice able to bear witness or give testimony-to express certain unspeakable injuries, insults, and forms of abjection- is itself a remarkable accomplishment”²⁵⁴. Essa posição é bastante visível no prefácio do livro **É Isto um Homem? (LEVI, 1947)** em que o autor retrata que escrever sobre o que ele viveu e viu no campo de concentração de Auschwitz, por um lado, é uma forma de trazer à tona a realidade daqueles horrores, e, por outro, faz com que as pessoas se tornem coparticipantes daquela realidade e daquele evento que, para nossa mente, foge da capacidade de ser entendido²⁵⁵.

²⁵¹ LEVI, Primo. Os submersos e os salvos. In: **É isto um homem?** Trad. de Luigi Del Re. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 88.

²⁵² LEVI, Primo. - op. cit., p. 92.

²⁵³ LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades.** Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. p. 85.

²⁵⁴ LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 211. (A realidade testemunhada pelos sobreviventes serve para trazer aquela vivência ao telespectador. Conseguir simplesmente uma voz capaz de dar testemunho ou depoimento - para expressar certas injúrias indescritíveis, insultos, e formas de abjeção – é mesmo uma realização notável).

²⁵⁵ LEVI, Primo. Prefácio. In: **É isto um homem?** Trad. de Luigi Del Re. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9 e 10.

LaCapra, ao contrapor a posição do cientista político Daniel Jonah Goldhagen, o qual tem dado atenção ao estudo sobre Holocausto e que questiona a falta de interesse pelos perpetradores na esfera pública e acadêmica, à da historiadora alemã Ruth Bettina Birn, afirma:

Whether this is really the role of a scholar is doubtful. After all, there is an extensive collection of survivors' memoirs and testimonies, in which we can hear the voices of the victims themselves. In the approach Goldhagen advocates, the historian takes on the position of an intermediary who is not interpreting sources but retelling the events in the light of his own imagination. It's his voice we hear!²⁵⁶

Assim, na contramão da posição do cientista político Goldhagen, objetivamos chamar atenção aos que foram silenciados pela força dominante, controlada pelos políticos que estão no poder. Acreditamos que as vias teóricas a partir das quais norteamos nosso enredo não venham a desconsiderar os argumentos de Goldhagen ou refutá-los no processo de investigação, que, a nosso ver, só tem a contribuir com as novas descobertas e, principalmente, com o valor destinado aos invisíveis da História. Por meio do estudo referente a obra *Os Sertões* escrita por Euclides da Cunha, e que, este, apreendido em sua função de testemunha ocular nos leva a considerar que, ao trazer a temática do testemunho à luz das questões do presente que regem as perspectivas historiográficas, nossa posição enquanto historiadores é a de que devemos nos configurar como mediadores no estudo referente às vítimas e aos perpetradores. Portanto nosso papel se constitui como mediadores entre nosso objeto de pesquisa – a obra *Os Sertões* – e a nossa narrativa a partir da qual buscamos oferecer àqueles que não obtiveram direito à vida e muito menos a uma lápide que historicize sua trajetória no tempo um lugar no processo histórico no qual estamos inseridos.

Nesse sentido, no que se refere ao desdobramento teórico quanto às vítimas, mesmo que LaCapra tenha nos alertado acerca da existência de simpatia aos perpetradores ou aos vitimados, levantando questionamentos morais para debater essa ambivalência²⁵⁷, nossa resposta a eventos traumatizantes ou limites se situa nesta

²⁵⁶ GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *apud* LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 119. (Se este é realmente o papel de um acadêmico é duvidoso. Afinal de contas, existe uma coleção extensiva das memórias e testemunhos de sobreviventes, a partir dos quais podemos ouvir as vozes das próprias vítimas. Na abordagem que Goldhagen defende, o historiador assume a posição de um intermediário que não interpreta fontes, mas reconta os eventos à luz de sua própria imaginação. É a sua voz que ouvimos!).

²⁵⁷ LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 132.

pesquisa como uma posição que vai em direção à empatia em relação às vítimas. O viés que procuramos traçar vai ao encontro dos debates concernentes à História e à Memória como instrumentos que nos ajudam a combater os crimes cometidos contra grupos humanos e a ter a liberdade, enquanto historiadores e atores da esfera pública, de retratarmos esse assunto. No terceiro capítulo, discutiremos com mais detalhes e cuidado essa assertiva ao vincularmos a interpelação dos Direitos Humanos à teoria, âmbito no qual eventos como massacres são condenados pelas leis, ética e que sustentam as práticas em defesa da vida.

Portanto, Euclides da Cunha carregou consigo até a elaboração de sua obra **Os Sertões (1902)** a necessidade de narrar uma experiência única e expor às futuras gerações o horror do massacre que foi Canudos. Para Seligmann-Silva, “na teoria do testemunho se tematiza a enunciação como momento de manifestação dos que tiveram sua voz calada (os assassinados e os sobreviventes)”²⁵⁸. Assim, a ação de trazer a público sua experiência traumática em sua obra monumental **Os Sertões (1902)** é uma forma de Cunha manifestar a voz das vítimas de Canudos que, mesmo silenciadas, ficaram em sua mente, e uma forma de reviver, portanto, aquele drama que o comovera. É neste aspecto que conseguimos interpretar as reflexões de Seligmann-Silva, segundo o qual:

O sobrevivente, aquele que passou por um evento e viu a morte de perto, desperta uma modalidade de recepção nos seus leitores que mobiliza a empatia na mesma medida em que desarma a incredulidade. Tendemos a dar voz ao mártir, vale dizer, a responder à sua necessidade de testemunhar, de tentar dar forma ao inferno que ele conheceu – mesmo que o fantasma da mentira ronde as suas palavras²⁵⁹.

Portanto, como já invocamos nesta dissertação por meio da argumentação do historiador Dominick LaCapra quanto a literatura de testemunho, que neste aspecto se constitui de testemunhos históricos, depoimentos dos sobreviventes e outras testemunhas de eventos limites, ou seja, dos indivíduos traumatizadas por acontecimentos que testemunharam, cabe assinalarmos que, essa abordagem se configura de grande importância em nossa narrativa. Nessa medida vale enfatizarmos

²⁵⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 36.

²⁵⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 379 e 380.

ainda que **Os Sertões (1902)** é o nosso objeto de pesquisa e que, a partir da nossa leitura atenta, especificamente da terceira parte da obra, *A Luta*, foi possível e necessário investigarmos acerca da trajetória de 1897 a 1902 daquele que ocupou a função de testemunha ocular do Massacre em Canudos, Euclides da Cunha.

Ainda é importante salientarmos que, ao perscrutarmos o campo semântico em que se configura a voz média, precisamos levar em consideração o conceito tal como o define o semanticista John Lyons:

(...) o termo voz média, tal como originalmente empregado, designa uma categoria flexional que, do ponto de vista formal, constituía, nas línguas clássicas IE (isto é), um conjunto paradigmático de sufixos verbais com uma função semântica bem delineada: expressar eventos em que a ação ou o estado afeta o sujeito do verbo ou seus interesses²⁶⁰.

Partindo dessa premissa, conseguimos compreender Euclides da Cunha como sujeito do verbo diante do que testemunhou em Canudos. Assim, como sugere Roberto Ventura (1957-2002), a partir da “capacidade humana em imaginar e representar”²⁶¹, o autor escreveu a poesia **Página Vazia (1897)**, na qual notamos a sua necessidade de denunciar o crime contra seres humanos que testemunhara em Canudos. Nesse sentido, cabe atentarmos ao que o historiador Dominick LaCapra nos chama atenção para a posição de Hayden White de que a voz média seja o único veículo adequado para representar passados traumáticos e experiências dessa natureza. Na concepção de LaCapra, a média voz ou voz média, caracterizada por uma escrita intransitiva e singular aos olhos de White²⁶², deve ser vista também como formas de reivindicar posições quanto à realidade histórica no âmbito da historiografia²⁶³.

Conforme pudemos deixar claro, nossa pesquisa se constituída da investigação da obra *Os Sertões* que nos reportou ao estudo da trajetória de Euclides voltado à

²⁶⁰ LYONS, J. *apud* CAMACHO, Roberto Gomes. Em defesa da Categoria de Voz Média no Português. **D.E.L.T.A.**, São José do Rio Preto/São Paulo, 19:1, 2003 (91-122). p. 92.

²⁶¹ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 439.

²⁶² LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 25 e 26.

²⁶³ Vale lembrar que a este respeito discutimos desde o primeiro capítulo a questão referente à representação no trato da história e da ficção. Além da discussão levantada pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, também nos valem dos estudos do historiador americano Hayden White e do filósofo francês Paul Ricoeur no retrato da narrativa e de seus desdobramentos no âmbito da escrita historiográfica.

análise de seus testemunhos históricos teve como um dos focos o estudo do silêncio imposto às vítimas do Massacre em Canudos por parte dos algozes. Mesmo que LaCapra nos alerte que a voz média, caracterizada pela escrita intransitiva e defendida por White, deva ser questionada porque se constitui ao mesmo tempo a partir da leitura dos opressores e também das vítimas de eventos limites - não havendo, portanto, posicionamento de diferenciação suficientemente ética e política em relação às duas representações²⁶⁴ -, é em defesa das vítimas que procuramos gerar a empatia e defender a vida, com base nos argumentos e artifícios conferidos aos Direitos Humanos. Portanto, nosso papel enquanto historiadores e pesquisadores se configura no estudo de Euclides da Cunha como portador de um dever humano em relação às vítimas do massacre ocorrido em Canudos. O fato de as vozes das vítimas terem ressurgido em sua mente, de forma constante, assim como aquele evento estarrecedor pode o ter inspirado para que escrevesse sua obra maior, **Os Sertões (1902)**, na qual procurou ressaltar mais especificamente em sua terceira parte o evento contra os sertanejos como um crime.

2.2. A Memória das vítimas submetidas ao massacre no evento limite e passado traumático de Canudos

Diante da necessidade de Memória no tempo presente, procuramos, neste trabalho, que se volta à investigação da obra **Os Sertões (1902)**, e, conseqüentemente à temática acerca da testemunha ocular Euclides da Cunha, resgatar a Memória das vítimas do massacre em Canudos. Sabemos que quanto a estas, tentou-se apagar os rastros de sua existência e resistência frente as tropas militares que agiam a mando do então Presidente da República, que ordenou a “destruição de Canudos, cujos moradores foram exterminados e cujas casas e ruas foram demolidas com dinamite e queimadas com querosene”²⁶⁵. Podemos notar, assim, que o então Presidente Prudente de Moraes (1841-1902) impôs a ordem de que se estabelecesse uma guerra na qual, podemos dizer, foi massacrada toda a comunidade do arraial liderado por Antônio Conselheiro. Disse, então, o Presidente: “Em Canudos não ficará pedra sobre pedra, para que não mais

²⁶⁴ LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001. p. 26.

²⁶⁵ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 456; 457.

possa reproduzir-se aquela cidadela maldita e este serviço a Nação deve ao heroico e correto exército” (*apud* VENTURA, 2002, p.457)²⁶⁶.

Em nossa trama, baseada na leitura das fontes e sustentada por uma bibliografia bastante problematizadora, além da nossa preocupação quanto a Euclides, nota-se que este procurou em suas obras conferir atenção aos vencidos. Portanto o enfoque conferido aos sertanejos se dá na apreensão da Memória destes que foram silenciados frente o massacre coordenado pelo governo federal. É importante ressaltar que, se os objetivos dos governantes se configuravam na tentativa do esquecimento do que foi Canudos e seus defensores, cabe aqui, do ponto de vista teórico, no âmbito das problematizações concernentes à filosofia e a memória, a consideração do filósofo Paul Ricoeur, segundo o qual “a própria memória se define, pelo menos numa primeira instância, como luta contra o esquecimento”²⁶⁷. Dessa maneira, Euclides da Cunha nos deixou como legado – a sua obra literária maior **Os Sertões (1902)** e as suas outras produções - para que as gerações futuras àquelas que viveram na sua época possam recuperar aquele horror que denominamos massacre. Isso estimulou-nos a refletir e debater, portanto, o perfil da testemunha ocular no âmbito das discussões acerca da coletividade para podermos, assim, enunciar Euclides como vinculado à identidade nacional, já que pudemos constatar o acontecimento que ele retratou como parte integrante de um problema nacional que feriu e maculou a identidade da nação. Ou seja, possibilitou-nos analisar o Massacre em Canudos do ponto de vista micro e elevá-lo à dimensão macro.

Segundo Decca, nos dois primeiros artigos de Cunha publicados no jornal **O Estado de S. Paulo** referentes à Guerra de Canudos que vinham com o título de “A Nossa Vendéia”²⁶⁸ e que foram publicados em 14 de março de 1897 e em 17 de julho do mesmo ano²⁶⁹, o jornalista aproximara “a guerra no sertão à rebelião em 1793 dos

²⁶⁶ MORAIS, Prudente de. 7 out. 1897. In: Jornal do Comércio (Rio de Janeiro), 8 out. 1897. *apud* VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 457.

²⁶⁷ RICOEUR, Paul. O Esquecimento: Nota de orientação. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007. p. 424.

²⁶⁸ DECCA, Edgar Salvadori de. Euclides e Os Sertões entre a Literatura e a História. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 162.

²⁶⁹ Essas informações se encontram no texto do historiador Edgar de Decca “Euclides e Os Sertões entre a Literatura e a História” na página 176 e também constam no artigo intitulado “Euclides da Cunha Arte, Filosofia e História”, de autoria do historiador José Leonardo do Nascimento. Esse artigo foi postado em 17/04/2012 no site da Casa de Cultural Euclides da Cunha da cidade de São José do Rio Pardo-SP.

camponeses monarquistas e católicos da região da Vendéia contra a França revolucionária”²⁷⁰. Cunha, em oposição àqueles que seguiam Antônio Conselheiro e que eram adeptos da volta da monarquia, considerava que a república sairia vitoriosa e que, ao tomar o governo vigente, garantiria progresso à nação. Porém, é preciso considerar que a experiência traumática de Euclides da Cunha diante da sua função de testemunha ocular no ambiente de guerra o levou mais tarde a argumentar em sua obra **Os Sertões (1902)** que: “A República vencer-los-á, afinal, como a grande revolução à Vendéia, com uma diferença fundamental porém – a glória do republicano francês foi verdadeiramente brilhante, graças à própria grandeza dos vencidos...”²⁷¹. Tal afirmação contribui com a consideração de Decca a respeito dos vencidos da História na tessitura em que se encontram os submetidos à morte, tais como os conselheiristas de Canudos.

No “Esboço Biográfico” referente a Euclides da Cunha - confeccionado pelo literato Roberto Ventura²⁷² e organizado, posteriormente, pelo historiador José Carlos Barreto de Santana e pelo jornalista Mario Cesar Carvalho, responsáveis pela publicação da obra pela editora Companhia das Letras de São Paulo - foi possível encontrar muitas informações acerca desse escritor, muitas das quais encontradas postumamente no computador do seu biógrafo, Roberto Ventura. Nessa obra, relata-se que o jornalista chegou no dia 06 de setembro de 1897 a Monte Santo e partiu de lá no dia 13 de setembro do mesmo ano rumo a Canudos. De Monte Santo Cunha pôde se inteirar do que acontecia em Canudos e teve oportunidade de observar atentamente uma multidão de mulheres magras e sujas, cadáveres de homens e cavalos em decomposição, pântanos secos e contaminados, soldados e civis feridos e frágeis²⁷³. Ou seja, nesse momento Euclides já sabia que no arraial de Canudos, o qual os conselheiristas denominaram Belo Monte, a situação certamente era pior.

²⁷⁰ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 450.

²⁷¹ CUNHA, Euclides da. *apud* DECCA, Edgar Salvadori de. Euclides e Os Sertões entre a Literatura e a História. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 162.

²⁷² Fazemos aqui uma singela homenagem ao literato que faleceu em decorrência de um acidente de carro em 2002, quando retornava da Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo-SP.

²⁷³ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 166.

O jornalista Benicio Medeiros, logo na apresentação da **Caderneta de Campo (1897)** de Euclides da Cunha, corrobora esse relato afirmando que, assim como os militares que participaram das incipientes condições climáticas e da falta de comida e água, Cunha pôde diante dos intensos tiroteios sentir o “cheiro dos cadáveres putrefatos e os ardis dos jagunços que ameaçavam a vida da tropa de noite e de dia”²⁷⁴. Nas palavras de Villa, desde a primeira expedição enviada a Belo Monte em 6 de novembro de 1896²⁷⁵, os militares enfrentaram em Canudos e arredores uma “parcela da população do arraial dedicada exclusivamente à defesa, formada por combatentes com larga experiência de luta pelo sertão”²⁷⁶. Porém, a partir da segunda expedição a Canudos, os sertanejos do arraial foram combatidos por canhões Krupp, metralhadoras, granadas, carabinas²⁷⁷. Segundo Ventura, os canudenses investiam, como em um ato suicida, contra o possante canhão Whitworth utilizado pelas tropas militares e apelidado de matadeira²⁷⁸.

Dessa maneira, devemos oferecer, por um lado, assim como Euclides, atenção às vítimas daquele massacre aterrorizante, as quais se circunscrevem como problemas de ordem nacional, e, por outro lado, buscamos recuperar por meio da nossa narrativa problemáticas do presente colocadas ao passado e vai ao encontro dos Artigos da **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)**, a qual, concebemos em nossa narrativa como mais uma grande conquista no processo histórico dos direitos humanos em prol das minorias, desprotegidos e cerceados em suas diversas formas de liberdade humana. Neste ínterim cabe atentarmo-nos para o fato de que, como ressalta Finazi-Agrò, “o pensamento e a indignação, uma atitude lógica e uma posição ética são as instâncias necessárias, as vozes que devem continuar ecoando no vazio do silêncio, ou melhor, são aquilo que deve permanecer para além da acumulação de palavras ocas e

²⁷⁴ MEDEIROS, Benicio. Tijolos para uma catedral. In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Euclides da Cunha: Caderneta de Campo. Introdução, notas e comentário de ANDRADE, Olímpio de Souza (org.). **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**. Rio de Janeiro, 2009. p. 7.

²⁷⁵ VILLA, Marco Antonio. **Canudos: o povo da terra**. São Paulo. Editora Ática: 1995. P. 141.

²⁷⁶ VILLA, Marco Antonio. – op. cit., p. 143.

²⁷⁷ VILLA, Marco Antonio. – op. cit., p. 147.

²⁷⁸ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 452.

triviais submergindo o silêncio das vítimas”²⁷⁹. Nesse sentido, o resgate da Memória das vítimas no escopo da recordação, segundo Assmann, coloca em evidência a construção da identidade nacional²⁸⁰ de um povo. Em nosso processo investigativo, tomando as orientações do historiador Carlo Ginzburg na busca e análise dos rastros, faz-se necessário considerarmos o que Assmann nos sugere quanto à relação entre a História e a Memória: “Com o sobrepeso da história, a memória cultural teria perdido suas duas funções centrais, intensidade e identidade, isto é, energia impulsionadora e a autoimagem formativa”²⁸¹. Desse modo, o nosso objetivo em rememorar e recordar o Massacre em Canudos neste enredo passa por preocupações que convergem para os vencidos da História em um espaço e em um tempo circunscrito da Memória nacional. Essas preocupações, então, inserem-se nas preliminares referentes à identidade individual e coletiva, sendo que a memória coletiva se configura como pano de fundo nas abordagens acerca dos movimentos sociais que vêm a chamar a atenção do nível micro para a dimensão macro, isto é, de um problema regional para um problema da nação.

Devemos considerar, então, que Euclides da Cunha nos reportou através de seus testemunhos à importância da memória coletiva na escrita historiográfica sobre os vencidos da História que se desdobra ao estudo e retrato de eventos traumáticos ocorridos em âmbito nacional. Ao tratarmos de eventos limites em âmbito nacional, é como se observássemos uma foto que apreendeu um momento específico em um tempo e espaço, no fluxo temporal. Notamos que essa questão é muito importante nos estudos de Assmann, que afirma:

O motivo de uma contrarrecordação cujos portadores sejam os vencidos e oprimidos é a deslegitimação de relações de poder consideradas opressivas. Essa deslegitimação é tão política quanto a recordação oficial, já que nos dois casos se trata de legitimação e poder. A recordação que se seleciona e conserva nesse caso presta-se a dar fundamentação não ao presente, mas ao futuro, ou seja, ao presente que deve suceder à derrubada das relações de poder ora vigentes²⁸².

²⁷⁹ FINAZI-AGRÒ, Ettore. Nefas: Palavras e imagens da violência na moderna literatura brasileira. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime e HARDMAN, Francisco Foot (orgs). **Escritas da VIOLÊNCIA**. Vol. 1. O testemunho. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012. p. 79.

²⁸⁰ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. de Paulo Soethe. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2011. p. 23.

²⁸¹ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. de Paulo Soethe. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2011. p. 144.

²⁸² ASSMANN, Aleida. – op. cit., p. 152.

Diante desse excerto, podemos estabelecer relações entre o que Assmann afirma quanto à “deslegitimação de relações de poder” e os objetivos de Nora que, com a **Associação Liberdade para a História** na França, considera muito pertinente o papel da Memória como forma de rememorar passados traumáticos à luz das questões inerentes ao presente de forma a, no bojo dos questionamentos históricos, revolver a História em busca de pistas que venham a interrogar a Memória. Assim, Nora luta pelo direito de representar os passados traumáticos do ponto de vista histórico na contramão dos discursos políticos, os quais, através de suas políticas do lembrar, visam a assegurar formas de poder.

O literato romano Ettore Finazi-Agrò, indo ao encontro da nossa pesquisa, contribui com o seguinte retrato “aquilo que resta é a contagem nunca certa das vítimas, daqueles que não têm palavra, nem lugar próprio, senão talvez o espaço do jazigo, as sepulturas de onde continuam nos falando na sua linguagem incompreensível”²⁸³. Reiteremos que, no caso de Canudos, as vítimas não obtiveram o direito ao túmulo, ou seja, foram massacradas por meio da violência brutal por parte das tropas federais, que objetivavam, o mais rápido possível, por fim àquele empecilho que se declarava contra a República. Euclides da Cunha é prova desse horror por meio de suas produções literárias, que culminaram em sua obra literária maior, **Os Sertões (1902)**. Nesse sentido, as palavras da literata Rosani Ketzer Umbach vêm corroborar o papel que a Memória ocupa neste debate no qual voltamos a atenção à Memória das vítimas:

A memória, tanto em sua dimensão individual como coletiva, constitui uma das vertentes mais densas da literatura. Se para muitos escritores escrever é recordar, a memória tem uma importância central em narrativas memorialísticas. E, no processo da escrita de memórias, misturam-se elementos construtivos à narrativa. Porém, em se tratando de memórias relacionadas a experiências de repressão, especialmente em casos de testemunhos, é indispensável observar a fronteira a partir da qual a narrativa se torna ficção. Ao procurar esboçar memórias alternativas e transmitir sua experiência de vida, o memorialista deve preservar a diferença ontológica entre memórias como afirmações verdadeiras e meros produtos da fantasia artística. Isso também vale para o testemunho, o qual, nas palavras de Seligmann-Silva, “aporta uma ética da escritura” (2005:85)²⁸⁴.

²⁸³ FINAZI-AGRÒ, Ettore. Nefas: Palavras e imagens da violência na moderna literatura brasileira. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime e HARDMAN, Francisco Foot (orgs). **Escritas da VIOLÊNCIA**. Vol. 1. O testemunho. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012. p. 81.

²⁸⁴ UMBACH, Rosani Ketzer. Violência, memórias da repressão e escrita. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime e HARDMAN, Francisco Foot (orgs). **Escritas da VIOLÊNCIA**. Vol. 1. O testemunho. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012. p. 218.

O estudo que fizemos das fontes principais - a poesia **Página Vazia (1897)** e a obra **Os Sertões (1902)** - possibilitou o trabalho de análise de outros documentos que retratam o que agora podemos ressignificar como Massacre em Canudos. Essa tarefa pôde contribuir para as discussões que se voltam à apreensão das vítimas desse massacre a fim de circunscrevê-las nos debates acerca dos crimes cometidos contra seres humanos indefesos. Ademais, as vozes das vítimas que atormentaram Euclides da Cunha até a escrita de sua obra literária maior se configuraram como rico material para investigação, pois em sua **Caderneta de Campo (1897)**²⁸⁵ e em seu diário **Canudos (Diário de uma expedição) (1897)**²⁸⁶ pudemos encontrar várias passagens que confirmam os horrores testemunhados pelo autor. De um lado, se o estudo do contexto da época nos leva às produções acadêmicas sobre os assuntos Guerra de Canudos e Euclides da Cunha, por outro lado, nossa perspectiva nos leva a analisar a mesma documentação utilizada por outros intelectuais com base na abordagem cara a Walter Benjamin de reler “a história a contrapelo”²⁸⁷. Como salientamos no primeiro capítulo, por meio de investigação concernente à terceira parte da obra *Os sertões*, denominada *A Luta*, em que essa orientação reportou-nos à trajetória de Euclides de 1897 a 1902, devemos considerar que, um dos nossos interesses foi perscrutar um novo viés a partir do qual pudéssemos fazer um resgate histórico e memorialístico das vítimas que foram silenciadas pelos vencedores, problematizando, assim, por meio de teorias e estudando o papel em que se configura a função da testemunha ocular, esse processo de silenciamento que vem a se coadunar com questionamentos acerca da Memória referente à identidade nacional.

Assim, é fundamentalmente importante trazer para essa discussão as reflexões do historiador Edgar de Decca, que nos explica a existência de múltiplas identidades na nossa sociedade em decorrência da existência de vários grupos na esfera social que lutam pela preservação de sua Memória. Observamos, assim, que na argumentação dos

²⁸⁵ ANDRADE, Olímpio de Souza (org.). Euclides da Cunha: Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional).

²⁸⁶ CUNHA, Euclides da. **Canudos (Diário de uma expedição)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. 186p. (Coleção Documentos Brasileiros, 16).

²⁸⁷ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In; BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. p. 224.

historiadores, não há a compreensão da atuação de uma identidade única que represente a nação. Portanto, quando fazemos a leitura das diversas abordagens que tratam da Memória²⁸⁸, percebemos que o seu estudo como aporte da História nos estimula a oferecer atenção à Memória histórica, mais especificamente procuramos discutir a Memória dos vencidos do Massacre em Canudos. Logo, é importante considerar os seguintes argumentos de Decca:

Digamos que inúmeros indivíduos e grupos pretendam ver realizados determinados fins que eles julgam imprescindíveis. Toda a realização de uma idéia ou de um objetivo coletivo exige da parte daqueles que visam a alcançar este fim que negociem ou enfrentem na cena social outros grupos que também têm idéias e outros objetivos. Neste sentido, muito provavelmente qualquer idéia ou objetivo que tenhamos isoladamente só se concretizará socialmente se negociado e transformado pelas múltiplas ações decorrentes dos embates entre os grupos sociais. Portanto, podem ocorrer, inclusive, situações em que a idéia de um grupo é tão transformada nos processos de embate e nas negociações sociais que, ao final do processo, o grupo que encaminhou a idéia não se reconheça como o seu próprio autor. Nesse caso, podemos dizer que no decorrer de um processo de instituição de uma memória histórica há apropriação de idéias de um grupo por outro e que ao final o vencedor sequer sabe de que modo ele se identifica e é identificado por intermédio de uma determinada memória coletiva. O exercício de subordinação coletiva à memória histórica não se processa de modo maniqueísta, como se existisse um vencedor capaz de manipular os fios da história e os seus rumos. No processo de instituição da memória histórica há uma interpenetração de memórias de diversos grupos e os vencidos serão aqueles que não se identificam com o núcleo mais abrangente da memória histórica vencedora. Entretanto, há situações históricas limítrofes em que alguns grupos podem sentir-se absolutamente excluídos da memória histórica de uma nação. Veja-se, por exemplo, o caso dos judeus ante o nazismo. A doutrina nazista na Alemanha excluiu a comunidade judaica da memória histórica do povo alemão e propôs o massacre dos judeus como solução final para se evitar que esse povo contaminasse a memória histórica e genético-racial dos alemães. Nesse caso-limite da história, o vencido está completamente excluído da memória histórica do vencedor²⁸⁹.

Diante da questão suscitada por Decca sobre os vencidos da História, podemos constatar que os estudos referentes a testemunhos de eventos limites vêm a calhar com a leitura que fazemos do intelectual Euclides da Cunha, o qual pôde manter vivas por meio de sua escrita a memória e a existência das vítimas do Massacre em Canudos. A

²⁸⁸ Vale destacar a atenção dada ao estudo da Memória nos trabalhos de Maurice Halbwachs (1877-1945); Jacques Le Goff (1924-2014); Pierre Nora e Aleida Assmann, com base nos quais desenvolvemos nossa narrativa.

²⁸⁹ DECCA, Edgar Salvadori de. Cidadão, mostre-me a identidade! **Cad. Cedec**, Campinas, v. 22, n. 58, p. 7-20, dezembro/2002. p. 18.

obra **Os Sertões (1902)** como obra documental vem nos oferecer abertura a questionamentos dessa ordem e nos colocar diante das problemáticas sobre a possível representação de eventos traumáticos através da História e da Literatura, como foi a guerra sem precedentes em Canudos. Nesse sentido, Cunha conseguiu ir além do arquivamento, pois, por meio de sua escrita, mesmo que de forma fragmentada, sensibilizou a esfera acadêmica e pública ao denunciar o crime que foi aquela realidade testemunhada. Segundo Marc Nichanian, para escapar do reino do arquivo é preciso entendermos o que o filósofo franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004) problematizava em relação à questão do testemunho no espaço do arquivo. Nichanian nos mostra que Derrida, então, considerava que o arquivo “tornava possível invalidar o testemunho e as responsabilidades”²⁹⁰ perante a sociedade. Dessa forma, no âmbito dessa dissertação, a consideração de Nichanian é bastante plausível porque nos leva a entender que:

(...) não há representação possível da Catástrofe; a única coisa que o sobrevivente pode fazer perante a Catástrofe, se quiser escapar da lei do arquivo, é inscrever no próprio texto as condições da Catástrofe como acontecimento impossível, em suma, inscrever seu próprio fracasso, inscrever o fracasso da representação. Daí decorre que as condições (de impossibilidade) da Catástrofe são as condições (de impossibilidade) de sua representação²⁹¹.

Podemos observar que, mesmo diante das problemáticas e discussões que envolvem o aspecto representacional de eventos limites, a trajetória intelectual de Euclides da Cunha de 1897 a 1902 vem a contribuir de forma contundente com o estudo e com a apreensão do crime contra seres humanos indefesos que foi Canudos. Nesse sentido, conseguimos nos conscientizar quanto à dívida que temos com aqueles excluídos do processo histórico, a qual precisa ser resgatada e lembrada. Esse processo de relação do presente a um passado recente que se desdobra na expectativa de um futuro melhor se faz importante quando temos como horizonte a efetiva liberdade que se desenha vinculada aos objetivos que caracterizam as diretrizes da **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)**, em âmbito mundial, pelo direito à vida.

²⁹⁰ DERRIDA, Jacques. **Force de loi**. Éditions Galilée: Paris/France, 1994, p. 142) *apud* NICHANIAN, Marc. A morte da testemunha. Para uma poética do “resto” (reliquat). In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime e HARDMAN, Francisco Foot (orgs). **Escritas da VIOLÊNCIA**. Vol. 1. O testemunho. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012. p. 24.

²⁹¹ NICHANIAN, Marc. - op. cit., p. 25-26.

É no discurso da liberdade humana e do direito à vida que essas abordagens se sustentam, procurando, então, garantir, no presente, através de uma Memória histórica, posição política de defesa e ampliação dos direitos sociais inerentes à cultura, às práticas culturais-religiosas e à política. Segundo Nora Rabotnikof, na intenção de uma democracia que garanta esses princípios de forma universal está a investigação referente ao passado como um “corte abrupto entre os tempos”²⁹². Neste aspecto, podemos contabilizar a dívida que temos com as vítimas de eventos traumáticos do passado e, assim, na antecipação de um futuro, amenizar os riscos que se apresentam no presente da recorrência desse tipo de evento que já ocorreu no passado²⁹³. Desse modo, essas preocupações suscitam estudos como o nosso, que investiga na obra **Os Sertões (1902)** a representação do Massacre ocorrido em Canudos por meio da narrativa de Euclides da Cunha.

Quanto ao testemunho traumático de Euclides da Cunha inscrito na poesia Página Vazia, destacamos o fato de que, depois de ter ficado na região de Canudos cerca de três semanas apenas, ele retornou doente e com traços psíquicos de que estava deprimido²⁹⁴. Apesar de ter ficado no sertão baiano por um curto espaço de tempo, ele pôde escrever bastante, em sua **Caderneta de Campo (1897)** e no **Canudos (Diário de uma expedição) (1897)**, sobre o drama comovente que foi aquela realidade para sua mente. Posteriormente, pudemos encontrar passagens do trauma vivido na leitura de sua obra maior, **Os Sertões (1902)**, que revela os horrores de Canudos, assim como temos exposto nesta dissertação. Dessa maneira, o que queremos evidenciar é que, em aspecto de Memória, Euclides da Cunha ajudou-nos ao deixar seu legado, pois, por meio da investigação acerca da sua obra literária maior, conseguimos manter vivo o luto em relação às vítimas, o que é muito importante, segundo Assmann, parafraseando a sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz Ruth Klüger, porque “Se não há túmulo, não cessa o luto”²⁹⁵.

²⁹² RABOTNIKOF, Nora. Mito político y memorias de la política. In: MUDROVICIC, María Inés. **Pasados en conflicto: representación, mito y memoria**. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 122.

²⁹³ RABOTNIKOF, Nora. - op. cit., p. 122.

²⁹⁴ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p. 443.

²⁹⁵ KLÜGER, Ruth. *apud* ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. de Paulo Soethe. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2011. p. 277.

Outro ponto que gostaríamos de chamar atenção é as ruínas que ficaram em Canudos após o término da Guerra de Massacre. Edgar de Decca, ao debater a questão da identidade nacional brasileira, mostra-nos que ruínas como as de Canudos, presentes na forma descritiva na obra **Os Sertões (1902)**²⁹⁶, são fruto de um tempo regressivo, configurando-se como “cenário da cultura colonial portuguesa”²⁹⁷. Essa questão é importante porque ajuda-nos a entender como esses marcos físicos, que confirmam traços e vestígios dos que lutaram até o fim da guerra, compõem a concepção de Euclides da Cunha quanto àquela gente sertaneja. De um lado, por meio das fotos de Flávio de Barros, como a que segue abaixo, conseguimos visualizar as ruínas da Igreja de Bom Jesus que recuperam a questão religiosa sugerida pela historiadora Eliane Moura - “Para estudar os fenômenos religiosos deve-se estar atento aos usos e sentidos dos termos que, em determinada situação histórica, geram crenças, ações, instituições, livros, condutas, ritos, teologias etc.”²⁹⁸; por outro lado, elas revelam como os conselheiristas se utilizaram da Igreja, o que também acaba por evidenciar, além de suas crenças, o uso da Igreja (física) como reduto de resistência contra os militares, mas que, após os bombardeios, ficou destruída, no arraial de Canudos.

²⁹⁶ Vale lembrar que, nos vários estudos acerca da obra **Os Sertões (1902)**, os pesquisadores fazem referência às ruínas considerando-as também no período que antecede a chegada de Euclides da Cunha a Canudos e explorando-as como característica do nordeste no que se refere à seca, à fome e à miséria. Portanto, as ruínas representariam tudo aquilo que prendia aqueles sertanejos ao passado, retrógrado no tempo em relação ao litoral, no qual estava localizado o Rio de Janeiro, a capital do país naquele tempo.

²⁹⁷ DECCA, Edgar Salvadori de. Tal pai, qual filho? Narrativas Histórico-literárias da identidade nacional. **Proj. História**, São Paulo, (24), jun. 2002. p. 96.

²⁹⁸ SILVA, Eliane Moura da. Capítulo 1. O fanatismo religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas. In: SILVA, Eliane Moura da; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). **O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2014. p. 24.



Imagem 4: Fotografia de Flávio de Barros da Igreja do Bom Jesus, presente no livro *Canudos*. “Serviu como principal reduto da resistência conselheirista no final do conflito”. *Imagens da Guerra*. Museu da República. REF: 02.19²⁹⁹

Assim, o que Assmann nos chama atenção é que “enquanto as ruínas e os objetos apontam para algo ausente, a sepultura mantém-se como lugar de descanso do morto, um local de presença numinosa (tal como os locais que guardam em si objetos remanescentes)”³⁰⁰. Porém, em relação a Canudos infelizmente não existem túmulos das vítimas, como salientamos acima, porque, na condição de vítimas de massacre, seus corpos se encontram na mansão dos mortos embaixo do rio Cocorobó em Canudos no nordeste da Bahia, isto é, na região em que ocorreu a guerra.

Portanto, a obra **Os Sertões (1902)** é um documento que expõe e denuncia o crime que foi o massacre em Canudos. Além disso, o autor pôde conferir por meio de outros focos a identidade coletiva daquele povo no início do período republicano. Para o literato Francisco Foot Hardman,

Em *Os Sertões*, o narrador, num dos momentos cruciais do massacre, passa-se por “visitante atônito” ao percorrer “quase todo o arraial”³⁰¹ de Canudos completamente em ruínas, que dava a impressão de “uma entrada em velha necrópole”. A enumeração seguinte, caótica e trágica, da sucessão de cadáveres de mortos em batalha, de objetos

²⁹⁹ MUSEU DA REPÚBLICA (Brasil). *Canudos. Imagens da Guerra*. Rio de Janeiro, 1997. p. 61.

³⁰⁰ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. de Paulo Soethe. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2011. p. 344.

³⁰¹ Segundo o autor, as citações que se encontram entre aspas nesse excerto são passagens que podemos encontrar nas páginas 300 e 548 da obra. Cf. E. da Cunha. **Obra Completa**. Rio de Janeiro. Aguilar, 1966, vol. I.

espalhados nos casebres, de adereços rudimentares e artigos de fé, constitui uma das passagens mais pungentes do livro³⁰².

Nesse sentido, é interessante notar que Euclides da Cunha nos legou sua obra monumental que, além de poder ser lida performaticamente de forma variada – como arte ou denúncia de crime, nos traz ainda através das nossas investigações o valor da Memória conferida às vítimas daquele massacre. Assim, nossa investigação vai ao encontro de estudos do tempo presente em que os crimes contra a humanidade são vasculhados pelo rigor historiográfico e nos quais, ao mesmo tempo, são debatidas questões acerca de passados traumáticos de forma a dar visibilidade aos excluídos da História. Essa visibilidade, na concepção dos Direitos Humanos, deve ser cumprida de modo a se realçar o papel da Memória que refuta ideais que colocam em risco a vida humana.

Por um lado, podemos notar que Euclides da Cunha descreveu em **Os Sertões (1902)** as características inerentes ao homem sertanejo, um forte³⁰³. Por outro, notamos na análise que fizemos logo acima acerca da Memória dos personagens submetidos àquele evento traumático em específico que as descrições de Euclides da Cunha servem-nos como identificação de um povo circunscrito num determinado local do território nacional. Os estudos referentes à obra *Os Sertões* e à testemunha ocular Euclides da Cunha nos possibilitam, então, trazer à luz a trajetória e os questionamentos referentes àquele povo e ao que o constitui no que se refere às suas crenças, seus objetivos e os valores de que comungavam.

Diante do exposto e das perspectivas históricas referentes ao resgate memorialístico de personagens históricos, cabe levarmos em consideração o que salienta Nora Rabotnikof sobre o fato de que, atualmente, vários intelectuais têm trabalhado com o aporte teórico da Memória, diante das várias nuances que a constituem, e que isso tem aproximado filósofos como Paul Ricouer, historiadores como François Dosse e outros intelectuais das ciências humanas. Nesse sentido, consideramos que a nossa investigação à *Os Sertões* em que nos conduz à apreensão acerca da testemunha ocular Euclides da Cunha, que através de seus testemunhos nos permitiu

³⁰² HARDMAN, Francisco Foot. A poética das ruínas n' *Os Sertões*. In: BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). **Discurso, Ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 122.

³⁰³ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: (campanha de Canudos); edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial / Imprensa Oficial do Estado / Arquivo do Estado, 2001. p. 207.

estudar a realidade peculiar dos sertanejos em fins do século XIX no Brasil, é fruto dessa aproximação intelectual, já que tivemos a oportunidade de trazer reflexões de muitos desses teóricos ao nosso enredo. O que é interessante apreender ainda é que esses autores consideram a normativa de como o passado foi vivido por atores sociais e como há transmissão cultural, que em geral inclui recordações, mitos, narrações e símbolos. Além disso, Rabotnikof enfatiza que a Memória é o que permanece do passado e da vivência dos grupos³⁰⁴.

Para finalizar este capítulo, é necessário salientar ainda que, se a História para Decca é “um conhecimento em permanente construção e sujeito a contestações”, “a memória depende da valorização monumental dos vestígios do passado para a sua permanência”³⁰⁵. Dessa forma, a escrita da obra monumental **Os Sertões (1902)** contempla essa assertiva porque, como salientamos, Euclides da Cunha, ao escrever essa obra no período de 1897 a 1902, crava o punhal no processo histórico nacional, preservando, assim, a Memória das vítimas do massacre em Canudos. Desse modo, essa obra nos oferece oportunidades de investigação quanto aos dois Brasis retratados: o do litoral e o do sertão em fins do século XIX. Ademais, cabe a nós historiadores, no diálogo com a literatura de teor testemunhal, estudada por Seligmann-Silva, com a Filosofia, com os estudos sobre Memória, refutar o esquecimento das identidades individuais e coletivas nacionais, vítimas dos horrores de Canudos. Dessa forma, asseguraremos ao campo da historiografia, por meio da apreensão sobre a trajetória de vida dos vencidos feita a partir dos testemunhos do escritor Euclides da Cunha, salvaguardar o retrato desse evento traumático da História do Brasil na contramão do discurso dos vencedores.

³⁰⁴ RABOTNIKOF, Nora. Mito político y memorias de la política. MUDROVIC, María Inés. **Pasados en conflicto: representación, mito y memoria**. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009. p. 108.

³⁰⁵ DECCA, Edgar de. Os intelectuais e a memória do Holocausto. In: LOPES, Marco Antônio (org.). **Grandes nomes da história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 75.

Capítulo 3: A obra literária *Os Sertões* (1902) diante das perspectivas dos Direitos Humanos

A obra literária *Os Sertões* (1902) elaborada por Euclides da Cunha (1866-1909) e tomada por nós como testemunha do autor, conforme vimos salientando ao longo da nossa narrativa, também se configura como importante documento memorialístico na medida em que traz à tona a História do passado ao presente. Isso nos oferece, então, a oportunidade de investigarmos nosso passado traumático à luz das problemáticas propostas pela metodologia historiográfica do presente na qual estamos inseridos e da qual somos alimentados pelo objetivo de representar o passado. Ademais, é para essa metodologia que Hartog nos chama atenção, ao se referir a “Regime de Historicidade”³⁰⁶. Nesse sentido, notamos que emerge certo diálogo de nós como historiadores com outras disciplinas das humanidades com o intuito de investigar nosso objeto de pesquisa, *Os Sertões* (1902). Apesar de Cunha permanecer na condição de objeto de pesquisa perante os questionamentos que percorrem as preocupações no campo da historiografia, a qual busca por vestígios, rastros e indícios, a investigação historiográfica não deixa de compartilhar reflexões junto às problemáticas vinculadas à Literatura, Filosofia, Sociologia³⁰⁷, Antropologia. É no âmbito desse diálogo entre problemáticas de vários campos das humanidades que podemos circunscrever, teoricamente, o Massacre em Canudos, ocorrido na região nordeste do Brasil.

Podemos dizer que os estudos sobre crimes cometidos contra grupos humanos e sobre leis que venham a aprisionar o direito de intervenção histórica, propostos desde 2005 pelo historiador Pierre Nora com a Associação **Liberdade para a História**³⁰⁸,

³⁰⁶ O historiador francês François Hartog nos chama atenção para o fato de que esse conceito nos reporta às problemáticas da História do Tempo Presente. Vale destacar ao leitor que tratamos desse conceito e que se encontra na introdução dessa dissertação. Além disso, conferir o livro: HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo** Trad. de Andréa Souza de Menezes. Belo Horizonte/MG: Editora Autêntica, 2013. p. 365.

³⁰⁷ Vale reiterar, conforme expresso na nota dois deste trabalho que, a este respeito François Hartog assinala, ao pensar no regime presentista, que a Filosofia, a Literatura, a Sociologia ou mesmo outros intelectuais representantes das ciências humanas e sociais, quando buscam retratar e representar o passado, trabalham como se numa solicitação perpétua à História. Ou seja, essas disciplinas devem obedecer a um certo número de regras que são as regras do ofício do historiador e, portanto, devem apresentar provas daquilo que sustentam. Ademais, argumenta ele: “Creio que se pode, a partir destes domínios, compreender melhor quais podem ser, em um dado momento, as apostas, não apenas da história, mas também do momento”. Conferir em: HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Trad. de Andréa Souza de Menezes. Belo Horizonte/MG: Editora Autêntica, 2013. p. 359.

³⁰⁸ NORA, Pierre e CHANDERNAGOR, Françoise. **Liberté pour l’histoire**. Paris/França: CNRS Éditions, 2008.

surgiram em um momento muito propício aos historiadores para fazê-los pensar, no âmbito da nossa temática, as ações de governantes que, em busca de “justiça” e “liberdade”, valem-se das propostas da **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)**³⁰⁹ para inverter à maneira deles garantias que, antes de convergirem aos seres humanos, voltam-se a privilégios daqueles que estão no poder. Dessa maneira, essas ações fecham espaço aos historiadores para que estes não possam representar o passado, ainda mais, os nossos passados traumáticos.

Diante dessa premissa, a questão que se coloca é: está inscrita a vontade de recuperar os vencidos da História no objetivo de resgatar os eventos traumáticos do passado por parte dos legisladores e homens que ocupam o poder? Partindo da perspectiva da qual comungamos, apresentada anteriormente, consideramos que na maioria dos casos há a tendência de um apagamento dos vestígios que constituem a realidade dos fatos. Por quê? Porque é interessante aos políticos que procuram se identificar como guardadores da memória apagar os passados traumáticos em troca da constituição de uma Memória em que os vencidos fiquem evidenciados como culpados por esses traumas. Essa assertiva certamente vai na contramão das pesquisas históricas que buscam por meio da manipulação dos fatos trazer à luz uma possível verdade sobre uma História e Memória cristalizada no espaço público. Por isso, no retrato do monumento histórico com o qual trabalhamos, que vem revestido de uma montagem, é importante levar em consideração os argumentos de Le Goff, os quais ocupam dimensão considerável em nossas investigações historiográficas justamente no que converge à leitura do documento/monumento. Segundo Le Goff “é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos”³¹⁰. Essas considerações influenciam nós historiadores ao uso da transfiguração daquilo que está constituído para podermos, então, refletir acerca das conquistas humanas no campo das humanidades de forma a garantir avanços aos estudos historiográficos aos quais estamos vinculados de forma inseparável no presente.

³⁰⁹ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, de 10 dez 1948. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2015.

³¹⁰ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão *et al.* 2ª ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 1992. p. 538.

É importante salientar, no âmbito de nossa pesquisa, que a obra monumental **Os Sertões (1902)** nos possibilitou por meio da análise atenta das fontes históricas, as quais foram contempladas por Euclides da Cunha na elaboração de *Os Sertões* ler as pistas e os vestígios deixados em seus testemunhos, os quais foram contemplados por Euclides da Cunha na elaboração de *Os Sertões*. Nesse aspecto vale destacar que foi possível investigar como o autor elaborou essa obra, que traz à tona a História traumática de nosso passado recente que foi o Massacre de Canudos. Sobre as pistas e os vestígios, destacamos que a terceira parte da obra, denominada de “A Luta”, traz informações contundentes sobre o período em que Cunha esteve no *front* de batalha e testemunhou o desfecho daquela catástrofe humana pouco antes do dia 05 de outubro de 1897. Conforme Le Goff nos chama atenção do ponto de vista teórico da história “o sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX. O significado de papel justificativo, especialmente no domínio policial, na língua italiana, por exemplo, demonstra a origem e a evolução do termo”³¹¹. Desse modo, o peso que é conferido à obra **Os Sertões (1902)** em nossa pesquisa coloca em evidência as preocupações de um escritor brasileiro que, ao testemunhar aquele evento limite, ficou traumatizado e, depois narrou a violência de Canudos como forma de denunciar um crime. Nesta medida, Euclides tornou o âmbito coletivo coparticipante daquele acontecimento estupefacente contribuindo para que as pessoas das gerações futuras pudessem refletir acerca daquele evento limite. Quis ele deixar registrado aos brasileiros que em hipótese alguma se deve cogitar, na mentalidade do povo, a possibilidade de ocorrer novamente catástrofe como a de Canudos, que maculou a identidade daquele povo do sertão baiano marcado pela miséria, fome e seca. Quanto ao testemunho histórico vinculado ao domínio policial, Le Goff nos chama atenção para o explicativo do historiador Carlo Ginzburg referente ao paradigma indiciário, que consta na introdução da nossa narrativa³¹².

Dessa maneira, o que foi possível perceber é que Euclides da Cunha optou por retratar os vencidos daquele momento histórico. Essa opção do autor fica evidente em todas as passagens que trouxemos ao longo desta dissertação, retiradas das fontes históricas que selecionamos. Sobre essa opção do autor, ainda é importante analisar uma das passagens finais de **Os Sertões (1902)**:

³¹¹ LE GOFF, Jacques. – op. cit., p. 526.

³¹² Conferir o desdobramento teórico sobre este assunto na página 19 dessa dissertação.

O fim - Sabia-se de uma coisa única: os jagunços não poderiam resistir por muitas horas. Alguns soldados se haviam abeirado do último reduto e colhido de um lance a situação dos adversários. Era incrível: numa cava quadrangular, de pouco mais de metro de fundo, ao lado da igreja nova, uns vinte lutadores, esfomeados e rotos, medonhos de ver-se, dispunham-se a um suicídio formidável. Chamou-se aquilo o hospital de sangue dos jagunços. Era um túmulo. De feito, lá estavam, em maior número, os mortos, alguns de muitos dias já, enfileirados ao longo das quatro bordas da escavação e formando o quadrado assombroso dentro do qual uma dúzia de moribundos, vidas concentradas na última contração dos dedos nos gatilhos das espingardas, combatiam contra um exército. / ...Mas eram terríveis lances, obscuros para todo o sempre. Raro tornavam os que os faziam. Aprumavam-se sobre o fosso e sopeava-lhes o arrôjo o horror de um quadro onde a realidade tangível de uma trincheira de mortos, argamassada de sangue e esvurmando pus, vencia todos os exageros da idealização mais ousada. E salteava-os a atonia do assombro...³¹³

É também nessa passagem ao final de sua obra maior que Euclides da Cunha nos deixou importantes pistas, rastros e indícios para que pudéssemos levantar problematizações, no tempo presente, referentes ao nosso passado traumático. Assim como Primo Levi, Cunha se configura como peça fundamental para os estudos referentes a testemunho histórico por nos ter oferecido oportunidades investigativas no âmbito da historiografia em virtude dos testemunhos feitos a partir dos traumas individuais sofridos na guerra e também por nos ter feito coparticipantes daqueles eventos limites testemunhados, tornando-nos, assim, passivos de um trauma identitário nacional. Essa assertiva nos estimula hoje a refletirmos sobre as políticas vigentes em nosso país referentes aos Direitos Humanos, o que vai ao encontro das preocupações do historiador Pierre Nora que, desde seu texto **Entre Memória e História: a problemática dos lugares (NORA, 1984)**, chama-nos atenção para o fato de que a História está ligada ao acontecimento enquanto a Memória está apegada aos lugares³¹⁴.

Diante desta constatação é importante, no âmbito desta dissertação, chamar a atenção quanto às Semanas Euclidianas que ocorrem todos os anos na cidade de São José do Rio Pardo-SP, cidade em que Euclides da Cunha permaneceu durante a escrita de **Os Sertões (1902)**. A professora Rachel Bueno, a nosso ver desenvolveu um belíssimo livro memorialístico sobre sua participação durante as últimas quatro décadas

³¹³ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968. p. 458.

³¹⁴ NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, nº 10, p. 7-28, dezembro de 1993. p. 25.

das Semanas Euclidianas³¹⁵, coloca-nos em contato com a homenagem que os riopardenses e convidados prestam ano após ano ao escritor Euclides da Cunha. Assim, essas Semanas Euclidianas não deixam de cumprir com seu papel de rememoração da obra e vida desse importante escritor. Por isso, esse evento que vem sendo realizado durante mais de 100 anos é considerado pela autora “o maior movimento ininterrupto desse país”³¹⁶.

À luz das problemáticas atuais no que se refere à vida humana, uma das perguntas suscitadas anteriormente - “o que acontece no presente com relação ao passado?”³¹⁷, ao mesmo tempo em que nos leva a refletir acerca dos lugares de memória, como os lugares específicos em São José do Rio Pardo-SP, faz todo sentido para os conceitos de História e Memória, considerados em nossa pesquisa como semióforos do ponto de vista teórico. Além disso, essa pergunta suscita a reflexão sobre as problemáticas levantadas pelos historiadores no presente em relação aos Direitos Humanos e, no caso de nossa pesquisa, sobre essas problemáticas no que se refere ao Massacre em Canudos, que foi denunciado por Euclides da Cunha em **Os Sertões (1902)**. Quanto a isso, cabe nos perguntarmos: quais as reivindicações em defesa da vida no presente nos colocam em posição reflexiva quanto aos nossos passados traumáticos, que acabaram com centenas e milhares de vidas humanas?

Nesse sentido, é importante observarmos o que os intelectuais Paulo Sérgio Pinheiro e Paulo de Mesquita Neto salientam:

A política nacional de direitos humanos do Estado brasileiro, desenvolvida desde o retorno ao governo civil em 1985, e de forma mais definida, desde 1995, pelo governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso, reflete e aprofunda uma concepção de direitos humanos partilhada por organizações de direitos humanos desde a resistência ao regime autoritário nos anos 1970. Pela primeira vez, entretanto, na história republicana, quase meio-século depois da Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948, os direitos humanos passaram a ser assumidos como política oficial do governo, num contexto social e político deste fim de século extremamente adverso para a maioria das não-elites na população brasileira³¹⁸.

³¹⁵ BUENO, Rachel. Aconteceu em agosto: casos e causos das Semanas Euclidianas. São Paulo: Casa do Novo Autor Editora, 2012.

³¹⁶ BUENO. – op. cit., p. 16.

³¹⁷ Essa questão consta na ementa da disciplina HH 172-A– Tópicos em Teoria da História de 2014, ministrada pelo Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca, o qual intitulou o curso “Liberdade para a História” para nortear os debates, os seminários, as leituras e as análises feitas no decorrer das aulas.

Devemos nos perguntar ainda, nesse sentido, quais foram os embates no início do século XXI no Brasil em torno de projetos como a instauração do Programa Nacional dos Direitos Humanos³¹⁹ de 13 de maio de 1996?; em que medida esses embates refletem os nossos passados traumáticos, como o Massacre em Canudos, que foi, segundo Decca, o primeiro massacre do período republicano? Assim, o que queremos enfatizar é que o acontecimento catastrófico de Canudos não pode ser esquecido, mas antes deve ser lembrado a todas as gerações para que eventos dessa natureza não se repitam. Dessa forma o papel de Euclides enquanto testemunha ocular permite considerarmos a importância da Memória e da qual lançamos mão para que junto com a História possamos vasculhar os silêncios e as lacunas, tentando de certa forma nos redirecionar ao exercício ético da democracia. Somente assim é possível oferecer, com efeito, o direito de História e Memória às vítimas de Canudos, que hoje se encontram embaixo do rio Cocorobó sem uma lápide que as historicizem no tempo histórico da humanidade.

Vale lembrar que Euclides da Cunha deixa recuperado em **Os Sertões (1902)** a realidade difícil a que as vítimas do arraial de Canudos estiveram sujeitadas durante o massacre em 1897, seja pelo clima, pela fome e miséria, seja pela ação violenta por parte das tropas militares, que recebiam ordens do governo federal e estadual para exterminar aquele arraial que acreditavam ser de fanáticos e desordeiros em relação à emergente República. Isso se configura como um crime contra a vida dos sertanejos, conforme procurou salientar Euclides da Cunha em **Os Sertões (1902)**.

É interessante perceber que, além de **Os Sertões (1902)**, a poesia **Página Vazia (1897)** nos abre a todas essas problemáticas referentes a crimes contra seres humanos indefesos e, dessa forma, constitui-se também como fonte primordial em nossa dissertação. Vale ressaltar que do ponto de vista de narrativas históricas que evocam a denúncia de crimes cometidos contra a humanidade, assim como Primo Levi, Euclides da Cunha nos deixou vestígios em seus testemunhos para que hoje pudéssemos trabalhar com esses documentos e chamar a atenção da esfera acadêmica e esfera pública para a importante ação desse intelectual enquanto cidadão brasileiro e defensor dos excluídos de visibilidade histórica neste país. Cunha esteve atento aos sertanejos

³¹⁸ PINHEIRO, Paulo Sérgio e NETO, Paulo de Mesquita. Direitos Humanos no Brasil: Perspectivas no final do século. In: Cinquenta Anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. São Paulo, **Pesquisas**, n. 11, 1998. p. 1.

³¹⁹ PINHEIRO, Paulo Sérgio e NETO, Paulo de Mesquita. – op. cit., p. 4.

Segundo o literato Jaime Ginzburg em seu livro “**Crítica em tempos de Violência**” (GINZBURG, 2012), fruto de seu trabalho de livre-docência apresentado no Departamento de Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP), “a escrita do sobrevivente se vincula à memória daqueles que não sobreviveram. Nesse sentido, **escrever é também uma forma de dar túmulo aos mortos, para que não sejam esquecidos**”³²¹ (*apud* SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 55). Além disso, argumenta Ginzburg: “o estudo do testemunho exige uma concepção da linguagem como campo associado ao trauma”³²². Nesse sentido, se por um lado o testemunho de Euclides da Cunha é importante para que possamos recuperar a voz das vítimas de Canudos, por outro, é preciso dar atenção à sua linguagem fragmentada, que já salientamos na escrita da **Poesia Página (1897)**, e à influência desta obra na elaboração de sua obra **Os Sertões (1902)**.

Outra problemática que emerge se refere às preocupações inerentes ao campo da representação, como ocorre ao se investigar, por exemplo, a representação de eventos estarrecedores como o holocausto. Assim, oferecemos ao longo desse enredo atenção aos limites da representação e, quanto a isso, vale perguntarmos: quais instrumentos utilizamos para trabalhar com essa problemática?. Ao longo de nosso enredo, sugerimos o trabalho com a literatura de testemunho, ou literatura de teor testemunhal que “abre essa possibilidade de dentro dos estudos literários”³²³, como assinala o literato Márcio Seligmann-Silva. Conforme pudemos observar, o trauma pode abalar um depoimento do qual se requiere unidade e coerência em relação àquilo que foi testemunhado pelo depoente, para que assim se possa entender através da linguagem deste indivíduo o que supostamente aconteceu em determinado evento.

Desse modo, por meio dos estudos de Seligmann-Silva referentes à literatura de testemunho, conseguimos situar os testemunhos históricos, no caso de nossa pesquisa, os do escritor Euclides da Cunha, na chamada “manifestação do real”³²⁴,

³²¹ GINZBURG, Jaime. Linguagem e Trauma na Escrita do Testemunho. In: GINZBURG, Jaime **Crítica em tempos de Violência**. São Paulo: EDUSP, 2012. p. 54 .

³²² GINZBURG, Jaime. – op. cit., p. 55.

³²³ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 12.

³²⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 50-51.

proposta por esse estudioso. Diante das problemáticas de Seligmann-Silva percebemos que Euclides, em seus testemunhos históricos, com sua delicadeza e estilo transferiu a estes o sentimento de indignação e horror após testemunhar Canudos. É importante observar ainda nas palavras de Seligmann-Silva que:

Se compreendermos o “real” como trauma – como uma “perfuração” na nossa mente e como uma ferida que não se fecha – então fica mais fácil de compreender o porquê do redimensionamento da literatura diante do evento da literatura de testemunho. Não se trata de apenas “psicanalisar” a literatura; pois o testemunho, como vimos, é não apenas *superstes*, ou seja, a voz de um sobrevivente, mas também *testis*, enfrentamento por assim dizer “jurídico” com o real (sem aspas!) e reivindicação da verdade³²⁵.

Assim como acontece nas poesias supracitadas, acreditamos que também acontece na obra **Os Sertões (1902)** de Euclides da Cunha. Além disso, essa obra vem com um agravante que é a presença da denúncia de um crime cometido contra pessoas indefesas. Neste aspecto, ao mesmo tempo em que o autor oferece atenção às vítimas do massacre que foi Canudos, ele trabalha também com a Memória dessas vítimas para que ela atravesse as gerações. Cabe salientar que esse desejo de Cunha foi tão contundente e estratégico que seu livro chegou até nós de modo que, hoje, procuramos enaltecer que a memória coletiva daquelas pessoas massacradas deve ser concebida e posta em debate no início do século XXI de forma constante. Esse debate precisa ocorrer, seja no âmbito da esfera acadêmica ou na esfera do espaço público, porque a essas vítimas devemos oferecer um túmulo. Certamente, esse túmulo trará na ordem do dia cronológico o seu sepultamento, historicizando-as, portanto, no tempo histórico da humanidade no qual estamos inseridos.

Segundo Zilly, o qual parte muito do campo literário para expor suas opiniões, nos retrata ele que, podemos considerar que a obra **Os Sertões (1902)** é um livro de História, principalmente se tomamos a sua terceira parte, A Luta, que é justamente a parte mais narrativa³²⁶. Em outro momento, Zilly nos chama atenção para o fato de que essa terceira parte da obra é a mais importante do livro. Porém, o que nos interessa ainda ressaltar é a consideração do autor de que todo texto historiográfico, quando

³²⁵ SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 387.

³²⁶ ZILLY, Berthold. Palavra e Ruptura - A Guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em Os Sertões, de Euclides da Cunha: da crônica à ficção. In: CHAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). **Literatura e História na América Latina**. Editora da USP, 1993. p. 37.

produzido sob a forma narrativa, traz elementos ficcionais. Dessa maneira podemos observar que, no arcabouço dos debates historiográficos essa assertiva tem sido aceita nos últimos vinte anos por autores como Hayden White, Paul Ricoeur (1913-2005), Roland Barthes (1915-1980), Reinhart Koselleck (1923-2006), entre outros. Diante desta perspectiva, Zilly tem ressaltado que, quando buscamos essas marcas formais, temos visto que a História não tem procurado por uma sequência de fatos em ordem objetiva, mas antes “uma infinidade mais ou menos caótica de fatos, cuja seleção e organização dependem da perspectiva, do conhecimento, do interesse cognitivo, da ideologia e da formação literária do historiador”³²⁷. Acreditamos que essa posição do autor vai ao encontro dos estudos do literato Márcio Seligmann-Silva, ao retratar a presença da ficção nos testemunhos históricos.

Neste aspecto, essa metodologia corresponde àquilo que em linhas gerais seria como uma inversão das arestas metodológicas para dentro da Literatura na busca por representar o passado. Cabe ressaltar que essa atividade não deixa de trabalhar com a Memória e a História naquilo que Rosani Ketzer Umbach nos retrata: “conceber a escrita como uma força conservadora da memória pressupõe a idéia de que ambas, memória e escrita, são inseparáveis”³²⁸. Ou seja, isso nos possibilita revolver a História e rememorar a Memória de eventos traumáticos. Ademais, investigar os testemunhos de massacres e genocídios históricos que trazem à tona passados traumáticos é fundamental para que possamos debater sua importância no presente junto às problemáticas colocadas pelas ciências das humanidades e que convergem à esfera e competência dos princípios que regem a **Declaração do Direito do Homem e do Cidadão de 1789**, a **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)**.

Outro ponto que precisamos deixar claro se refere à ação de coragem que autores como Primo Levi e Euclides da Cunha fizeram ao escrever testemunhos dessa natureza, que perduram até nossos dias. Segundo Regina Abreu, Cunha durante três anos trabalhou arduamente na elaboração da obra **Os Sertões (1902)** de forma concomitante com a supervisão da ponte em São José do Rio Pardo-SP, o que o fez permanecer mais tempo no barracão de zinco próximo à reconstrução da ponte do que com a família. No ano de 1901, a ponte ficou pronta assim como seu livro. Porém,

³²⁷ Idem, p. 38.

³²⁸ UMBACH, Rosani Ketzer. Violência, memórias da repressão e escrita. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot. (orgs.). **Escritas da violência, vol. 1: O testemunho**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 217.

como não tinha proximidade com nenhum escritor consagrado, o único jeito de publicá-lo seria dividindo-o em fascículos para enviá-los a algum jornal. E Euclides da Cunha assim o fez: entregou-o ao empresário Júlio de Mesquita do jornal **O Estado de S. Paulo**, que, no entanto, não deu atenção ao seu pedido. Então, Euclides procurou um escritor da capital federal e garantiu a indicação de um amigo que, por intermédio de Lúcio Mendonça, conseguiu que a Editora Laemmert publicasse seu livro. Porém, Euclides teve que arcar com os custos da edição³²⁹. Com o passar do tempo, mesmo na disputa com grandes escritores da época, Cunha obteve reconhecimento dos respeitadores críticos literários José Veríssimo, Araripe Júnior e Sílvio Romero. Dessa maneira, Euclides da Cunha conquistou consagração no campo literário e recebeu grande estima do crítico literário Sílvio Romero, que argumentava categoricamente que **Os Sertões (1902)** trouxera grande lição ao país ao retratar as populações sertanejas a quem o crítico chamava atenção ao defendê-las como trabalhadores, humanos dignos de luta, persistentes por uma vida digna dentro da nação brasileira³³⁰.

Diante do retrato apresentado acima quanto à elaboração de **Os Sertões** e à trajetória de Euclides da Cunha gostaríamos de nos valer, no âmbito temático da nossa dissertação, dos argumentos do historiador Edgar de Decca no que se refere a como a ferida identitária que o massacre revelado em **Os Sertões (1902)** nos estimula a debruçarmos nos estudos referentes ao nosso passado traumático. Segundo o autor,

(...) Euclides via o homem do sertão com muito mais condições de criar uma civilização nacional do que aquele que vivia no litoral. Por isso mesmo, no final da obra Euclides reconhece que a campanha de Canudos representou um massacre da nacionalidade, e que sua obra pretendia tornar-se um documento contra a barbárie.

E continua o historiador:

Afinal de contas, nenhuma obra teve a capacidade de mostrar a ferida identitária da nacionalidade que o regime republicano procurou esconder. Segundo essa obra magnífica, somente a redenção do sertão poderia servir de remédio para a doença da crise de identidade. Além disso, escancaravam-se as portas de uma República que, além de seu forte proselitismo político, pouco realizou quanto a direitos sociais e cidadania. Assim, desde o princípio, a obra de Euclides estava fadada a se tornar emblemática para a questão da identidade nacional, uma

³²⁹ ABREU, Regina. Arqueologia de um livro-monumento: Os Sertões sob o ponto de vista da memória social. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 233.

³³⁰ Idem, p. 239.

vez que incorporava na história como problema ainda não resolvido o próprio povo brasileiro³³¹.

Com base nesses apontamentos do autor que nos abrem espaço e perspectivas para aprofundarmos ainda mais os estudos sobre crimes cometidos contra grupos humanos, procedemos, nesta dissertação, às investigações que atingem nosso passado traumático. Nesse sentido, procuramos vasculhar nossas feridas identitárias nacionais causadas por eventos catastróficos como o Massacre em Canudos. Neste aspecto, ao tomarmos Os Sertões como objeto de estudo em nossa produção historiográfica observa-se que a Memória que se configura através da recordação e do esquecimento vem a calhar com nossa ânsia em defender a recordação e a lembrança como ato de fazer valer a máxima de Assmann: “Lembrar para não repetir!”³³².

Outro aspecto que procuramos discutir em nossa pesquisa ao considerarmos o papel da História e da Memória se refere às problemáticas levantadas por Pierre Nora com a **Associação Liberdade para a História** quanto à liberdade dos historiadores de, baseados no estudo de fontes, representar passados traumáticos. Nesse sentido, é fundamental os historiadores serem livres das amarras políticas e dos legisladores a elas vinculados, os quais buscam aprisionar a representação do passado por meio de leis. Assim, se as palavras de Primo Levi nos trazem uma forma instigante de vencer as políticas e leis que aprisionam o direito de representação dos passados traumáticos à luz das investigações históricas, nossa defesa, portanto, vai ao encontro da posição de Nora, que discute a questão da liberdade das representações voltando-se aos debates em defesa dos Direitos Humanos a nível internacional.

Diante disto, é importante observar o que nos assinala Levi ao se referir aos vencedores e aos vencidos em seu testemunho sobre os campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Aos prisioneiros, ou seja, aos vencidos era dito cnicamente o seguinte:

Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque

³³¹ DECCA, Edgar Salvadori de. e GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Prefigurações literárias da barbárie nacional em Euclides da Cunha, Machado de Assis e Lima Barreto. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002. pp. 135 e 136.

³³² ASSMANN, Aleida. “Lembrar para não repetir”. **Jornal da Unicamp**, Campinas, p. 6-7, mai., 2013 (entrevista).

destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lager” – campos de concentração³³³.

Conforme podemos notar, este testemunho de Levi que se encontra em obra posterior a **É isto um homem? (1958)** apresenta vestígios e indícios muito pertinentes às problematizações acerca da necessidade de sobreviventes de eventos limites denunciarem crimes cometidos contra a vida humana, e, do qual foram testemunhas oculares. Por outro lado, rastros e vestígios dessa natureza podem ser analisados a partir do conceito de paradigma indiciário proposto pelo historiador Carlo Ginzburg³³⁴. Vale enfatizarmos que esse método é enfatizado por Ginzburg em seus trabalhos historiográficos e também nos norteou ao longo das nossas investigações referentes ao nosso objeto de pesquisa, a obra **Os Sertões (1902)**.

Cabe salientar que esses testemunhos têm nos ajudado a refletir acerca do papel desempenhado pelo **Programa Nacional de Direitos Humanos no Brasil (1996)** e a observar se esse programa, em consonância com a conquista dos Direitos Humanos ao longo da história, tem respondido às seguintes questões: qual a atenção oferecida pela Instituição Federal às entidades, sejam da esfera acadêmica ou da esfera pública, aos estudos referentes ao nosso passado traumático em que se situam os massacres no Brasil, dentre os quais o de Canudos? Em quais embates voltados neste âmbito ao nosso passado recente se circunscreve o massacre dos seguidores de Antônio Conselheiro, representado em **Os Sertões (1902)** por Euclides da Cunha? Por fim, se a obra monumental **Os sertões (1902)** é uma denúncia de crime cometido contra seres humanos, como bem ressaltou Euclides, será que o que afirma Primo Levi no prefácio do livro **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades (1986)** quanto ao campo de concentração de Auschwitz também não pode ser relacionado ao que ocorreu no Massacre em Canudos em que os vencedores tentaram impor sua História e Memória aos vencidos?

Dadas essas questões, supõe-se que o Massacre em Canudos deve ser lembrado porque com as vítimas daquele massacre – um evento limite – temos uma

³³³ LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 9.

³³⁴ GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. Trad. de Frederico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1989. pp. 144-146.

dívida de memória. Assim, além de lhes oferecer um túmulo que as torne visíveis no processo histórico da humanidade, teremos a oportunidade de colocá-las no panteão dos atores que lutaram pelo bem da nação, destacando sua singularidade e/ou especificidade para torná-las, assim, únicas e maiores.

3.1. Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1902) e o Massacre em Canudos

A chegada de Euclides da Cunha à região de Canudos após a sua saída de Belo Monte nos revela que naquele momento ele estava frente ao acontecimento chave da guerra, ou seja, o momento crucial. A documentação selecionada por nós para desenvolver o estudo referente à trajetória do intelectual pelo sertão baiano nos leva a observar o significativo papel de testemunha ocular diante do massacre daquele povo, o qual resistiu até o fim dos ataques à ação das tropas militares. Para o historiador Edgar de Decca, se, por um lado, Euclides buscou em Victor Hugo (1802-1885) argumentos para interpretar a Guerra de Canudos como uma guerra monarquista, comparando-a, portanto, à Guerra da Vendéia na França na qual os monarquistas foram contrários à República Francesa, por outro lado, devemos perceber de que forma Cunha também foi influenciado pela obra do escritor francês Hippolyte Taine (1828-1893). Segundo Decca,

Escritor e pensador contemporâneo de Hugo, Taine foi quem pela primeira vez apresentou um modelo de história total, cuja composição seria dada em três níveis, que ele caracterizou como a raça, o meio e o momento. De uma maneira mais sistemática do que Victor Hugo, Taine propõe este modelo de composição de história total na introdução de sua *Histoire de La littérature anglaise* e em boa medida antecipa em décadas o modelo de composição de história total proposto pela escola de historiadores franceses Annales³³⁵.

Portanto, se, para esse historiador, Euclides da Cunha estava em busca de uma cena original³³⁶ que retratasse a comparação do evento da Guerra de Canudos no Brasil aos acontecimentos da Guerra da Vendéia na França, então, podemos considerar que a chegada do jornalista a Canudos se configurou como uma das experiências centrais para o autor que viria a narrar futuramente o desfecho do que testemunhou no *front* de batalha na obra ***Os Sertões* (1902)**.

³³⁵ DECCA, Edgar Salvadori de. Euclides e Os Sertões entre a Literatura e a História. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 163.

³³⁶ DECCA, Edgar Salvadori de. – op. cit., p. 163.

Por outro lado, o evento limite de Canudos, conforme chamamos a atenção anteriormente, superou todos os limites pela gravidade e pelo banho de sangue a que submeteu suas vítimas, maculando com sangue aquele espaço do sertão baiano. Notamos, desse modo, que as anotações de Euclides da Cunha diante do que testemunhou durante esse período são dignas de muita atenção. Assim, é importante observarmos ainda que as análises que revelam a sua não concordância com o que via ficaram fortemente expressas em sua **Caderneta de Campo (1897)** e em seu **(Canudos) Diário de uma expedição (1897)**, a partir dos quais foram selecionados e organizados alguns escritos para envio por meio de telegrama ao jornal **O Estado de S. Paulo**, que os publicou em reportagens.

Segundo Ventura, “foi uma guerra moderna, longa e sangrenta”³³⁷. A quarta expedição que saiu do Rio de Janeiro obteve total apoio do exército que, com equipamentos de guerra renovados, levou a Canudos “carabinas Mannlicher, metralhadoras Nordenfelt, canhões Krupp e bombas de dinamite”. Foi, portanto, “uma guerra de extermínio, que o escritor-engenheiro denunciou em **Os Sertões**, de 1902, cinco anos após o massacre da vila”³³⁸.

Dada essa situação, a comoção em dimensão nacional era evidente, mas Euclides da Cunha não deixava de enfatizar a oposição e as diferenças dos dois brasis observadas por ele: o sul, representado pelos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, e o norte, representado pelo estado da Bahia. Segundo o jornalista, “um, movido pelas forças do progresso e da civilização – o Brasil dos engenhos, dos militares e dos republicanos – outro, movido pelas forças conservadoras, fadado ao atraso – o Brasil da religiosidade tradicional e dos monarquistas”³³⁹. Porém, com o avanço de sua viagem até Canudos, Cunha vai se atendo a outras preocupações, como a seca, a vida dos homens e das mulheres naquelas regiões desconhecidas. Nessa linha de raciocínio, Leopoldo Bernucci, ao pensar **Os Sertões (1902)**, corrobora a assertiva de que essa obra chama nossa atenção para o drama humano que se deu no ambiente de seca e de que ela, ao final, reserva uma surpresa ao ser transformada “em tragédia através do exame

³³⁷ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 170.

³³⁸ VENTURA, Roberto (1957-2002). – op. cit., p. 170.

³³⁹ ABREU, Regina. Euclides da Cunha, universalista romântico. In: PIETRANI, Anélia Montechiari (org.). **Euclides da Cunha: presente e plural – ensaios**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2011. p. 132.

penetrante que o autor realiza do fenômeno Canudos e do conflito entre forças locais e militares deslocadas das principais capitais do Brasil³⁴⁰. Outro aspecto importante a que o autor se reporta é que Euclides da Cunha em **Os Sertões (1902)** se deu ao desafio de trabalhar com “as loucuras e os crimes das nacionalidades”³⁴¹.

Nesse sentido, acreditamos que as experiências de Euclides da Cunha como testemunha ocular no momento em que antecedeu o cinco de outubro de 1897 são fundamentais, porque o escritor estava diante de uma ferida identitária brasileira. Ou seja, é a identidade brasileira que também deve ser vista e considerada no conjunto das diferenças e dos valores que formam a nação. Portanto, ela deve ser vista em suas especificidades, as quais são regidas também por grupos de memória e pela reivindicação histórica. Dessa forma, a referência de vários intelectuais aos dois Brasis é bastante pertinente para se pensar as particularidades e diferenças que o país guardava naquele momento, sendo fundamental, assim, considerar o conjunto da tessitura que nos compunha enquanto brasileiros diante daquele acontecimento, marcante pelo grau de violência contra os sertanejos.

Para se pensar a questão da identidade nacional, devemos levar em consideração que as forças que conduziram ao embate de grandes proporções em Canudos se voltaram contra o arraial liderado por Antônio Conselheiro em nome do que consideravam ideais republicanos. Dessa forma, os republicanos consideravam Conselheiro e seus seguidores monarquistas e não abriam mão dos direitos da emergente República que tornariam o Brasil, de fato, independente em relação a Portugal de modo a se poder definir a identidade brasileira³⁴². O que também estava em jogo, portanto, para Cunha, era a questão da identidade nacional. É por isso que ele, antes da viagem a Canudos, posicionou-se, como sabemos, republicano convicto. Essa posição do autor se juntava, por sua vez, à de vários apoiadores brasileiros da implantação da República. Neste caso, como já salientamos, o jornalista se inspirava nos acontecimentos da região da Vendéia na França de 1792. Porém, o que Euclides da Cunha encontra no sertão baiano é um sertanejo forte, resistente ao clima e à guerra.

³⁴⁰ BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). **Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 24.

³⁴¹ BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). – op. cit., p. 39.

³⁴² DECCA, Edgar Salvadori de. Tal pai, qual filho? Narrativas Histórico-literárias da identidade nacional. **Proj. História**, São Paulo, (24), jun. 2002. p. 95.

Essas considerações do autor, além de inscritas em seus documentos durante o período em que esteve na Bahia, ofereceram-lhe pilares norteadores para narrar sua obra monumental de modo que aparecem também em **Os Sertões (1902)**.

Nesse ínterim, vale lembrarmos que, para Decca, em seu texto **Tal pai, qual filho? Narrativas histórico-literárias da identidade nacional (DECCA, 2002)**, o termo identidade é de difícil definição “principalmente quando se tem como pretensão traçar seu esboço a partir das narrativas históricas e da literatura”. Segundo Decca, no âmbito das ciências humanas,

(...) a identidade é uma dimensão da consciência e diz respeito ao sistema de valores que compõem a personalidade individual ou coletiva. Isso é bem diferente, por exemplo, da definição psicanalítica, que coloca a identidade na esfera do inconsciente (isto é, os processos de identificação, que são ações subjetivas e não, digamos, atribuições postas ao sujeito externamente)³⁴³.

Continua Decca salientando que as “relações entre a história nacional e o sentimento de identidade coletiva” são consideradas pelas humanidades. Dessa forma, esta última consideração nos é bastante importante para pensarmos, junto à análise das fontes, a construção da narrativa de **Os Sertões (1902)**. É necessário destacar também que as anotações de Euclides da Cunha colhidas *in loco* no Massacre em Canudos colocaram em evidência a nossa identidade nacional diante do que ele buscava por aquelas bandas e diante dos fatos bárbaros que se sucederam contra os sertanejos no sertão baiano.

Ademais, o que queremos ainda assinalar, levando em consideração os debates sobre Memória do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945), é que aquela especificidade que Cunha conheceu na condição de testemunha ocular fez com que a sua identidade pessoal, envolvida, portanto, em uma “memória individual”³⁴⁴, passasse a se abrir às análises e à caracterização de uma identidade coletiva, envolta em uma memória coletiva, a partir da qual ele mantinha os vínculos com a sociedade. Esse processo nos possibilita pensar hoje sobre os acontecimentos nacionais daquela época e nos perguntar quanto à atenção oferecida àquele evento no âmbito das pesquisas historiográficas. Dessa forma, as anotações feitas em **Caderneta de Campo (1897)**, **Canudos (Diário de uma Expedição) (1897)** e em outros documentos como

³⁴³ DECCA, Edgar Salvadori de. – op. cit., p. 88.

³⁴⁴ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990. pp. 53 e 54.

telegramas, reportagens, cartas³⁴⁵ e artigos de jornais que noticiavam os acontecimentos de Canudos convergem na narrativa de **Os Sertões (1902)** e vêm a contribuir no tempo presente para os estudos sobre passados traumáticos e crimes cometidos contra seres humanos.

Ademais, notamos que Euclides da Cunha, por meio da sua participação como correspondente do jornal **O Estado de S. Paulo**, muito contribuiu para refletirmos, conforme sugere Decca, a respeito do lugar das vítimas no âmbito do imaginário da identidade nacional brasileira. Na verdade, essa reflexão foi possível por meio da investigação acerca da obra **Os Sertões (1902)**, na qual vimos a possibilidade instigadora de Euclides em conferir às vítimas daquele massacre, as quais guardam singularidades históricas, visibilidade diante das suas características de excluídas e anônimas em nosso processo histórico da humanidade. Cabe salientar que, sem dúvida, essa problemática vem amparada pelo acontecimento trágico do Massacre em Canudos que chegou até nós como passado traumático na configuração imaginária ou “Imaginação Social”, conforme sugere Bronislaw Baczko quanto a um povo e a sua história. Cabe ainda considerarmos o que diz Sandra Jatahy Pesavento quanto a isso. Segundo a autora,

(...) a identidade é um processo ao mesmo tempo pessoal e coletivo, onde cada indivíduo se define com relação a um nós, que, por sua vez, se diferencia dos outros. Enquanto representação, a identidade pode ser dada e atribuída mediante um processo de ilusão de espírito e intencionalidade deliberada, mas também implica um procedimento de opção e escolha, correspondendo a uma necessidade de reconhecimento e identificação presentes no inconsciente coletivo³⁴⁶.

Essa assertiva de Pesavento, que pode ser vinculada às questões inerentes à Memória no que se refere, no nosso caso, à apreensão da obra **Os Sertões** e dos rastros do intelectual Euclides da Cunha, conduz-nos à análise de um campo maior de compreensão que recai sobre o âmbito coletivo do qual o escritor fez parte.

Quanto à chegada de Euclides da Cunha a Canudos, podemos observar que, na **Caderneta de Campo (1897)**, o jornalista anotou em 16 de setembro de 1897:

³⁴⁵ A literata Walnice Nogueira Galvão reuniu em livro para a Coleção Retratos do Brasil material de grande importância referente ao testemunho do escritor Euclides da Cunha (1866-1909), como reportagens, telegramas, cartas e artigos como *A Nossa Vendéia*. Conferir em: GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). **Euclides da Cunha: Diário de uma Expedição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

³⁴⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1998. p. 18.

“Chegamos a Favela à 1 hora da tarde e a Canudos (depois de breve demora) às 2. Jantei com o general Artur Oscar. Tiroteio constante”³⁴⁷. Assim, a partir de agora podemos passar à análise de suas anotações a partir da ótica, de certa maneira, de detetive dos registros que se referem aos horrores a que foram submetidas as vítimas diretas do sertão baiano³⁴⁸. Para Ventura, ao chegar a Canudos, Cunha presenciou vários bombardeios contra os conselheirista e ficou chocado ao ver a cidade cercada pelas tropas militares e tomada por ruínas, fome³⁴⁹ e cadáveres por todos os lados. Outros vestígios deixados pelo autor que comprovam as atrocidades podem ser notados no trecho seguinte:

Canudos – 24 de setembro – Chegam mais duas prisioneiras, mãe e filha; a primeira esquelética e esqualida – repugnante, a segunda, mais forte e de feições atraentes. Evitam igualmente tanto quanto possível responder ao interrogatório do general... A velha nada sabe, evita todas as respostas e nada pôde dizer sobre o numero de inimigos porque só sabe contar até quarenta! Morreu-lhe o marido há meia hora; era um bahiano truculento; expirou atravessado pelas balas, cinco minutos depois de haver morto com um tiro de bacamarte ao alferes do 24°. Pedro Simões Pontes e murmurou com um sorriso sinistro ao expirar: - Estou contente! Ao menos matei um! Viva o Bom Jesus!³⁵⁰

Canudos – 26 de setembro – O espetáculo de Canudos, presa das chammas que lavram em diferentes pontos, é extraordinário; a fumarada – enovelada e pardacenta – alevanta-se e desenrola-se e

³⁴⁷ CUNHA, Euclides. Caderneta de Campo (Texto e croquis). In: CUNHA, Euclides. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional). p. 138.

³⁴⁸ O jornalista Olímpio de Souza Andrade em seus comentários que constam no final da **Caderneta de Campo (1897)** nos alerta que existem dúvidas quanto ao dia exato da chegada de Euclides a Canudos e também referente ao extravio de correspondências enviadas ao jornal **O Estado de S. Paulo** para publicação. Embora existam as dúvidas, Andrade acredita que “as anotações de entre os dias 15 e 17 não deixam dúvidas de que Euclides, partindo de Monte Santo no dia 13, chegou mesmo a Canudos no dia 17, quando menos, 16”. Conferir outros comentários referentes às correspondências extraviadas e publicadas pelo jornal **O Estado de S. Paulo** em datas bem anteriores às designadas nas correspondências pelo autor em: ANDRADE, Olímpio de Souza. Comentários – Olímpio de Souza Andrade. In: CUNHA, Euclides. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional). pp. 333-336. Roberto Ventura também comenta sobre essa questão do extravio de correspondência ao discorrer que a correspondência publicada pelo jornal **O Estado de S. Paulo** em 11 de outubro de 1897 corresponde à correspondência escrita por Euclides em 16 de setembro de 1897 quando ele chegara a Canudos. Conferir esses comentários em VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 279.

³⁴⁹ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 172.

³⁵⁰ CUNHA, Euclides da. **Canudos (Diário de uma expedição)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. 186p. (**Coleção Documentos Brasileiros, 16**). pp. 92 e 93.

espalha-se por sobre os telhados, encobrendo a maior parte das casas e mal deixando perceber as bandeirolas vermelhas – pontos determinantes da linha do cerco – alevantados agóra em torno do ultimo baluarte dos rebeldes³⁵¹.

...Ainda não consegui lobrigar a mais breve sombra de desanimo em seus rostos, onde se desenham privações de toda a sorte, a miséria mais funda; não tremem, não se acobardam e não negam as crenças mantidas pelo evangelizador fatal e sinistro que os arrastou a uma desgraça incalculavel³⁵².

Podemos salientar que, a partir dessas primeiras constatações de Euclides da Cunha no ambiente de guerra, fica evidente que ele estava diante de uma visão trágica da nacionalidade brasileira. Conforme Decca, se Cunha procurava observar a Guerra de Canudos a partir da proposta de Hippolyte Taine³⁵³, baseada na História Total³⁵⁴ e expressa através da raça, do meio e do momento³⁵⁵, a sua chegada ao local da guerra seria o momento em que encontraria uma cena original que se teceria e se explicaria como tragédia nacional.

Euclides da Cunha permaneceu de 16 de setembro a 3 de outubro de 1897 dentro do que ele denominou arraial maldito. Essa assertiva pode ser confirmada por meio da carta que ele enviou a Porchat em 20 de agosto de 1897³⁵⁶. Segundo Ventura, Cunha se retirou daquele ambiente devido “aos acessos de febre, provocados pelas condições da guerra, com pilhas de mortos e feridos, falta de comida e noites de sono

³⁵¹ CUNHA, Euclides da. – op. cit., p. 94.

³⁵² CUNHA, Euclides da. – op. cit., p. 95.

³⁵³ É importante deixar claro que, conforme nos chama atenção o historiador Edgar De Decca, não é possível sabermos qual leitura que Euclides teria feito primeiro: se a de Victor Hugo e as problemáticas envolvendo a Revolta da Vendéia ou a de Hippolyte Taine sobre as questões referentes à “História Total”, conceito proposto pelo autor. Apesar disso, devemos considerar que Hippolyte Taine foi um escritor posterior a Victor Hugo.

³⁵⁴ Vale lembrar que entendemos por História Total o estudo acerca das apreensões da vida do indivíduo junto ao espaço coletivo, no qual as pessoas compartilham sentimentos e alegrias, comungam eventos como festas, danças e fenômenos religiosos, ou seja, características concernentes às práticas culturais. Podemos notar, assim, que a terceira Geração dos Annales, iniciada em 1970, baseia-se em todo significado que o conceito de História Total carrega.

³⁵⁵ DECCA, Edgar Salvadori de. Euclides e Os Sertões entre a Literatura e a História. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 163.

³⁵⁶ GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). **Euclides da Cunha: Diário de uma Expedição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 283.

interrompidas por tiroteios”³⁵⁷. O que podemos perceber é que Cunha descreveu em suas anotações detalhes que se voltam em sua grande maioria à condição humana dos sertanejos. Isso é muito importante uma vez que o jornalista estava imbuído da incumbência de cobrir os acontecimentos da guerra e registrar todas as situações a que estavam submetidos tanto os militares quanto os conselheiristas, além de outros componentes do quadro horrendo ocorrido no arraial. Nesse sentido, percebemos na leitura das fontes certa tendência de empatia por parte de Euclides da Cunha em relação às vítimas daquele massacre. É a partir da demonstração dessa empatia que podemos constatar que o jornalista passou a ficar decepcionado com as ações da política republicana às quais ele devotara tanta esperança. Ainda quanto à condição humana encontrada em Canudos, cabe observar mais algumas anotações do autor que seguem:

Canudos – 27 de Setembro– Com a temperatura maxima de 33° á sombra destes dias, deve ser crudelissimo o martyrio dessa gente indomavel e custa a comprehender a energia soberana que os alevanta por tal modo acima das imposições mais rudes da materia. E lutam por um liquido altamente suspeito e envenenado quasi – por uma agua contaminada pelos detricitos organicos de cadaveres que jazeram largo tempo sobre o leito do rio; uma água pesada e salobra que não extingue a sêde e em cujo sabor repugnante se presente a acção toxica das ptomainas e phosphatos dos organismos decompostos³⁵⁸.

...Ha dois dias que lavra em seu seio o incendio – em fogo lento, lembrando a actividade latente dos fornos catalães, fogo sem chammass, progredindo através dos obstaculos derivados da argilla, que é o material predominante das casas, mas lavrando sempre – surdamente – desapiedadamente, lançando sobre o arraial maldicto a fumarada intensa como uma mortalha enorme³⁵⁹.

...9 horas da noite – Com relativa commodidade escrevo na mesa da pharmacia annexa ao hospital militar. Em frente alevantam-se barracões replectos de feridos e doentes e cheios de lamentos mal abafados, de dores cruciantes. Sobre a cobertura de couro do casebre em que me acolho passam, sibilando, as balas³⁶⁰.

Também é importante destacar que, segundo Ventura, os materiais, isto é, as correspondências enviadas pelo telégrafo passavam por censura militar enquanto as

³⁵⁷ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 174.

³⁵⁸ CUNHA, Euclides da. **Canudos (Diário de uma expedição)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. 186p. (Coleção Documentos Brasileiros, 16). pp. 100 e 101.

³⁵⁹ CUNHA, Euclides da. – op. cit., pp. 101 e 102.

³⁶⁰ CUNHA, Euclides da. – op. cit., p. 102.

enviadas pelo correio estavam isentas dessa função³⁶¹. Portanto, acreditamos que os extravios de correspondências enviadas por Euclides da Cunha por meio de telegramas e reportagens certamente ocorreram em decorrência da censura por parte dos militares. A partir dessas constatações, podemos observar que as pessoas inseridas naquele contexto de Canudos no Brasil viviam um estado regido pelo autoritarismo, ou seja, a liberdade coletiva daquele povo estava subjugada aos detentores do poder. Ademais, quanto aos horrores e às atrocidades presenciadas por Cunha talvez faça sentido aquilo para o qual Roney Cytrynowicz nos chama atenção quando diz que:

Como pode, então, o sobrevivente retomar a vida no mundo, ressignificá-la, retomar os vínculos e os laços que alicerçam uma vida cotidiana em um mundo que se tornou, repentina e inexplicavelmente, do ponto de vista objetivo, uma máquina genocida e, do ponto de vista subjetivo, inteiramente estranhado e incompreensível? Do ponto de vista da memória e da identidade pessoal, conforme Elie Wiesel, Auschwitz de fato “constituirá para sempre o mais desnorteante dos mistérios”³⁶².

Assim, o que começa a ficar claro para nós é que Euclides da Cunha, na condição de testemunha ocular, esteve frente a um massacre, e, diante a possibilidade de conseguir decifrar o que se sucedia a cada ação de horror contra as vítimas. Este evento devia tê-lo desorientado. Nota-se, portanto, que o grau de violência não se justifica diante os que lutaram por sua liberdade, uma liberdade em relação à vida, pura e simplesmente.

De um lado, as anotações de Euclides da Cunha em sua **Caderneta de Campo (1897)** e em seu **Canudos (Diário de uma expedição) (1897)** nos levam a acreditar que sua empatia em relação às vítimas o fazia cada vez mais indignado com aqueles acontecimentos. Por outro lado, devemos levar em consideração que Cunha se encontrava limitado, uma vez que sua incumbência se vinculava aos ideais dos empresários que apoiavam a República, assim como às ações que se sucediam naquele ambiente hostil de Canudos. Porém, aquele evento limite não impediu que o escritor, futuramente, denunciasse em sua obra maior, **Os Sertões (1902)**, o crime que foi

³⁶¹ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 174.

³⁶² CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do Holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. pp. 130 e 131.

Canudos³⁶³. A partir dessa obra, as investigações quanto ao massacre daquela gente indefesa por parte dos historiadores da atualidade entram pela via da História a contrapelo em relação à oficial, como nos tem inspirado Walter Benjamin. Notamos que foi por meio do discurso dos vencedores que houve o silenciamento da voz das vítimas para que se cristalizasse, então, uma Memória oficial ao modelo dos detentores do poder que objetivavam “civilização” ao país. Os indícios, as pistas e os rastros deixados por Euclides da Cunha nos levam, no caminho da crítica literária, a constatar que o escritor optou, na terceira parte do seu livro monumental, por dar visibilidade aos excluídos e marginalizados da História que, nesse contexto, são as vítimas do Massacre em Canudos.

Vale observarmos ainda o seguinte trecho do diário de Cunha:

Canudos 1.º de Outubro – A artilharia fez estragos incalculáveis nas pequenas casas, replectas todas. Penetrando pelos tectos e pelas paredes as granadas explodiam nos quartos minusculos despedaçando homens, mulheres e crianças sobre os quaes descia, ás vezes, o pesado tecto de argilla, pesadamente, como a lagen de um tumulo, completando o estrago. Parece, porém, que os mal feridos mesmo soffriavam os brados da agonia e os proprios timdos evitavam a fuga, tal o silencio, tal a quietude soberana e extranha, que pairavam sobre as ruinas fumegantes, quando ás 6 e 48 minutos, cessou o bombardeio³⁶⁴.

Tinham sido arremessadas tres bombas de dynamite sobre os jagunços. Senti o solo estremecer numa vibração rápida e forte de terremoto³⁶⁵.

Sem espaço mais dentro das amplas barracas, os feridos accumulavam-se, fóra, no chão ensanguentado, sob o caustico abrazado de um sol inclemente e fulgurante, atordoados pelos zumbidos agourentos e incommodos das moscas, fervilhando em numero incalculavel³⁶⁶.

Diante desses escritos de Euclides da Cunha, podemos refletir que qualquer indivíduo no papel de testemunha ocular ficaria extremamente sensibilizado com a violência contra os conselheiristas, agravada, ainda mais, pela realidade da região marcada pela seca, fome e miséria. Nesse sentido, o desconforto de Euclides diante

³⁶³ CUNHA, Euclides da. Nota Preliminar. In: CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 27ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1968. A nota preliminar se encontra nas primeiras páginas de **Os Sertões** em sua 27ª edição.

³⁶⁴ CUNHA, Euclides da. **Canudos (Diário de uma expedição)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. 186p. (**Coleção Documentos Brasileiros, 16**). pp. 111 e 112.

³⁶⁵ CUNHA, Euclides da. – op. cit., p. 117.

³⁶⁶ CUNHA, Euclides da. – op. cit., p. 119.

aquele evento traumático nos ajudam a compreender o comportamento do escritor, que se retira daquele ambiente hostil doente e inconformado com o que testemunhara.

Apesar de Cunha ter permanecido cerca de três semanas no ambiente de guerra, conforme ressalta Ventura³⁶⁷, podemos notar que essa experiência foi o suficiente para desenvolver nele um processo de trauma. Isto fica ainda mais evidente porque como podemos nos inteirar, o jornalista, influenciado pela crença nos ideais universalistas europeus e com fortes dosagens de romantismo, esperava que a República no Brasil trouxesse ideários daquilo que a Revolução Francesa apregoava, como, por exemplo, tornar os indivíduos constituídos de igualdade, democracia, humanidade, tolerância, cidadania, liberdade etc. São estas as características que podemos constatar, conforme sugere Regina Abreu, na Declaração de Direitos do Homem³⁶⁸ e do Cidadão de 1789. Assim, tendo consciência e desejo por esses propósitos, Cunha, além de ter ficado traumatizado com a guerra, ficou altamente frustrado com aquela realidade que fugiu de sua capacidade de entender o que estava acontecendo.

Portanto, o Massacre em Canudos transformara Euclides. Neste aspecto, a sua poesia **Página Vazia (1897)** indica-nos que Euclides encontrara-se traumatizado. Isto fica ainda mais evidente ao analisarmos essa poesia verso a verso, pois eles carregam um sentido que converge com a vivência do escritor na condição de testemunha ocular em Canudos. Diante dessa constatação, é preciso levar em conta as considerações dos historiadores Edgar de Decca e Maria Lucia Gnerre de que a poesia **Página Vazia (1897)** serve-nos “como elemento fundador da narrativa para a elaboração posterior da narrativa de **Os Sertões**”³⁶⁹, em 1902. Nas seções que seguem ainda buscamos trabalhar mais essa questão do trauma e analisar a obra **Os Sertões** com ênfase na terceira parte da obra, intitulada “A Luta”. Por ora, cabe revermos a poesia **Página Vazia (1897)** na íntegra.

Página Vazia

Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente,

³⁶⁷ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 455.

³⁶⁸ ABREU, Regina. Euclides da Cunha, universalista romântico. In: PIETRANI, Anélia Montechiari (org.). **Euclides da Cunha: presente e plural – ensaios**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2011. pp. 209 e 210.

³⁶⁹ DECCA, Edgar Salvadori de. e GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Trauma e história na composição de Os sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 46.

Muitas cenas do drama comovente
Da guerra despiedada e aterradora,

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe ou canto ou ditirambo ardente,
Que possa figurar dignamente
Em vosso álbum gentil, minha Senhora

E quando, com fidalga gentileza,
Cedestes-me esta página, a nobreza
De nossa alma iludiu-vos, não previstes
Que quem mais tarde esta folha lesse
Perguntaria: “Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e triste”?!
Bahia – 14 de outubro de 97³⁷⁰

3.2. Leitura de *Os Sertões* (1902) como denúncia de um crime contra seres humanos

É notório que o nível das atrocidades ocorridas em Canudos durante a quarta expedição tenha colocado Euclides da Cunha frente ao primeiro massacre republicano do Brasil. O banho de sangue a que as vítimas estiveram submetidas naquele evento limite nos estimula a pensar que se abriu uma ferida identitária nacional que maculou a imagem do Brasil para dentro e fora de suas fronteiras, pois as forças militares não só exterminaram a cultura daquele povo como também lhe tiraram o que devemos conceber como inviolável: a vida.

Como dissemos anteriormente, a narrativa que Euclides da Cunha nos oferece em *Os Sertões* (1902) está fortemente vinculada com a escrita da poesia *Página Vazia* (1897), porque o escritor tanto deixa explícito o trauma diante do que testemunhou na condição de testemunha ocular daquele massacre nas semanas em que esteve em Canudos quanto evidencia o resgate da Memória das vítimas, as quais tiveram suas vozes silenciadas pelas ações violentas dos perpetradores. Isso ocorre de forma mais evidente na terceira parte de sua obra maior, intitulada “A Luta”, na qual o escritor traça o seu objetivo em enfatizar que aquele evento foi um crime³⁷¹ e, endossando nossa

³⁷⁰ BERNUCCI, Leopoldo M. e HARDMAN, Francisco Foot. Dispersos. In: BERNUCCI, Leopoldo M. e HARDMAN, Francisco Foot. **Euclides da Cunha: Poesia Reunida**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 276.

³⁷¹ Cabe ressaltarmos que Euclides salientou que os ataques das tropas militares contra os sertanejos de Canudos foi um crime. Essa assertiva se encontra exposta na Nota Preliminar do autor na sua 27ª edição de *Os Sertões* (1902). Conferir em: CUNHA, Euclides da. Nota Preliminar. In: CUNHA, Euclides da. **Os**

argumentação, ele salienta que foi um crime contra a nacionalidade brasileira e, portanto, um crime contra seres humanos.

Apesar de os mecanismos de modernidade estarem em voga no Brasil a partir de 1870, os intensos horrores cometidos contra a vida humana no Massacre em Canudos em 1897 não se justificam sob a ótica de que comungamos hoje em defesa dos Direitos Humanos. Baseamos-nos nessa perspectiva do presente para estabelecermos relações de compreensão quanto aos estudos de eventos traumáticos do passado. Por quê? Porque, apesar de a partir de meados do século XIX a defesa dos países europeus ter se centrado no propósito da civilização e evolução humana das sociedades periféricas, no caso do Brasil, essa ideologia foi sucumbida por atos violentos que descaracterizaram qualquer tipo de civilidade ou desenvolvimento humano no início da nossa República. Dessa maneira, à luz dos argumentos do historiador Edgar de Decca podemos situar no âmbito do contexto internacional da época os horrores de Canudos no sertão brasileiro:

Em países como o Brasil, a modernização ocorrida a partir do final do século XIX, também vem cindir este novo homem em seu ingresso no mundo urbano e industrial. Interessante observar que aos olhos dos poderes públicos e privados existentes no Brasil, o ingresso na modernidade passava pela constituição de um novo homem. Ele seria, no caso em questão, o imigrante europeu, sujeito capaz de se contrapor à face irracional do homem negro formado pela escravidão. A crítica à escravidão por parte daqueles que defendiam a formação do mercado de trabalho livre no Brasil partia do pressuposto que o sistema escravista teria sido incapaz de moldar um ser racional para a atividade produtiva do trabalho moderno e que, por isso mesmo, o homem negro deveria ser deixado de lado e substituído pelo imigrante europeu, este sim moldado para o ingresso na esfera pública da modernidade. Além disso, **as teorias raciais do período contribuíram muito para estigmatizar os povos coloniais como irracionais para o ingresso na modernidade, possibilitando uma ampla gama de políticas de extermínio e de genocídio de populações**³⁷².

Porém, é preciso deixar claro que, naquele momento no qual os brasileiros da República assim como Euclides da Cunha estavam seduzidos pelos princípios que vinham de fora das fronteiras nacionais, em aspecto de construção da identidade nacional do Brasil enquanto país independente e isento da projeção utópica portuguesa,

Sertões. 27ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1968. A nota preliminar está nas primeiras páginas de **Os Sertões** em sua 27ª edição.

³⁷² DECCA, Edgar Salvadori de. A crise da razão na modernidade. In: DUARTE, André; LOPREATO, Christina; MAGALHÃES, Marion Brepohl (orgs.). **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. p. 290.

o objetivo principal era se libertar da dominação monárquica do país europeu³⁷³, ou seja, de Portugal. Assim, na procura do homem que definisse o novo indivíduo brasileiro em sua especificidade política, econômica, cultural, Cunha encontra o sertanejo do sertão baiano para essa definição, mais especificamente os habitantes de Canudos. Esses sujeitos, marcados pelas suas condições de vida - pobreza, seca, fome, miséria - e na ânsia por uma vida digna, não são compreendidos pelas forças políticas dominantes e, assim, são massacrados de forma brutal.

Euclides da Cunha compreende que a Revolta de Canudos foi, então, um movimento dos excluídos, os quais estavam à mercê de um processo de modernização que ocorria no Rio de Janeiro, a então capital do país. Segundo Valente, esses argumentos sobre a modernização se juntam à realidade de concentração das grandes propriedades de terras nas mãos de pequena parcela da aristocracia brasileira, regida por uma elite conservadora e que não abria mão de seus privilégios políticos e econômicos³⁷⁴.

Quanto às condições físicas de Euclides da Cunha durante a guerra, o jornalista Benício Medeiros assinala que ele não assistiu à:

(...) queda da Tróia de barro a 5 de outubro - por sentir-se febril e adoentado. Como os militares que participaram da campanha, **ele também padeceu com as péssimas condições ambientes, do clima hostil à escassez de água e comida**, sem contar o intenso tiroteio, o cheiro dos cadáveres putrefatos e os ardis dos jagunços que ameaçavam a vida da tropa de noite e de dia³⁷⁵.

Portanto, escrever o livro que retratasse o Massacre em Canudos foi um grande desafio a Euclides da Cunha, pois ele não esperava testemunhar tamanha violência contra tantas vidas humanas. Em sua anotação em 1º de outubro de 1897, após descrever uma cena de horror, Cunha escreve: “Felizes os que não presenciaram nunca um cenário igual...”³⁷⁶. Por conseguinte, as cenas dramáticas daquele evento iriam influenciar a

³⁷³ DECCA, Edgar Salvadori de. Tal pai, qual filho? Narrativas Histórico-literárias da identidade nacional. **Proj. História**, São Paulo, (24), jun. 2002. p. 90.

³⁷⁴ VALENTE, Luiz Fernando. Os Sertões: entre a memória e a história. In: BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). **Discurso, Ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008. p. 161.

³⁷⁵ MEDEIROS, Benício. Tijolos para catedral. In: CUNHA, Euclides. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional). p. 7.

³⁷⁶ CUNHA, Euclides da. **Canudos (Diário de uma expedição)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. 186p. (Coleção Documentos Brasileiros, 16). p. 120.

escrita de **Os Sertões (1902)**, a qual carrega um sentido muito forte, evidenciando, assim, o crime contra aquela gente pobre e sofredora.

Segundo Ventura, Euclides da Cunha deixou a região de Canudos no dia 03 de outubro de 1897, ou seja, dois dias antes do fim da guerra³⁷⁷. Em 14 de outubro de 1897, escreveu a poesia **Página Vazia** em Salvador e a entregou à feminista Francisca Pragner Froés e, no dia 16 de outubro, viajou no navio Vapor Brasil de Salvador para o Rio de Janeiro. Em 21 de outubro chegou a São Paulo³⁷⁸. Segundo Decca, Cunha, de volta do campo de batalha, foi à cidade de São José do Rio Pardo-SP onde escreveu a obra **Os Sertões (1902)**, considerada “a sua travessia pelo sertão da literatura nacional” e “sua grande obra sobre um dos maiores crimes cometidos em nome da nacionalidade” brasileira³⁷⁹.

É importante nos referirmos ainda, no embalo dessa discussão, aos estudos do literato Marcio Seligmann-Silva, que nos chama atenção para a questão dos testemunhos históricos. Segundo o autor, “Nos estudos de testemunho deve-se buscar caracterizar o teor testemunhal que marca toda obra literária, mas que aprendemos a detectar a partir da concentração desse teor na literatura e escritura do século XX”³⁸⁰. Assim, se por um lado conseguimos visualizar Euclides da Cunha nessa abordagem, por outro, é preciso estarmos atentos à leitura que fazemos de testemunhos históricos que se evidenciam especialmente, no âmbito da nossa narrativa, nos testemunhos de pessoas que viveram em campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Ao se referir ao século XX, Seligmann-Silva nos chama atenção para a figura emblemática do italiano Primo Levi quando se trata de debater o assunto sobre testemunhos históricos. Levi é uma das figuras centrais que nos legou esse tipo de testemunho acerca dos horrores do campo de concentração de Auschwitz. Nesse

³⁷⁷ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 174.

³⁷⁸ VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de Os Sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002. p. 37.

³⁷⁹ DECCA, Edgar Salvadori de. Literatura em ruínas ou as ruínas na literatura? In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001. p. 168.

³⁸⁰ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Proj. História**, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005. p. 85.

sentido, por meio do conceito de “testemunha ocular” apresentado-nos por Mudrovcic podemos entender que Levi nos oferece elementos para que possamos avançar com os estudos referentes ao retrato de passados traumáticos. Além disso, os testemunhos dele contribuíram de certa forma com outras possibilidades reflexivas, as quais vão ao encontro de teorias das humanidades que contemplam este assunto no aprofundamento das investigações acerca dos traumas do nosso passado recente.

Sobre a narração dos eventos limites, Ventura nos questiona: “Como narrar fatos tão violentos que ultrapassam a capacidade humana de imaginar e representar? De que forma exprimir acontecimentos cujo caráter desumano supera os limites da linguagem humana?”³⁸¹. Segundo Seligmann-Silva, a testemunha ocular, ao mesmo tempo em que sente o desejo ardente de contar o que testemunhou, não consegue expor de forma coerente os acontecimentos. Conforme pudemos estudar, isso ocorre devido aos efeitos do trauma daquela catástrofe testemunhada na mente do sobrevivente ou testemunha ocular. Podemos notar que isso aconteceu com Primo Levi, o qual tentou por meio de sua escrita fazer as pessoas da sociedade coparticipantes daquele sentimento que perturbava sua mente e sua linguagem. Foi possível constatar ainda que a sua maneira de se comunicar com o mundo se encontrava abalada e, portanto, o seu testemunho quando passado ao plano da escrita veio carregado de uma escrita complexa, fragmentada e exposta, então, com muitas lacunas³⁸². Levando isso em consideração, podemos situar Euclides da Cunha nessa abordagem circunscrita às narrativas de testemunhos históricos e perceber que a obra **Os Sertões (1902)** também vem carregada com parte dessas características assim como a obra de Primo Levi intitulada **É isto um homem? (LEVI, 1958)**. E, o importante é visualizar que tanto Levi quanto Euclides através de suas obras denunciaram crimes cometidos contra seres humanos dos quais foram testemunhas oculares.

Logo, é preciso deixar claro que os estudos referentes aos testemunhos históricos sobre os quais os historiadores e demais intelectuais do presente optam por se debruçar estão vinculados às preocupações acerca das investigações sobre passados traumáticos ou passados em conflito para os quais a filósofa Maria Inés Mudrovcic tem nos chamado atenção por meio de sua obra **Pasados en conflicto: Representación,**

³⁸¹ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In. FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 439.

³⁸² LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. de Luigi Del Re. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. pp. 7 e 8.

mito y memoria (MUDROVICIC, 2009). Ainda cabe salientar que os estudos referentes aos testemunhos de campos de concentração nazistas como Auschwitz nos colocam frente as discussões propostas pelo literato estadunidense Andreas Huyssen, o qual defende a assertiva de que o holocausto se transformou em um dos pontos referenciais para se pensar e estudar os testemunhos históricos de grandes catástrofes, oferecendo-nos, dessa maneira, instrumentos para investigar outros traumas do nosso passado histórico³⁸³. Essa assertiva pode ser usada como argumento para enfatizarmos que podemos estabelecer comparações de emblemas e problematizações do passado recente em relação ao presente histórico de nosso país com os estudos que vão além das nossas fronteiras nacionais, visto que esses temas convergem com os debates sobre a Literatura do século XX nos quais a era dos genocídios e das catástrofes foi marcante devido à Primeira e à Segunda Guerras Mundiais. Ou seja, como sugere Seligmann-Silva, a Literatura desse período “ilumina retrospectivamente a história da literatura, destacando esse elemento testemunhal das obras” de produção literária e artística³⁸⁴.

Voltando à trajetória de Euclides da Cunha, é importante relatar que, ao retornar doente da região do massacre, ele passou quatro anos escrevendo em várias folhas de papel com letra minúscula com o propósito de ordenar o caos³⁸⁵ que havia testemunhado e anotado em sua **Caderneta de Campo (1897)**, em seu **Canudos (Diário de uma Expedição) (1897)** e nos artigos publicados no jornal **O Estado de S. Paulo**, dentre outros documentos. É interessante notar que durante o período de 03 de outubro de 1897 a 1902 o escritor ficou em silêncio, ou seja, não escreveu nenhum artigo para o jornal **Estado de S. Paulo** - o seu último artigo para esse jornal foi escrito em 1º de Outubro de 1897 e veio a ser publicado em 25 de outubro de 1897³⁸⁶. Durante esse período de silêncio de Cunha, a crueldade do massacre foi denunciada pelo monarquista baiano Afonso Arinos no jornal **Comércio de São Paulo** que, segundo

³⁸³ HUYSSSEN, Andreas. Usos tradicionais do discurso sobre o Holocausto e o colonialismo. In: HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2014. p. 184.

³⁸⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 8.

³⁸⁵ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 443.

³⁸⁶ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 176.

Ventura, retratou “a degola dos prisioneiros e o incêndio do arraial com pessoas dentro e divulgou o relatório do Comitê Patriótico da Bahia, que apontava os abusos cometidos contra mulheres e crianças”³⁸⁷. Apenas em 1902, Euclides da Cunha quebra seu silêncio por meio da obra **Os Sertões**, na qual denunciou a campanha de Canudos como um crime, conforme salientamos anteriormente, e na qual, além disso, comentou sobre seu silêncio, pedindo desculpas por não ter retratado antes a realidade do comércio das mulheres e crianças e a degola dos prisioneiros. Segundo Ventura, talvez o que lhe impossibilitou de ter relatado antes o que testemunhara tenha sido a sua saída precoce de Canudos na manhã do dia 03 de outubro, o que o impossibilitou de ter visto o massacre dos prisioneiros³⁸⁸. Entretanto, podemos constatar que, mesmo assim, Cunha, anos mais tarde, descreve em sua obra maior a degola dos prisioneiros:

A degola– Chegando à primeira canhada encoberta, realizava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente à vítima um viva à República, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na. Não raro a sofreguidão do assassino repulsava esses preparativos lúgubres. O processo era, então, mais expedito: varavam-na, prestes, a facão. Um golpe único, entrando pelo baixo ventre. Um destripamento rápido... Tínhamos valentes que ansiavam por essas cobardias repugnantes, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares. Apesar de três séculos de atraso, os sertanejos não lhes levavam a palma no estadear idênticas barbaridades³⁸⁹.

Conforme podemos observar, para a escrita da obra **Os Sertões (1902)**, Euclides da Cunha se valeu de outros documentos além das anotações da **Caderneta de Campo (1897)** e do **Canudos (Diário de uma expedição) (1897)**, que, segundo Regina Abreu, o autor começou a escrever a bordo do navio Espírito Santo³⁹⁰ e compreende, assim, as suas escritas do período de 7 de agosto a 3 de outubro de 1897³⁹¹. Além destes, Cunha tinha outros documentos como os rascunhos das cartas que enviou a amigos e autoridades. Ademais desses documentos escritos, o autor também se valeu da

³⁸⁷ VENTURA, Roberto (1957-2002). – op. cit., p. 174.

³⁸⁸ VENTURA, Roberto (1957-2002). – op. cit., p. 176.

³⁸⁹ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968. p. 424.

³⁹⁰ ABREU, Regina. **O Enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1998. p. 127.

³⁹¹ ABREU, Regina. – op. cit., p. 128.

sua experiência como grande pesquisador enquanto esteve na Bahia e de sua magnífica experiência como testemunha ocular no *front* de batalha. Cunha, quando esteve em Salvador, pôde colher muitas informações sobre aquela guerra que se arrastava desde a primeira expedição enviada a Canudos, a qual havia partido de Salvador em 04 de novembro de 1896³⁹². As visitas feitas às pessoas da Bahia e os diálogos travados com os habitantes locais quando chegou a Salvador em 07 de agosto de 1897 foram muito importantes para o autor. Conforme ressalta Ventura, o jornalista, durante sua estadia na capital baiana, visitou diariamente muitos amigos, como o marechal Bittencourt, que estava hospedado no Palácio do Governo³⁹³. Ademais, Cunha colheu muitos papéis e cadernos que foram encontrados nas ruínas de Canudos, a partir dos quais pôde escrever com autoridade sobre os poemas populares dos sertanejos que faziam alusão ao paraíso³⁹⁴. Na verdade, esses poemas eram fruto de uma crença coletiva baseada nos discursos do líder Antônio Conselheiro. Assim, essa mentalidade penetrou na memória coletiva daquele povo.

Além disso, é importante observar que, para Ventura, Euclides da Cunha “redigira grande parte de Os Sertões em São José do Rio Pardo, no interior de São Paulo, de 1898 a 1901, enquanto dirigia a reconstrução de uma ponte metálica sobre o rio” Pardo³⁹⁵. Segundo Regina Abreu,

Ao retornar da Bahia, em 1898 foi designado pela Superintendência de Obras de São Paulo para reconstruir uma ponte de ferro, erguida em 1896, que havia ruído após enchente numa pequena cidade do interior de São Paulo, São José do Rio Pardo. Percebendo que se tratava de trabalho demorado, Euclides mudou-se para seu novo posto com a família, nesse tempo composta por Ana, sua esposa, e dois filhos, Solon e Euclides³⁹⁶.

³⁹² ABREU, Regina. – op. cit., p. 175.

³⁹³ VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 163.

³⁹⁴ VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 444.

³⁹⁵ VENTURA, Roberto. – op. cit., p. 451.

³⁹⁶ ABREU, Regina. Arqueologia de um livro-monumento: Os Sertões sob o ponto de vista da memória social. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002. p. 233.

Nessa época, segundo Abreu, a cidade se orgulhava em receber um engenheiro de obras públicas, pois ele era visto como uma pessoa de prestígio, uma vez que também vinha com o compromisso de trabalhar pelo bem-estar da cidade. É preciso ressaltar ainda que, nesse período em que esteve em São José do Rio Pardo-SP, Euclides da Cunha pôde contar com a solidariedade de muitas pessoas da cidade para que pudesse com a tranquilidade do local redigir **Os Sertões**. Dentre as várias assistências recebidas, destacamos a ajuda do intelectual Francisco Escobar. Por meio de pessoas como “Lafaiete de Toledo, Adalgizo Pereira, José Honório de Silos, Valdomiro Silveira, Euclides teve acesso a livros e revistas que chegavam a São Paulo”³⁹⁷. Assim, queremos chamar atenção para o fato de que Cunha foi um grande pesquisador que, além de ter reunido bastante material no período em que esteve na Bahia para a elaboração de **Os Sertões (1902)**, tinha uma experiência única e fundamental como testemunha ocular daquele massacre traumatizante em Canudos.

Conforme podemos observar, Euclides da Cunha utiliza a expressão “notas de um diário”³⁹⁸ na obra **Os Sertões (1902)** quando apresenta as várias passagens de suas anotações que foram feitas no período em que permaneceu em Canudos. Desse modo, podemos detectar a importância fundamental do documento **Canudos (Diário de uma expedição) (1897)**, que foi considerado por Cunha como um dos seus norteadores durante a escrita da sua grande obra. Para Hardman, “nós talvez não tivéssemos o alcance e a memória sobre o massacre e sobre o que foi aquela guerra se não tivéssemos um narrador à altura do drama e da tragédia”³⁹⁹ como foi Euclides da Cunha. Bernucci considera que esse escritor “descobriu na paisagem e no homem dos sertões valores para além do certo e do errado da gramática da ciência”⁴⁰⁰. Nesse sentido, diante da importância e grandeza com que nos deparamos na leitura de **Os Sertões (1902)**, que inspirou investigações por parte de muitos intelectuais, é interessante ainda, nesta pesquisa, levar em conta outra consideração de Bernucci a respeito dessa obra:

Os Sertões fixam também nossa atenção para o drama humano que se dá no deserto em épocas de seca, reservando uma surpresa final para o

³⁹⁷ ABREU, Regina. - op. cit., p. 232.

³⁹⁸ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968. p. 352.

³⁹⁹ HARDMAN, Francisco Foot. Euclides da Cunha, dos sertões ao campo lírico. **Jornal da Unicamp**, Campinas, p. 1-7, ago., 2005 (entrevista).

⁴⁰⁰ BERNUCCI, Leopoldo M. Cientifismo e aporias em Os Sertões. In: BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). **Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 23.

grande ato dessa peça que se transforma em tragédia através do exame penetrante que o autor realiza do fenômeno Canudos e do conflito entre forças locais e militares deslocadas das principais capitais do Brasil⁴⁰¹.

Quanto à gravidade em que se inscreve o drama humano no arraial de Canudos que ia tomando proporções cada vez maiores devido ao envio de tropas no ano de 1897, Euclides da Cunha, anos mais tarde, em **Os Sertões**, chama-nos atenção para o fato de que já a terceira expedição enviada a Canudos, considerada por ele como primeira expedição regular, reuniu um contingente de 1300 combatentes que se juntaram em Queimadas com soldados vindos da Bahia, do Rio de Janeiro e com o excedente da segunda expedição que permanecera em Queimadas/Bahia e Salvador/Bahia. E, com esta organização iniciada em 03/02/1897, seguiram a Canudos “com quinze milhões de cartuchos e setenta tiros de artilharia”⁴⁰². Cunha assinala ainda que o Coronel Moreira César durante a terceira expedição zombou dos sertanejos porque, após os militares encontrarem uma simples espingarda modelo pica-pau e verificarem que ela não conseguia matar nem que se fosse um pássaro, esse comandante pôde confirmar que os conselheiristas estavam desarmados. Ele afirmou, então, “esta gente está desarmada”⁴⁰³.

Quanto à quarta expedição, Cunha ressalta que ela se organizou sob grande comoção nacional devido à gravidade dos fatos⁴⁰⁴. A respeito das tropas que seguiram a Canudos, o autor afirma que elas:

(...) deslocaram-se batalhões de todos os Estados: 12°, 25°, 30°, 31°, 32°, do Rio Grande do Sul; o 27°, da Paraíba; o 34°, do Rio Grande do Norte; o 33° e o 35° do Piauí; o 5° do Maranhão; o 4° do Pará; o 26°, de Sergipe; o 14° e o 5°, de Pernambuco; o 2°, do Ceará; o 5° e parte do 9° de Cavalaria, Regimento da Artilharia da Capital Federal; o 7°, o 9° e o 16°, da Bahia. **A mesma nota em tudo: era preciso salvar a República...** / As tropas convergiam na Bahia. Chegavam àquela capital em batalhões destacados e seguiam imediatamente para Queimadas⁴⁰⁵.

Com os vários reforços que chegavam àquela região a todo instante, Euclides da Cunha confirma que alcançaram a um momento o número de trinta batalhões, com

⁴⁰¹ Idem, p. 24.

⁴⁰² CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968. p. 227.

⁴⁰³ CUNHA, Euclides. – op. cit., p. 244.

⁴⁰⁴ CUNHA, Euclides. – op. cit., p. 272.

⁴⁰⁵ CUNHA, Euclides. – op. cit., p.279.

exceção de outros corpos militares e armas⁴⁰⁶. Dessa maneira, o que nos chama atenção ao final da obra **Os Sertões (1902)** é que o escritor procurou mostrar, detalhadamente, os horrores que aqueles sertanejos tiveram de enfrentar. Portanto, quando Cunha se refere aos vencidos, percebemos a sua inclinação aos sertanejos, os quais, diante das forças militares, como já salientamos, não tinham meios bélicos e estratégias de guerra para enfrentar as tropas. Assim, os únicos instrumentos com que contavam eram o conhecimento sobre aquela região que obtiveram ao longo de suas vidas, as armas dos soldados que haviam morrido no conflito e a forte resistência, motivada por uma fé inabalável. Neste aspecto, muitos intelectuais utilizam o argumento do messianismo como vetor principal na abordagem sobre Canudos. Sobre a temática da religião, são importantes e pertinentes as observações da historiadora Eliane Moura Silva, a qual nos chama atenção para os estudos acerca da emergência de fenômenos religiosos em grupos específicos e para as perguntas que devem ser colocadas quanto ao porquê e como surgiram crenças em “determinados momentos que determinam representações, conceitos e práticas”⁴⁰⁷. Quanto a isso, também é interessante o que Villa nos aponta:

Deve ser lembrado que, dos conselheiristas entrevistados por Euclides, nenhum fez referência ao sebastianismo, no sentido clássico que a expressão acabou adquirindo no Brasil, ou seja, na esperança do regresso do rei D. Sebastião para libertar os pobres da opressão, ao messianismo de Antônio Conselheiro – até pelo contrário, como vimos, ou ao milenarismo. O que o próprio repórter apresentou foi uma luta de resistência, como poucas na história do Brasil, em defesa de uma comunidade fundada com base na tradição cristã e sertaneja⁴⁰⁸.

Podemos notar, portanto, variáveis que constituem interpretações e enfoques dos mais diversos, oferecidos por intelectuais das humanidades, referentes ao Massacre de Canudos, a Euclides da Cunha e a Antônio Conselheiro. No caso de nossa pesquisa, a narrativa, amparada em metodologia historiográfica, com inspiração, dentre outras, na obra do historiador Paul Veyne no que se refere a enredo, tece-se, assim, no sentido de alcançar os vencidos da História por meio de investigação da obra **Os Sertões**. Essa

⁴⁰⁶ CUNHA, Euclides. – op. cit., p. 383.

⁴⁰⁷ SILVA, Eliane Moura da. O fanatismo religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas. In: SILVA, Eliane Moura da; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). **O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2014. p. 21.

⁴⁰⁸ VILLA, Marco Antonio. O “Diário de uma expedição” e a construção de **Os Sertões**. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002. p. 39.

vertente, certamente, nos reporta ao escritor da mesma, Euclides da Cunha, o qual ocupou a função da testemunha ocular do Massacre em Canudos. Este evento limite, que causou comoção nacional e, posteriormente internacional, segundo Zilly, durante o ano de 1897⁴⁰⁹, chama-nos a atenção para a investigação das fontes no propósito de recuperar os vencidos e excluídos de visibilidade histórica.

Além do desafio a que nos propusemos ao trabalhar com essa abordagem inovadora em que se sustenta nas temáticas vinculadas à testemunha ocular, Massacre em Canudos, denúncia de crime contra seres humanos pudemos observar que outras nuances referentes ao nosso objeto de pesquisa foram surgindo ao lermos *Os Sertões*. Essa leitura nos ajudou a analisar, por meio dos fios e rastros encontrados nas fontes, a ênfase que Euclides da Cunha dá às vítimas indefesas de Canudos, que não se renderam e resistiram, conforme nos lembra Alfredo Bosi em passagem que também consta em **Os Sertões (1902)**⁴¹⁰:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados⁴¹¹.

Amparados por uma crença popular de inspiração católica, os conselheiristas foram estimulados a lutar até o fim por melhores condições de vida, desdobrando-se em atos de heroísmo e coragem em prol de uma vida digna. Portanto, nossa problemática e preocupação percorreram os discursos que procuram garantir o direito à vida em sua plenitude a todo ser humano. Nesse sentido, vale atentarmos à **Declaração do Direito do Homem e do Cidadão de 1789**⁴¹², a qual contempla os direitos naturais e

⁴⁰⁹ É importante salientar que, segundo Berthold Zilly, a dimensão e a repercussão dos acontecimentos em Canudos fizeram com que muitos países ficassem ao lado do exército, conferindo, portanto, a este e ao governo federal créditos de confiança para que por meio de armamento bélico exterminassem o arraial liderado por um homem considerado “fanático”, o Antônio Conselheiro. Conferir em: ZILLY, Berthold. Uma crítica precoce à “globalização” e uma epopeia da literatura universal: Os sertões de Euclides da Cunha, cem anos depois. In: NASCIMENTO, José Leonardo (Org.). **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002. pp. 63 e 64.

⁴¹⁰ Conferir em: CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. 27 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1968. p. 458.

⁴¹¹ BOSI, Alfredo. Canudos não se rendeu. In: BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 218.

⁴¹² UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO (USP). **Declaração do Direito do Homem e do Cidadão de 1789**, de 26 ago 1789.

imprescindíveis ao homem, portanto, à vida nele depositada. Ademais, não podemos perder de vista as diretrizes que compõem a **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)** que tem nos chamado atenção quanto ao direito à vida. Quanto à **Declaração do Direito do Homem e do Cidadão de 1789** são importantes no âmbito da nossa narrativa os Artigos 1º, 2º, 10º e 12º⁴¹³, que podem ter influenciado o escritor Euclides da Cunha, mesmo que de forma indireta.

Assim, as preocupações que norteiam os estudos de historiadores no presente, comprometidos em desenvolver a operação historiográfica regida pela moral e pela ética, vão ao encontro das preocupações do historiador Edgar Decca que, motivado pelas problemáticas propostas por Pierre Nora com sua **Associação Liberdade para a História**⁴¹⁴ hoje na França, ajuda-nos a refletir acerca dos crimes cometidos contra seres humanos e contra humanidade⁴¹⁵. Dessa forma, essa reflexão nos auxilia a analisar, justamente, a construção de uma Memória oficial, no âmbito da sociedade do passado, que foi regida por homens que estiveram no poder e que, na maioria das vezes, tentaram

Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

⁴¹³ Segue em ordem o que consta nos Artigos: Artigo 1º - Os homens nascem e são livres e iguais em direitos. As distinções sociais só podem fundar-se na utilidade comum. Artigo 2º - O fim de toda a associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis do homem. Esses Direitos são a liberdade. A propriedade, a segurança e a resistência à opressão. Artigo 10º - Ninguém pode ser inquietado pelas suas opiniões, incluindo opiniões religiosas, contando que a manifestação delas não perturbe a ordem pública estabelecida pela Lei. Artigo 12º - A garantia dos direitos do Homem e do Cidadão carece de uma força pública; esta força é, pois, instituída para vantagem de todos, e não para utilidade particular daqueles a quem é confiada.

⁴¹⁴ Vale lembrar que o historiador Edgar Salvadori de Decca nomeou como “**Liberdade para a História**” a disciplina do curso de pós-graduação em História da UNICAMP nos anos de 2014, 2015 e 2016 na qual foram feitas discussões e debates acerca das problemáticas vinculadas à escrita da História no presente por parte de nós historiadores. Além disso, o professor abriu um espaço inovador com essa temática no âmbito da historiografia brasileira ao tratar de assuntos que se voltam às investigações de crimes cometidos contra a humanidade, de passados traumáticos, além de essas discussões serem uma forma de reivindicar liberdade aos historiadores que retratam temas dessa natureza.

⁴¹⁵ Vale assinalar que, segundo Celso Lafer, a qualificação técnico jurídico em relação à designação de “crime contra a humanidade” só foi possível após o constitutivo do Tribunal de Nürenberg de 1945. Lafer, ao fazer referência ao genocídio como crime contra a humanidade ele retrata que, “a base inicial da tipificação deste crime, em texto internacional, encontra-se no ato constitutivo do Tribunal de Nürenberg, de 8 de agosto de 1945. Conferir em: LAFER, Celso. **A reconstrução dos Direitos Humanos: Um diálogo com os pensamentos de Hannah Arendt**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 167.

manobrar e forjar⁴¹⁶ uma Memória de modo que ela os beneficiasse de forma ampla e irrestrita. Por conseguinte, esses homens guardaram para a ala subterrânea as vozes das vítimas que foram silenciadas no intuito de expor e fundar uma Memória oficial que acabasse por levar os passados traumáticos ao esquecimento, contemplando, dessa forma, o papel da Memória que se desdobra em suas características de recordação, de lembrança e de esquecimento.

⁴¹⁶ O historiador Marco Antonio Villa, no último subitem intitulado **As festas pela vitória** que consta do 5º capítulo de seu livro **Canudos: o povo da terra (VILLA, 1995)**, discorre acerca dos festejos que se sucederam com o extermínio do arraial de Canudos. O exército, a Igreja Católica e vários setores da sociedade Fluminense bradaram pela vitória do governo federal contra os conselheiristas de Canudos.

Considerações Finais

Dentre as várias questões que nortearam nossa dissertação vale destacar mais algumas: quais indícios presentes nos escritos de Euclides da Cunha podem nos revelar a carga emocional depositada na escrita da poesia **Página Vazia (1897)**, a qual vemos como resultado da experiência do autor enquanto testemunha ocular da Guerra de Massacre em Canudos? E, após a análise da poesia, em que medida podemos estudar os vestígios de descontentamento em Euclides da Cunha vinculado à escrita da obra **Os Sertões (1902)**, que se abre às problemáticas de um evento traumático em âmbito nacional? Norteados por essas duas questões e por outras que percorrem o fio condutor desta trama e que se desenham no estudo acerca da elaboração da obra **Os Sertões (1902)**, resolvemos durante o período de desenvolvimento da nossa pesquisa nos debruçar sobre a leitura de outros documentos históricos deixados pelo autor - **Caderneta de Campo (1897)** e **Canudos (Diário de uma expedição) (1897)**, buscando rastros e vestígios que nos ajudaram a ler o evento limite testemunhado por Euclides da Cunha como um crime identitário nacional e um crime cometido pelos vencedores contra seres humanos, conforme estudos sobre passados traumáticos têm situado crimes dessa natureza.

As investigações acerca do nosso objeto de pesquisa, a obra *Os Sertões*, e, à trajetória de Euclides da Cunha de 1897 a 1902, em que, apreendemos o autor de *Os Sertões* como testemunha ocular do Massacre em Canudos revelaram-nos a possibilidade de recuperar o banho de sangue a que as vítimas do Massacre de Canudos estiveram submetidas. Esta assertiva se faz pertinente aos estudos recentes sobre passados em conflito, passados traumáticos e passados recentes que refletem os crimes cometidos contra seres humanos, contra a humanidade. Baseamo-nos nos estudos de vários autores que corroboram com subsídios teóricos de grande relevância para que pudéssemos desenvolver a temática de Canudos no cerne dos debates sobre a importância dos testemunhos históricos de eventos catastróficos como, por exemplo, o massacre de pessoas indefesas.

Também consideramos que o curso **Liberdade para a História**, oferecido pelo professor Edgar Salvadori de Decca durante o período das disciplinas obrigatórias do Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNICAMP) nos anos de 2014 e 2015, foi fundamental para que pudéssemos aprofundar o estudo a que nos propusemos o Massacre em Canudos. Além disso, os estudos do literato Márcio

Seligmann-Silva concernentes a testemunhos históricos de pessoas que voltam traumatizadas de eventos limites após testemunharem massacres, genocídios, catástrofes - como, por exemplo, os acontecimentos nos campos de concentrações durante o Holocausto por meio da abordagem de Andrea Huyssen referente aos estudos de eventos traumáticos para além da Shoah - foram primordiais no trato de parte da trajetória de vida do escritor Euclides da Cunha e de seus testemunhos principais em nossa narrativa: a poesia **Página Vazia (1897)** e **Os Sertões (1902)**.

Salientamos ainda que diante das problemáticas que se inserem nos debates referentes à representação histórica de eventos limites, os livros do químico italiano Primo Levi **É isto um homem? (LEVI, 1947)** e **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades (LEVI, 1986)** são bastante pertinentes para se investigar estas obras como testemunhos históricos que denuncia crime cometido contra grupos humanos. Para, além disso, não perdemos de vista em nossa narrativa o estudo acerca dos efeitos do trauma inscritos em sobreviventes que retornam de eventos estarrecedores, os quais ferem a memória desses indivíduos e de outras testemunhas oculares. Além disso, essas experiências trazem consequências nocivas a essas testemunhas como deformações na linguagem enquanto depoentes, na escrita, do evento vivido. Ademais, ao mesmo tempo em que esses atores se configuram como testemunhas oculares, eles podem ser apreendidos também como vítimas daquele acontecimento.

Ademais, elencamos para nossa narrativa as fontes documentais de 1897, justamente o ano em que Euclides da Cunha foi convidado a acompanhar a quarta expedição enviada a Canudos. A partir da leitura que fizemos das fontes, com base na perspectiva do filósofo Walter Benjamin de ler a História a “contrapelo” e na metodologia de “paradigma indiciário” proposta por Ginzburg, foi possível encontrar vestígios e sinais de que a poesia **Página Vazia (1897)** pode ser lida como um documento que supõe o trauma de que Cunha estava imbuído ao retornar do *front* de batalha. Nesse sentido, os estudos do historiador Dominick LaCapra nos ajudaram, pois nos permitiram, por um lado, repensar essa temática via Literatura e, por outro, apontaram-nos a questão da linguagem e apresentaram-nos os estudos referentes à voz média. Em relação à voz ativa e à voz passiva, LaCapra nos reporta às pessoas que, ao escreverem, ou seja, ao expressarem o que gostariam, fazem-no como um alívio do trauma que carregam, colocando seus sentimentos para fora na forma escrita cuja expressão verbal podemos chamar de voz média.

É preciso deixar claro que LaCapra se baseia em um dos textos mais conhecidos do literato Roland Barthes - **To Write: Na Intransitive Verb?** (BARTHES, 1984) que consta no seu livro **The Rustle of Language** (BARTHES, 1984). Nesse texto, Barthes trata dessas questões referentes à voz média que, por ora, não buscamos aprofundar de forma categórica, deixando assim essas questões abertas para um trabalho futuro.

No que tange ao direito à vida, buscamos refletir a respeito da **Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948** como conquista histórica, e, certamente, não perdemos de vista a **Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão de 1789**, inspirada na Revolução Francesa de 1789 e que supostamente foi muito apreciada por Euclides da Cunha. Assim, pudemos problematizar a influência da Declaração de 1948 nos estudos referentes aos passados traumáticos que vêm se fortalecendo nos dias atuais. Acreditamos que a **Associação Liberdade para a História** na França sob a presidência do historiador Pierre Nora nos tenha permitido investigar e defender a representação de passados traumáticos à luz das regras investigativas que colocam em questão a relevância da História e da Memória na busca por resgatar os silêncios em que se encontram as vozes dos vencidos da História. Portanto, o comentário de Primo Levi em seu último livro **Os Afogados e os Sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades** (LEVI, 1986) é categórico para refletirmos que, se o historiador não obtiver o direito de representar os passados traumáticos em que estão inscritos os crimes contra seres humanos, como é o caso do Massacre em Canudos no Brasil, estaremos submetidos de forma passiva aos discursos dos vencedores. Estes, através da imposição de sua História e Memória, tornarão as vítimas silenciadas e humilhadas diante de sua história no processo histórico da humanidade.

O desafio em investigar a obra **Os Sertões (1902)**, e, o escritor Euclides da Cunha (1866-1909) coloca em perspectiva o cruzamento de textos e pesquisas que retratam estudos referentes a testemunhos históricos, experiência traumática, crimes cometidos contra seres humanos. Nesse sentido, devemos salientar que nosso trabalho se configura como uma pincelada nessa temática que ainda fica em aberto, pois a obra **Os Sertões (1902)** assim como Euclides da Cunha continuam passíveis de investigações ainda mais precisas e aprofundadas para que possam ser ainda mais exploradas essas temáticas tão significativas em que a Memória e o propósito enfatizado por Assmann de “lembrar para não repetir” se fazem muito necessários neste início de século XXI.

Fontes

- BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **O acervo de Euclides da Cunha na Biblioteca Nacional**. Marcia Japor de Oliveira Garcia, Vera Maria Fürstenau (orgs). Campinas/SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995. 396 p.
- CUNHA, Euclides da. Caderneta de campo. **Cadernos da Biblioteca Nacional 6**, Rio de Janeiro, 2009 (Fundação Biblioteca Nacional).
- CUNHA, Euclides da. **Canudos (Diário de uma expedição)**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. 186p. (**Coleção Documentos Brasileiros, 16**).
- CUNHA, Euclides da. **Canudos e inéditos**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 27 edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1968.
- GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). **Euclides da Cunha: Diário de uma Expedição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PONTES, Eloy. A vida dramática de Euclides da Cunha. **Coleção Documentos Brasileiros. Dirigida por Gilberto Freyre – 13**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938.
- RABELO, Silvio. Euclides da Cunha. Série A. **Coleção Estudos Brasileiros da ECB**: Rio de Janeiro, 1948.
- VENANCIO FILHO, Alberto. **A Glória de Euclides da Cunha**. Vol. 193. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1940.
- **Jornal O Estado de S. Paulo** 1897

O Estado de S. Paulo, 14 mar., 1897 – Matéria: A nossa Vendéia – Página1.

O Estado de S. Paulo, 17 jul., 1897 – Matéria: A nossa Vendéia – Página 1.

O Estado de S. Paulo, 25 out., 1897 – Matéria: Canudos – Página 1.

- MUSEU DA REPÚBLICA (Brasil). **Canudos: Imagens da Guerra**: Rio de Janeiro, 1997.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, de 10 dez 1948.
- Poesia Página Vazia (1897) INSTITUTO MOREIRA SALLES (Brasil). Euclides da Cunha. **Cadernos de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro, n. 13 e 14, 2002. p. 160-161.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO (USP). **Declaração do Direito do Homem e do Cidadão de 1789**, de 26 ago 1789. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/declaracao-de-direitos-do-homem-e-do-cidadao-1789.html>>. Acesso em: 01 abr. 2016.
- VIANA FILHO, Luís. Texto - O Fim / Quadro - Os Mortos. In: VIANA FILHO, Luís. **Euclides da Cunha - O episódio de Canudos: Pinturas de Crover Chapman**. Salamandra Consultoria Editorial: Rio de Janeiro, 1978.

Bibliografia

- ALMEIDA, Cícero Antônio F. de. **Canudos: Imagens da Guerra**. Rio de Janeiro: Museu da República, 1997.
- ALVES, Márcia Barcellos e SOUSA, Edson Luiz André de. Testemunho: metáforas do lembrar. **Psychê**, Universidade São Marcos, Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal, Universidade Federal do Rio

Grande do Sul, Associação Psicanalítica de Porto Alegre, vol.12, n. 23, dez., 2008.

- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. de Roberto Raposo/Introdução de Celso Lafer. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____ . **Da Violência: pensamento político**. Trad. de Maria Claudia Drummond Trindade. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. de Paulo Soethe. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2011.
- _____ . “Lembrar para não repetir”. **Jornal da Unicamp**, Campinas, p. 6-7, mai., 2013 (entrevista).
- _____ . Europe: A Community of Memory? **GHI Bulletin** n. 40 (Spring 2007).
- ASSMANN, Jan e CZAPLICKA, John. *New German Critique*, n. 65, **Cultural History / Cultural Studies** (Spring – Summer, 1995) pp. 125-133.
- BARTHES, Roland. To Write: Na Intransitive Verb? In: BARTHES, Roland. **The Rustle of Language**, trans. by Richard Howard. Berkeley: University of California Press, 1989.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nilolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- _____ . Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). **Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- BERNUCCI, Leopoldo M. e HARDMAN, Francisco Foot. Dispersos. In: BERNUCCI, Leopoldo M. e HARDMAN, Francisco Foot. **Euclides da Cunha: Poesia Reunida**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- BOSI, Alfredo. Canudos não se rendeu. In: BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____ . **História concisa da literatura brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

- BUENO, Rachel. **Aconteceu em agosto: casos e causos das Semanas Euclidianas**. São Paulo: Editora Casa do novo autor, 2012.
- CARUTH, Cathy. **Unclaimed Experience: Trauma, Narrative, and History**. Estados Unidos da América: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1982.
- CHAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). **Literatura e História na América Latina**. Editora da USP, 1993.
- CHIAPPINI, Ligia; DIMAS, Antonio e ZILLY, Berthold. **Brasil, país do passado?** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- CUNHA, Euclides da. **Obras completas. (vol. I)**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2009.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: (campanha de Canudos); edição, prefácio, cronologia, notas e índices Leopoldo M. Bernucci**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial / Imprensa Oficial do Estado / Arquivo do Estado, 2001.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Edição Crítica – Walnice Nogueira Galvão**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- DECCA, Edgar Salvadori de. A crise da razão na modernidade. In: DUARTE, André; LOPREATO, Christina; MAGALHÃES, Marion Brepohl (orgs.). **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- _____ . A humilhação: ação ou sentimento? In: MARSON, Izabel e NAXARA, Márcia (org.). **Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia/MG: EDUFU, 2005.
- _____ . Alteridade, moral e justiça: as implicações morais da distância, segundo Carlo Ginzburg. In: NAXARA, Márcia Regina Capelari *et al.*(orgs). **Figurações do Outro**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- _____ . A Revolução Acabou... In: DECCA, Edgar Salvadori de. **1930 O Silêncio dos Vencidos: Memória, história e revolução**. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- _____ . A sociedade rústica como modelo sociológico e território literário. In: DÉLOYE, Yves; HAROCHE, Claudine (orgs). Maurice

Halbwachs. **Espaces, mémoires, psychologie collective: la permanence d'interrogations cruciales.** Publicacion de la Sorbonne, 2003.

- _____ . Cidadão, mostre-me a identidade! **Cad. Cedes**, Campinas, v. 22, n. 58, p. 7-20, dezembro/2002.
- _____ . Euclides e Os Sertões entre a Literatura e a História. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões.** São Paulo: Geração, 2002.
- _____ . Historia a contrapelo: sobre vencedores y vencidos. In: MUDROVICIC, Maria Inés e RABOTNIKOF, Nora (coordinadoras). **Em busca Del pasado perdido: Temporalidade, historia y memória.** México: Siglo XXI Editores, Unam, 2013.
- _____ . História e representação literária: Euclides da Cunha e o mito do judeu errante. In: SILVA, Fernando Teixeira da; NAXARA, Márcia e CAMIOTTI, Virgínia. **República, Liberalismo, Cidadania.** Piracicaba/SP: Editora UNIMEP, 2013.
- _____ . Literatura em ruínas ou as ruínas na literatura? In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.
- _____ . Euclides e Os Sertões entre a Literatura e a História. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões.** São Paulo: Geração, 2002.
- _____ . Os intelectuais e a memória do Holocausto. In: LOPES, Marco Antonio (org.). **Grandes nomes da história intelectual.** São Paulo: Contexto, 2003.
- _____ . Quaresma: um relato de massacre republicano. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 8, dezembro de 1997.
- _____ . Tal pai, qual filho? Narrativas Histórico-literárias da identidade nacional. **Proj. História**, São Paulo, (24), jun. 2002.
- _____ . e GNERRE, Maria Lucia Abaurre. Trauma e história na composição de Os sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos.** São Paulo: Editora Unesp, 2002.

- DECCA, Edgar Salvadori de e LEMAIRE, Ria. **Pelas Margens: Outros caminhos da História e da Literatura**. Campinas-Porto Alegre: Ed. da UNICAMP-Ed. da UFRGS, 2000.
- DUARTE, André; LOPREATO, Christina; MAGALHÃES, Marion Brepohl (orgs.). **A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais, 4ª Expedição**. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. Os deslizes factuais de Os Sertões. **Revista Nossa História**. São Paulo, ano 2, n. 24, p. 80-85, out. 2005.
- GAY, Peter. **Freud para historiadores**. 2ª edição. Trad. de Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Trad. de Antonio Narino. Lisboa/Rio de Janeiro-RJ: Difel/Bertrand, 1989.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. Trad. de Frederico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- _____. Testis unus, testis nullus - O extermínio dos judeus e o princípio da realidade. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Trad. de Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de Violência**. São Paulo: EDUSP, 2012.
- HARTMAN, Geoffrey H. Holocausto, testemunho, arte e trauma. In: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.). **Catástrofes e representação**. São Paulo: Escuta, 2000

- HARDMAN, Francisco Foot. A poética das ruínas n' Os Sertões. In: BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). **Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- HARTOG, François. Tempo, História e a escrita da História: a ordem do tempo. **Revista de História**. São Paulo, n° 148, p. 09-34, Trad. Do Prof. Dr. Francisco Murari Pires – Departamento de História – FFLCH p. 12.
- _____. A arte da narrativa Histórica. In: HARTOG, François. **Passados Recompuestos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Editora: UFRJ / Editora Getúlio Vargas, 1998.
- _____. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Trad. de Andréa Souza de Menezes. Belo Horizonte/MG: Editora Autêntica, 2013.
- HORCADES, Alvim Martins. **Descrição de uma viagem a Canudos**. Salvador/BA: Editora da Universidade Federal da Bahia; Empresa Gráfica da Bahia, 1996.
- HUYSSSEN, Andreas. Usos tradicionais do discurso sobre o Holocausto e o colonialismo. In: HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2014.
- _____. Os direitos humanos internacionais e a política da memória: limites e desafios. In: HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. Prefácio. In. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.
- _____. Representação, evento e estrutura. In: KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.
- KUCINSKI, Bernardo. **K. Relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

- LACAPRA, Dominick. **Writing History, Writing Trauma**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001.
- _____ . Resistiendo al Apocalipsis y repensando a la historia. In: MUDROVICIC, María Inés. **Pasados en conflicto: Representación, mito y memoria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.
- LAFER, Celso. **A reconstrução dos Direitos Humanos: Um diálogo com os pensamentos de Hannah Arendt**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- LE GOFF, Jacques. História. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão *et al.* 2ª ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.
- _____ . Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. de Bernardo Leitão *et al.* 2ª ed. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp, 1992.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. Apresentação. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas**. Trad. de Theo Santiago. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Francisco Alves, 1995.
- LEITE, Leonardo Guimarães. **De Euclides da Cunha a Vargas Llosa: um estudo sobre as representações de Antônio Conselheiro na Literatura**. Santo Antônio de Jesus/BA: [s.n], 2013. (Tese de Mestrado – Universidade do Estado da Bahia / Departamento de Ciências Humanas).
- LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar. **Revista Tempo**, v. 20, 2014, p. 1-20.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?**. Trad. de Luigi Del Re. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- _____ . **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 2ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.
- LYONS, John. *Apud* CAMACHO, Roberto Gomes. Em defesa da Categoria de Voz Média no Português. **D.E.L.T.A.**, São José do Rio Preto/São Paulo, 19:1, 2003 (91-122).
- MACEDO, Nertan. **Memorial de Vilanova: depoimento do último sobrevivente da Guerra de Canudos**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1964.

- MALERBA, Jurandir. Apresentação. MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARSON, Izabel e NAXARA, Márcia (org.). **Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras**. Uberlândia/MG: EDUFU, 2005.
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **A nossa Vendéia: o imaginário social da Revolução Francesa na construção da narrativa de Os Sertões**. Campinas/SP: [s.n], 2007. (Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas).
- MUDROVCIC, María Inés. El debate en torno a la representación de acontecimientos límites del pasado reciente: alcances del testimonio como fuente. **Diánoia**. México, v. 52, n 59, pp. 127-150, 2007.
- MUDROVCIC, María Inés e RABOTNIKOF, Nora (coordinadoras). **En busca Del pasado perdido: Temporalidade, historia y memória**. México: Siglo XXI Editores, Unam, 2013.
- MUDROVCIC, María Inés (editora). **Pasados en conflicto: Representación, mito y memoria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.
- NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA. Apresentação. In: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.). **Catástrofes e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.
- NICHANIAN, Marc. A morte da testemunha. Para uma poética do “resto” (reliquat). In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime e HARDMAN, Francisco Foot (orgs). **Escritas da VIOLÊNCIA**. Vol. 1. O testemunho. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.
- NORA, Pierre e CHANDERNAGOR, Françoise. **Liberté pour l’histoire**. Paris/França: CNRS Éditions, 2008.
- NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, n° 10, p. 7-28, dezembro de 1993.
- HAAG, Carlos. O biógrafo e seus duplos. *Literatura*. **Pesquisa Fapesp 92**. Out. 2003. P.. 88-91.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HEYMANN, Luciana Quillet. O “devoir de mémoire” na França contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos. **Centro de**

Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV. Rio de Janeiro: CPDOC, Nov. 2006. 27 f. p. 6.

- HUYSSSEN, Andreas. Usos tradicionais do discurso sobre o Holocausto e o colonialismo. In: HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória.** Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2014.
- PACHECO, Anelise. **Canudos: Imagens da Guerra.** Rio de Janeiro: Museu da República, 1997
- PEREIRA, Paulo Roberto. Nota editorial. In: CUNHA, Euclides da. **Obras completas. (vol. I).** Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2009.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Discurso Histórico e Narrativa Literária.** Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- PITTA, Fernanda Mendonça. Uma historiografia em Walter Benjamin. In: PITTA, Fernanda Mendonça. **Estranha esgrima uma História da Cultura em Walter Benjamin.** Campinas/SP: 1997.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.
- POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopedia Einaudi.** Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, v. 1, 1986.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RABOTNIKOF, Nora. Mito político y memorias de la política. In: MUDROVCIC, María Inés. **Pasados en conflicto: representación, mito y memoria.** 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. de Alain François. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- _____. A Representação Historiadora – I Representação e narração. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. de Alain François. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

- _____ . O Esquecimento. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- _____ . III. O testemunho. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- _____ . III. O historiador e o juiz. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. de Alain François. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- ROIZ, Diogo da Silva. A história da História Cultural, segundo Peter Burke. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n 15, p. 235-239, jul.-dez. 2007.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs.). **Catástrofes e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime e HARDMAN, Francisco Foot (orgs.). **Escritas da VIOLÊNCIA**. Vol. 1. O testemunho. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- _____ . Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 1, p. 65-82, 2008
- _____ . O Testemunho: entre a ficção e o “real”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- _____ . Introdução. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- _____ . O imperativo dos traços. **Revista Cult**, São Paulo, ano. 17, n. 197, p. 31-35, dez. 2014.
- _____ . O testemunho de Auschwitz. **Revista Cult**. n. 203, ano. 18, jul. 2015.

- _____ . Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Proj. História**, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005.
- SILVA, Eliane Moura da; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). **O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2014.
- SILVA, Eliane Moura da. Capítulo 1. O fanatismo religioso: representações, conceitos e práticas contemporâneas. In: SILVA, Eliane Moura da; RENDERS, Helmut; CAMPOS, Leonildo Silveira (orgs.). **O estudo das religiões: entre a história, a cultura e a comunicação**. São Bernardo do Campo/SP: UMESP, 2014.
- _____ . Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 225-234, jul./dez. 2011.
- SOARES, Renata Ribeiro Gomes de Queiroz. Sobre o conceito de História em Walter Benjamin. **Vértices**, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 14, n. 1, p. 93-102, jan./abr. 2012.
- UMBACH, Rosani Ketzer. Violência, memórias da repressão e escrita. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime e HARDMAN, Francisco Foot (orgs.). **Escritas da VIOLÊNCIA**. Vol. 1. O testemunho. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. A guerra sem fim (Notas sobre O Sertão Prometido: O Massacre de Canudos, de Robert Levine). In: DECCA DE, Edgar Salvadori e LEMAIRE, Ria. **Pelas Margens: Outros caminhos da História e da Literatura**. Campinas-Porto Alegre: Ed. da UNICAMP-Ed. da UFRGS, 2000.
- VALENTE, Luiz Fernando. Os Sertões: entre a memória e a história. In: BERNUCCI, Leopoldo M. (org.). **Discurso, Ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.
- VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 1997, v. 40 n.1.
- _____ . Euclides da Cunha no vale da morte. In: FERNANDES, Reinaldo de (org.). **O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração, 2002.

- VENTURA, Roberto (1957-2002). **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha / Roberto Ventura**: organização Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Trad. de Lada Baltar e Maria Auxiliadora. 3ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.
- _____. Nem fatos, nem geometral, mas tramas. In: VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Trad. de Lada Baltar e Maria Auxiliadora. 3ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo**. Trad. de Marina Appenzeller. Campinas/SP: Papyrus, 1988.
- VILLA, Marco Antonio. **Canudos: o povo da terra**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- _____. O “Diário de uma expedição” e a construção de Os Sertões. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os Sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- WHITE, Hayden. Historical emplotment and the problem of truth. In: FRIEDLÄNDER, Saul. **Probing the limits of representation**. Harvard University Press: Cambridge/Massachusetts; London/England, 1992.
- _____. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. Trad. de José Laurênio de Melo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- _____. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- _____. Enredo e verdade na escrita da história. In: MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. Trad. de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

- ZILLY, Berthold. A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em Os Sertões. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, vol. 5 (suplemento), 13-37, Rio de Janeiro, 1998.
- _____. Palavra e Ruptura - A Guerra de Canudos e o imaginário da sociedade sertaneja em Os Sertões, de Euclides da Cunha: da crônica à ficção. In: CHAPPINI, Ligia & AGUIAR, Flávio Wolf de (orgs.). **Literatura e História na América Latina**. Editora da USP, 1993.
- _____. A história encenada em Os Sertões de Euclides da Cunha. **Sala Preta**, São Paulo, USP, v. 2, 2002.
- _____. Uma crítica precoce à “globalização” e uma epopéia da literatura universal: Os Sertões de Euclides da Cunha, cem anos depois. In: NASCIMENTO, José Leonardo do (org.). **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

**Pintura do estadunidense Crover Chapman (1924-2000) que retrata o Massacre de
Canudos
Quadro: Os Mortos**



Imagem II - Fotografia de Flávio de Barros “CANUDOS AO NORTE” presente no livro **Canudos Imagens da Guerra**. Museu da República. REF: 01.06

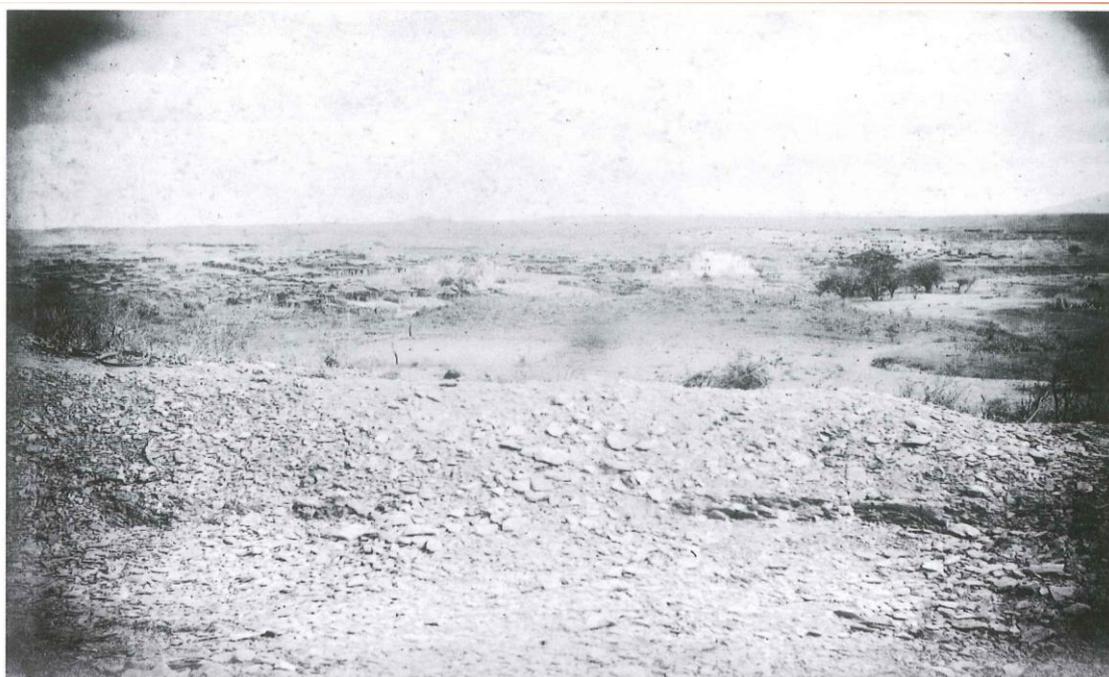


Imagem III - Fotografia de Flávio de Barros “CANUDOS A OESTE” presente no livro **Canudos Imagens da Guerra**. Museu da República. REF: 01.02



Imagem IV - Fotografia de Flávio de Barros “CANUDOS A SUDESTE” presente no livro **Canudos Imagens da Guerra**. Museu da República. REF: 02.26



Imagem V - Fotografia de Flávio de Barros “CANUDOS AO SUL” presente no livro **Canudos Imagens da Guerra**. Museu da República. REF: 01.07



Imagem VI - Fotografia de Flávio de Barros “UMA CASA EM CANUDOS” presente no livro **Canudos Imagens da Guerra**. Museu da República. REF: 02.46



Imagem VII - Fotografia de Flávio de Barros “CORPO SANITÁRIO EM CANUDOS”
presente no livro **Canudos Imagens da Guerra**. Museu da República. REF: 02.47





Imagem VIII - Fotografia de Flávio de Barros “INCÊNDIO NO ARRAIAL” presente no livro **Canudos Imagens da Guerra**. Museu da República. REF: 02.47